



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E
REGIONALIDADE

LILIANA CAINELLI CAMBRUZZI FERRETTI

“CASTIGAT RIDENDO MORES”: O HUMOR COSTUMBRISTA
NAS PÁGINAS DO PERIÓDICO A *ENCRENCA* (1914-1915),
DE CAXIAS DO SUL

CAXIAS DO SUL
2019

LILIANA CAINELLI CAMBRUZZI FERRETTI

**“CASTIGAT RIDENDO MORES”: O HUMOR COSTUMBRISTA
NAS PÁGINAS DO PERIÓDICO *A ENCRENCA* (1914-1915),
DE CAXIAS DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Letras,
Cultura e Regionalidade na Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alessandra Paula Rech.

**CAXIAS DO SUL
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

F387c Ferretti, Lilians Cainelli Cambuzzi
"Castigat Ridendo Mores" : o humor costumbrista nas páginas do
periódico *A Encrenca* (1914-1915), de Caxias do Sul / Lilians Cainelli
Cambuzzi Ferretti. – 2019.
136 f. f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2019.
Orientação: Alessandra Paula Rech.

1. Imprensa. 2. Humorismo. 3. Jornalismo - Caxias do Sul. I. Rech,
Alessandra Paula, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 070

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

**“Castigat Ridendo Mores”: o humor costumbrista nas páginas do periódico
A Encrenca (1914-1915), de Caxias do Sul**

Liliana Cainelli Cambuzzi Ferretti

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Processos Culturais e Regionalidade.

Caxias do Sul, 21 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Alessandra Paula Rech
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Maria Helena Camara Bastos
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aos que, por meio da comunicação, são
incansáveis na busca por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Sozinhos não somos nada e se hoje posso agradecer por concluir esse projeto, não só acadêmico mas de vida, é porque muitos me ajudaram nesse caminho.

A Deus por minha vida e pelas pessoas que colocou ao meu redor, família, amigos, médicos e professores.

Ao meu marido Eduardo, pelo apoio incondicional e por me segurar de pé quando meus membros e mente fraquejaram.

Aos meus pais que, desde sempre, incentivam-me a aprender e nunca deixaram de acreditar em mim. Minha mãe Nagite, por ser a melhor mãe, amiga e parceira que alguém pode querer, e meu pai, Aldo, parceiro e grande incentivador.

A minha avó Naivete, por me ouvir e rir comigo das histórias da dona Procópia. Momentos assim tornaram este trabalho ainda mais especial.

A minha família, em especial às *pluminhas*, por todo apoio, incentivo, por me ouvirem incontáveis vezes falando sobre os mesmos assuntos, por entenderem toda a falta de tempo e por nunca desistirem de estar comigo, mesmo à distância.

A minha orientadora, Alessandra Paula Rech, por todo o carinho e sabedoria e ao professor João Claudio Arendt, meu coorientador, pelas sábias contribuições e por me acolher no programa. Pela permanente e incansável disponibilidade e paciência, ao me acompanharem neste percurso. Vocês são exemplos a serem seguidos.

À coordenadora do mestrado, professora Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, e ao colegiado, por terem sido compreensíveis, solícitos, atenciosos e proativos em mais de um momento de dificuldade.

À secretária do Programa, Daniela Pioner, por todo auxílio e presteza.

A todo o quadro de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, cujas aulas tive o prazer de frequentar, bem como à própria instituição, pela troca de conhecimentos proporcionada.

Aos amigos, alunos e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

*Não tenhas medo das palavras grandes,
pois se referem a pequenas coisas.
Para o que é grande os nomes são pequenos:
Assim a vida e a morte, a paz e a guerra,
a noite, o dia, a fé, o amor e o lar.
Aprende a usar, com grandeza, as palavras pequenas.
Verás como é difícil fazê-lo,
mas conseguirás dizer o que queres dizer.
Entretanto, quando não souberes o que queres dizer,
usa palavras grandes.
Que geralmente servem para enganar os pequenos.*

Arthur Kudner

RESUMO

A presente dissertação investiga, por meio da metodologia de análise de conteúdo, de que forma o humor costumbrista está presente no *A Encrenca*, em especial na coluna *Janellises*, e em que categorias de humor o jornal opera, com vistas a contribuir para os estudos sobre o humor e imprensa regional da Serra Gaúcha. Com aporte teórico multidisciplinar, contemplando as áreas da Comunicação Social, História, Sociologia, Letras e Literatura, buscou-se contextualizar a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul dos primórdios da imigração a 1914, ano de lançamento do jornal, incluindo o surgimento e desenvolvimento da imprensa local. Também fez-se relevante o levantamento das teorias do humor, em especial, as categorias elencadas por Vladimir Propp, além de dados sobre o início da imprensa humorística no Brasil, e posteriormente no Rio Grande do Sul e na Serra Gaúcha. Com base na revisão bibliográfica, foi possível realizar a análise das representações presentes no *corpus*. Ao final deste trabalho, evidencia-se como a pena pilhérica do jornal fazia uso dos recursos humorísticos em sua produção textual com foco no costumbrismo, buscando por meio do riso colocar em discussão hábitos da sociedade.

Palavras-Chave: Imprensa. Humor. Costumbrismo. *A Encrenca*. Caxias do Sul.

ABSTRACT

The present dissertation investigates, through the methodology of content analysis, how humor is present in *A Encrenca*, especially in the column Janellisses, and in which categories of humor the newspaper operates, aiming to contribute to studies on humor and regional press of the Serra Gaúcha. With a multidisciplinary theoretical contribution, covering the areas of Social Communication, History, Sociology, Letters and Literature, we sought to contextualize the Region of Italian Colonization in Rio Grande do Sul from the beginning of immigration to 1914, year of publication of the newspaper, including the emergence and development of the local press. Also relevant was the survey of humor theories, especially the categories listed by Vladimir Propp, as well as data on the beginning of the humorous press in Brazil, and later on in Rio Grande do Sul and Serra Gaúcha. Based on the bibliographic review, it was possible to perform the analysis of the representations present in the corpus. At the end of this work, it is evident how the newspaper's mockery pen made use of the humorous resources in its textual production with a focus on *costumbrismo*, seeking through laughing to put in discussion habits of the society.

Keywords: Press. Humor. Costumbrismo. A Encrenca. Caxias do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caxias do Sul em 1910	26
Figura 2 - Ilustração de Juó Bananére no <i>O Pirralho</i>	37
Figura 3 - Banarére sendo utilizado em outros textos no jornal	38
Figura 4- Posicionamento político do <i>O Pirralho</i>	39
Figura 5 - Primeiro anúncio da tipografia de Honorino Sartori	45
Figura 6 - Anúncio na edição n.26	45
Figura 7 - Anúncio na edição n.28	45
Figura 8 - Proposta de assinatura no <i>A Encrenca</i> .	46
Figura 9 - Propostas de assinaturas no <i>Città di Caxias</i> e no <i>O Brasil</i>	46
Figura 10 - Anúncios comerciais no <i>A Encrenca</i>	47
Figura 11 - Capa original da primeira edição e cópia da versão digital impressa em A4	48
Figura 12 - Reprodução na íntegra da edição n.10	49
Figura 13 - Recado aos assinantes de fora de Caxias	50
Figura 14 - Edição n.31, com o nome do Correio Nova Milano	50
Figura 15 - Capa da edição n.28, com destaque gráfico aos dois textos que explicam a ausência do jornal	51
Figura 16 - Nota com a intenção de continuar com o jornal	53
Figura 17 - Primeira charge publicada, no Brasil, “ <i>A Campanhia e o Cujo</i> ”	74
Figura 18 - Charge de D. Pedro II	76

LISTA DE TABELA

Tabela	1- Jornais lançados em Caxias entre 1897-1914	32
Tabela	2 - Edições da coluna “Janellisces”	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CAXIAS DO SUL NA VIRADA DO SÉCULO XIX	17
1.1 URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO	17
1.2 SURGIMENTO DA IMPRENSA ESCRITA EM CAXIAS DO SUL	27
2 O JORNAL A ENCRENCA	36
3 A IMPRENSA HUMORÍSTICA	54
3.1 BREVE RESGATE DO CONCEITO DE HUMOR	54
3.2 O HUMOR NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA	72
4 CASTIGAT RIDENDO MORES - O HUMOR COSTUMBRISTA NAS PÁGINAS DO A ENCRENCA	85
4.1 A ENCRENCA ENCRENCANDO CAXIAS	86
4.2 ENCRENCAS NA JANELA - A ANÁLISE DO HUMOR NA SEÇÃO “JANELLISCES”	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Imagine-se na Caxias do Sul de 1914, em pleno mês de outubro, com as flores e aromas da primavera trazendo consigo um clima ameno, após um inverno rigoroso; ouvindo o distante barulho do trem, que há quatro anos acelera o desenvolvimento da cidade, passeando pelas ruas centrais, por onde circulam pedestres, cavalos, carroças e até alguns carros, ladeados por postes de luz elétrica, uma novidade que ilumina a Pérola das Colônias¹ desde o ano anterior. Imagine-se admirando as modernas construções que abrigam os Clubes Sociais, o Teatro e o Banco da Província, dividindo espaço com casarões antigos dos primórdios da imigração italiana na cidade, iniciada há 39 anos. Entre a diversidade de aromas, imagens e ruídos, sua visão é atraída para duas senhoras, uma debruçada à janela de sua casa, e a outra, provável vizinha, defronte, que *tchacolan*² animadas, ambas portando um jornal de nome curioso: *A Encrenca*.

O parágrafo estimula um exercício de imaginação que culmina em frente à janela de Dona Procópio, pseudônimo/personagem que assina a seção *Janellises* no jornal *A Encrenca*, em diálogos com uma vizinha, sobre as *encrencas* da sociedade caxiense de 1914/1915. A forma distinta de iniciar a introdução desta dissertação, de maneira mais descontraída do que o normal, sem no entanto comprometer a seriedade da pesquisa, justifica-se pela escolha do tema que será abordado nas próximas páginas, que é a incidência do humor no periódico, que se apresentava como “Crítico, humorístico e noticioso”. Todavia, nesta etapa introdutória da pesquisa ainda não se obtém a contextualização necessária para uma efetiva compreensão e consequente visualização da cena proposta, ao menos na perspectiva que será abordada neste estudo.

A Pérola das Colônias, como a própria denominação dá a entender, destacava-se na região de colonização italiana. Seus habitantes vivenciavam o progresso acelerado, e a sociedade local, que se fazia cada vez mais atuante em diversas áreas, foi propícia para o desenvolvimento da imprensa no período. Desde o século XIX a Serra gaúcha contou com pessoas dedicadas a propagar a informação através de impressos, e esses registros históricos hoje podem ser conferidos digitalmente no acervo digital do Centro de Memória, da Câmara Municipal de Caxias do Sul, e nos arquivos do Arquivo Histórico Municipal João Spadari

¹ Título proclamado por Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul, em 12 de março de 1897, quando usou o termo pela primeira vez em um discurso que realizou em Caxias ao falar entusiasmado sobre o desenvolvimento que via pelo esforço dos colonos na cidade.

² Em tradução livre do dialeto local significa conversam.

Adami (AHMJSA), que contemplam um acervo com edições de 74 jornais locais, além de diversos outros registros, que juntos documentam a história pela perspectiva da sociedade local.

Ao folhear qualquer periódico antigo, ainda mais quando se é um jornalista, sente-se um desejo de saber como eram realmente essas pessoas que escreviam e que eram mencionadas nas páginas hoje amareladas e desgastadas pelo tempo. Por mais que a tecnologia avance de maneira vertiginosa, podemos viajar no espaço, conhecer qualquer lugar no mundo, mas não no tempo. Independentemente de recursos financeiros à disposição, não há como voltar no tempo de forma física, no entanto, através da leitura, da literatura e da história preservada podemos chegar o mais próximo possível de períodos e lugares distintos. E os jornais são um recurso precioso que oportunizam essa viagem no tempo, possibilitando não só conhecer o contexto representado, mas também a visão de determinados grupos.

Esta pesquisa tem início motivada pela singularidade de um desses jornais, *A Encrenca*, com suas 31 edições que circularam de 11 de outubro de 1914 a 30 de maio de 1915, das quais apenas 27 estão preservadas, e que desde o primeiro olhar já instiga a curiosidade acerca de seu nome, e aumenta o interesse ao identificar seu *slogan* “Crítico, Humorístico e Noticioso”. E justamente a palavra *humorístico* indica a postura do jornal e o distingue.

Esse viés humorístico, expresso somente através da linguagem textual, destaca-o entre os demais da época na região e instiga o desenvolvimento desta pesquisa, que tem por objetivo geral identificar, através da metodologia de análise de conteúdo, de que forma o humor costumbrista³ aparece nesse veículo e em que categorias de humor *A Encrenca* opera.

O humor perpassa nosso cotidiano de forma tão espontânea, presente de tão distintas maneiras e dosagens na linguagem humana, que chega a passar despercebido. Nos acostumamos a sua presença e o consideramos tão natural que muitas vezes não o vemos como objeto de estudo científico, talvez por influência de Platão, como será visto mais adiante.

Para permitir o embasamento necessário e, desta forma, alcançar o objetivo geral proposto, elencam-se como objetivos específicos a) o resgate histórico da imprensa humorística existente na época; b) a análise das representações do contexto histórico, social e cultural de Caxias do Sul nos textos do periódico, em especial nos da coluna *Jannelisces*.

³ O Dicionário Houaiss (2009, p.562) define Costumbrismo como: “s.m. (1974) Lit em certas obras literárias, esp. espanholas e hispano-americanas, o enfoque dos costumes típicos de uma região ou país ° ETIM esp. *costumbre* +-ismo (cp. port. *costume* <lat. *co(n)suetumine*). A expressão será analisada detidamente mais adiante na pesquisa.

A pesquisa qualitativa pretende contribuir para as áreas de Jornalismo e Letras, pois estuda um veículo de comunicação, até então carente de pesquisas específicas, que faz parte da história local e por destacar um tema ainda não tanto pesquisado, como o humor na produção textual da imprensa local.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro é dedicado à imigração italiana na Serra gaúcha, contextualizando, mesmo que brevemente, o processo de imigração, o contexto da chegada e como esses imigrantes passam a ser vistos como italianos, termo que até então não era usado por esses imigrantes, que não se viam assim, já que eram oriundos de diferentes povoados de uma Itália recém-unificada. O capítulo evolui em ordem cronológica e mostra o crescimento da cidade, o processo de industrialização e o desenvolvimento da imprensa local até 1914, data de veiculação inicial do *A Encrenca*. Nesta etapa, busca-se reunir fragmentos que possibilitem conhecer o objeto de estudo, até então superficialmente abordado em pesquisas acadêmicas.

Tendo em mente que o jornal, além de uma fonte de informação sobre as notícias de uma época, nos mostra a visão do momento sob a perspectiva de quem o escreve, esse primeiro capítulo possibilita a aproximação teórica com a sociedade que viu florescer a imprensa local e interagia com o nosso objeto de estudo.

O segundo capítulo visa a investigar a imprensa humorística. Para tanto, tem início com o breve levantamento das teorias do humor, da comicidade e do riso, desde a antiguidade clássica com a censura imposta por Platão, às categorias elencadas pelo russo Vladimir Propp. Também é apontado o começo da imprensa humorística no Brasil e seu posterior desenvolvimento no Rio Grande do Sul e Serra Gaúcha.

Após a contextualização do tempo e espaço, a aproximação com os conceitos de humor, e a interação gradual com a *Encrencasinha*, apelido carinhoso utilizado repetidas vezes por seus editores, o terceiro capítulo pretende fazer uso do conhecimento adquirido nesses tópicos anteriores para identificar a incidência humorística em sua linguagem.

A Encrenca, fazendo jus ao seu *slogan*, era contundente ao criticar, principalmente, os costumes locais e zombar dos acontecimentos na sociedade. Sua pena pilhérica era amplamente usada nas páginas do periódico, e esse último capítulo busca demonstrar como o jornal faz esse amplo uso do humor em suas páginas em seções distintas. Todavia, o destaque nessa pesquisa é a “Janellises”, que semanalmente, de modo ficcional através do diálogo de duas vizinhas mencionadas no primeiro parágrafo, sintetiza a essência do jornal que busca através do humor colocar em discussão hábitos da sociedade. O capítulo encerra com a análise

da seção, com a amostragem de quatro textos, escolhidos em virtude da aproximação gradual do *corpus*, decorrente da leitura das publicações preservadas.

Em todas as transcrições feitas nesta pesquisa, optou-se por manter a ortografia e destaques gráficos originais, desta forma, preservando a integridade dos escritos, mesmo nas situações em que é visível, como um acento trocado, que a alteração não foi em virtude da gramática da época, ou do desconhecimento da grafia correta, mas apenas uma falha na montagem para a impressão.

Partindo da singularidade do *A Encrenca* em seu meio, agregado à inexistência de pesquisas aprofundadas sobre o veículo e específicas sobre o humor escrito na imprensa regional, afirma-se a necessidade e a relevância do trabalho proposto. Assim, pretendemos trazer à luz mais informações sobre o periódico que faz parte da história local e poderá servir de incentivo à realização de novas pesquisas acerca do *corpus* e da temática.

1 CAXIAS DO SUL NA VIRADA DO SÉCULO XIX

Para poder analisar a incidência do humor no jornal *A Encrenca*, faz-se necessário conhecer um pouco sobre a sociedade em que esse periódico nasceu e circulou. Para tanto, este capítulo visa a resgatar brevemente o processo da imigração italiana na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, principalmente na cidade de Caxias do Sul, tema já muito estudado pela comunidade acadêmica.

Esta primeira etapa da pesquisa contextualiza brevemente o período pré-imigração italiana, em 1875, até 1914/1915, data em que veiculou o periódico objeto deste estudo, quando a região passava por um processo acelerado de mudanças, e a população local adaptava-se à chegada do trem em 1910, à luz elétrica no ano anterior e as notícias longínquas da Primeira Guerra Mundial, que, embora distante territorialmente, era muito próxima aos que tinham emigrado e deixado familiares e amigos na Europa.

O intuito inicial é o de compilar informações tanto sobre a urbanização e a industrialização caxienses da época, quanto o surgimento da imprensa escrita na cidade, em cujo contexto estava inserida a *Encrencasinha*, forma carinhosa com que os editores chamavam o jornal desde a sua primeira edição. O *jornalzinho*, usando novamente termo recorrente dos editores, desperta curiosidade ao apresentar como objetivo “Cavar a vida pelhereando”, noticiar o cotidiano da sociedade local fazendo graça. Mas, antes de nos aprofundarmos nas páginas amareladas do semanário, regressamos a Caxias da década de 1910, berço do periódico aqui estudado.

1.1 URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO

O passado, as escolhas e a história vivida são os responsáveis por criar o que somos, e com uma cidade, uma região, não é diferente. Por isso, para compreender a Caxias do Sul de 1914, devemos ter ciência de sua formação, neste estudo focando apenas a partir de 1875, mais precisamente em maio deste ano, com a leva migratória vinda da Itália, principalmente do norte deste país, escoando pelo porto de Gênova.

É curioso mencionar que a população emigrada não se via originalmente como nação. A unificação da Itália era recente, e os imigrantes, por virem de províncias distintas, falavam distintos dialetos, e não se consideravam italianos. De Boni e Costa (2011, p.XIV) informam que poucos imigrantes conheciam a língua oficial da Itália, porque nunca precisaram se

expressar através dela: “Não seria no Brasil que haveriam de dar-se ao luxo de aprender o italiano gramatical, eles que se tornaram italianos ao deixar a pátria, pois nela se identificavam como beluneses, veroneses, vicentinos, bergamascos..., jamais como italianos.”

A Itália não estava inovando ao exportar a sua população, tanto que, de acordo com Iotti (2010), o país peninsular pertencia ao segundo grupo de nações a enviar sua população a outros continentes, mas se destacou por registrar “cifras expressivas que o apontam como um dos maiores exportadores de mão de obra barata do século XIX.” (p.20). A expatriação de italianos também não teve como destino exclusivo a Serra gaúcha, tampouco foi concentrada em 1875. Ela manteve-se por décadas, e, se pensamos na origem da colonização, não só a italiana, mas a europeia, chegaremos, de acordo com a autora, à Carta Régia de 2 de maio de 1818, que assinalava o início da imigração planejada, escolhida e subsidiada pelo poder público, que autorizava o estabelecimento de algumas famílias suíças no Brasil. Fica claro que não foram apenas italianos que vieram povoar as terras brasileiras, e no âmbito do Rio Grande do Sul, 51 anos antes dos italianos chegarem, em 1824, já desembarcavam levadas de imigrantes alemães no Vale dos Sinos, data que é tida como marco inicial do processo colonizatório com imigrantes não lusos em solo gaúcho.

A política de imigração e colonização adotada no Brasil passou por diferentes momentos, e vale salientar que o Império tinha exigências para o perfil dos imigrantes. Como nos mostra Iotti (2010, p.158), o governo queria “europeus de “sangue limpo”, para que, de forma gradativa, desaparecesse a população negra.” Mas não era qualquer pessoa que adequava-se aos requisitos do governo brasileiro, tanto que foi criado um Decreto Imperial, em maio de 1858, que:

determinava que os navios de imigrantes estavam proibidos de transportar para o Império loucos, idiotas, surdos-mudos, cegos e entevados, se não estivessem acompanhados por parentes ou indivíduos que garantissem a sua subsistência e que se comprometessem a prestar-lhes o socorro necessário. (IOTTI, 2010, p.158)

Ainda entre os requisitos estipulados pelo governo brasileiro, estavam itens como comprovar “moralidade, hábitos de trabalho, perfeito estado de saúde, e idade nunca superior a 45 anos, salvo se fossem chefe de família, preferindo-se sempre os que possuírem algum capital” (IOTTI, 2010, p.158). Outro aspecto relevante era que os imigrantes, em sua maioria deveriam ser trabalhadores rurais.

A grande maioria dos expatriados italianos apostava tudo que tinha, incluindo a própria vida, na incerteza da *cucanha*⁴, para fugir da miséria que assolava a Itália. No entanto, esses imigrantes não eram miseráveis, como afirmam Giron e Bergamaschi (2001, p.47): “Ainda que pobres, os imigrantes não eram miseráveis. Os miseráveis permaneceram na Itália, pois não tinham dinheiro para as passagens.”

O processo imigratório despertou, inclusive, o interesse da iniciativa privada, que passou a fazer a aliciação e a intermediação da vinda dos futuros colonos, atraindo a população das províncias italianas. O discurso enfatizava as possibilidades da nova terra e apresentava o Brasil como o país da *cucagna*, onde os colonos poderiam ser patrões e construir fortuna e ter mesa farta. E a Itália, que inicialmente visava apenas a diminuir o contingente populacional, começou a perceber que poderia tirar vantagem nesse processo. Para tanto, a partir de 1888, tornou-se de grande importância o trabalho de cônsules e diplomatas nas regiões colonizadas no Brasil. Eles eram os responsáveis tanto por registrar informações e impressões sobre as áreas em que exerciam suas atividades, quanto por enviar seus relatórios a Roma. O governo italiano objetivava orientações para melhor tirar proveito da política comercial em prol da Itália.

Já estabelecidos, mesmo sobrevivendo com dificuldades e estando distantes 66 quilômetros da cidade mais próxima, São Sebastião do Caí, e mais de 150 quilômetros da capital Porto Alegre, destes cerca 60 quilômetros pelos rio Guaíba e Caí, trajeto que chegava a levar uma semana, os colonizadores acabaram obrigados a permanecer na região e, como afirmam Giron e Pozenato (2004, p.17), “Pode-se dizer que esse isolamento possibilitou o surgimento de uma sociedade *sui generis*, que guardou por mais tempo que as outras suas especialidades regionais, o que acabou por definir os rumos de sua organização e cultura”.

A precariedade das estradas e as condições em que viviam os emigrados são explicitadas em relatos do cônsul italiano no Rio Grande do Sul, Enrico Perrod, que atuou no estado de 29 de julho de 1882 a 15 de setembro de 1883:

“Tomava-me de coragem ao pensar no heroísmo de nossos primeiros colonos [...] a colonização foi difícil. As histórias sobre os primórdios da colônia causam tremores” (DE BONI, 1985 p.26-27).

O cônsul, assim como outros representantes do governo italiano enviados às colônias, assumem um tom laudatório ao falar dos imigrantes: “Requer-se mesmo toda a força de nosso

⁴ De acordo com o descendente de italianos oriundos de Belluno, Aldo Cambuzzi, *cucagna* era a cesta que ficava no alto de um pau de sebo escorregadio, e nas festas coloniais quem conseguisse subir e alcançá-la, ganhava a cesta farta. Para os futuros imigrantes, o Brasil seria a terra da *cucagna*, ou seja, a o lugar da fartura.

caráter, capaz de suportar todos os sofrimentos e privações que, posso garantir, já desponta vigorosa e anunciando um esplêndido porvir [...]” (DE BONI, 1985, p.107). Ele também faz referência à determinação dos italianos, frente às tentativas fracassadas dos imigrantes franceses e alemães de povoar a região.

Desde 1868, alguns colonos alemães arriscaram-se a ir desmatar aquelas selvas, mas todos acabaram retrocedendo [...], o governo providencial deliberou, em 1871, povoar por sua conta essa zona da província esquecida no meio da floresta e habitada por animais ferozes, mas foi somente no ano de 1874 que pode levar a cabo empresa tão corajosa [...], vieram 48 franceses, assistidos por todos os auxílios [...], mas também estes se retiraram, logo que acabaram as antecipações e sem que houvessem abatido uma árvore sequer” (DE BONI, 1985 p.26-27).

O discurso laudatório também é visto no excerto a seguir, retirado da edição fac-símile do Cinquentenario Della Colonizzazione Italiana Nel Rio Grande Del Sud, de 1925:

Fuori della patria, la nostra qualità principale, essenziale, apariscente é quella di essere italiani, e come tale siamo fatti segno alla lode ed al biasimo; perché l’azione che noi spieghiamo, l’energia economica, intellettuale e morale che noi sviluppiamo in seno alla società brasiliana, non é azione o energia politica, che non ha valori fuori d’Italia, ma azione ed energia sociale, come valore demográfico, como valore familiare, como valore economico, che si trasformano gradativamente in aumento della popolazione agricola ed industriale, in fattori morale atti a far decrescere la criminalità; valori che a loro volta determinano il progresso del paese che ci ospita ed il benessere di noi stessi. [...] (CICHERO, 1925 fac-símile 2000, 444).⁵

Esses emigrados começam a se organizar e, logo, costumes medievais, como reunir-se em espaços públicos para negociar ou trocar produtos, renasceram na Colônia, e nos lotes começaram a ser cultivadas árvores frutíferas, como pereiras, laranjeiras, bergamoteiras, caquizeiros e marmeleiros. Os frutos eram consumidos *in natura* ou geravam geleias e chimias⁶, e a produção era para consumo familiar, mas o excedente podia ser negociado, ou trocado, no mercado local. “Os colonos, acostumados às feiras europeias, retomaram os costumes de vender seus produtos na praça. Na feira da praça Dante Alighieri, situada no centro geográfico da sede da Colônia” (GIRON; BERGAMASCHI, 2001, p. 61).

A vitivinicultura também cresceu: “o vinho produzido artesanalmente, na cantina caseira, passou a ser fabricado por estabelecimentos vinícolas, que foram montando

⁵ Tradução livre:

Fora de nosso país, nossa qualidade principal, essencial e imparcial é ser italiano e, como tal, somos marcados pelo elogio e pela culpa; porque a ação que explicamos, a energia econômica, intelectual e moral que desenvolvemos na sociedade brasileira não é ação política ou energética, que não tem valores fora da Itália, mas ação e energia social como valor demográfico, como valor familiar, como valor econômico, que gradativamente se transforma em aumento da população agrícola e industrial, em fatores morais capazes de diminuir o crime; valores que, por sua vez, determinam o progresso do país anfitrião e o bem-estar de nós mesmos.[...]

⁶ Doce parecido com a geleia, mas mais pastoso e normalmente com pedaços da fruta.

verdadeiro complexo de atividades, desde parreiras até tanoarias, vidrarias, empalhamento de garrafões” (IOTTI, 2010, p. 78-79).

Em outro trecho, extraído de relatos de Enrico Perrod, ao referir-se à produção agrícola da colônia, o cônsul destaca a qualidade da produção das uvas e vinhos dos imigrantes:

Em Porto Alegre, o vinho das colônias vai cada vez mais substituindo o vinho tinto de Bourdeaux e aquele vinho forte de Portugal. Em poucos anos estas colônias já poderão abastecer os países vizinhos [...] de quem será a glória e o lucro? Exclusivamente dos colonos italianos e tirolezes, visto que os alemães e brasileiros não entendem deste ramo, e, nem querem dedicar-se a ele [...] DE BONI, 1985, p.26-27).

Mal sabia Perrod que ele estava acertando nas previsões e que os vinhos da região ganhariam destaque não só no âmbito nacional, como internacional. Mas o que chama a atenção é que não demorou tanto pra isso acontecer, já que, em 27 de setembro de 1911, “o jornal *O Correio do Povo* denunciava a escandalosa falsificação dos vinhos rio-grandenses no Rio de Janeiro.” (COSTA; GARDELIN, 1993, p.227) E alguns anos mais tarde, as associações de comerciantes já buscavam mobilizar-se para tentar impedir isso, como os autores relatam que, em 8 de maio de 1918, “A Associação dos Comerciantes de Bento Gonçalves sugere à co-irmã de Caxias medidas para evitar a falsificação de vinhos gaúchos no Rio de Janeiro e São Paulo” (1993, p.216).

Com o passar dos anos, o comércio vai estruturando-se, mais estradas são abertas e mais e mais pessoas, imigrantes italianos e comerciantes, antes radicados em outras localidades, passaram a viver na cidade e no seu entorno. Giron e Bergamaschi destacam que, em 1878, “a sede Dante, área urbana de Caxias, contava com 800 famílias, compostas de 3.880 pessoas, de diversas nacionalidades: alemã, boêmia, polaca e francesa, e 2.315 eram italianas” (2001, p. 58). A Pérola das Colônias, apelido proclamado por Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul, em 12 de março de 1897, cresce a passos largos.

O sentimento de pertença ao mesmo grupo tem o incentivo, mesmo que inconsciente, dos habitantes locais que os imigrantes encontram. Ou seja, os brasileiros e luso-portugueses, com quem os futuros colonos têm contato na chegada ao Rio de Janeiro e no solo gaúcho, tratam-nos como italianos, e lentamente essa nomenclatura passa a fazer parte dessas pessoas.

Ao mesmo tempo em que os italianos precisam adaptar-se à nova terra, eles também se esforçam para manter as próprias tradições, entre elas a religiosidade. Iotti ressalta que o isolamento, decorrente da distância entre os lotes, era quebrado quando se reuniam para rezar.

“Rezavam o rosário⁷ sob uma árvore ou na casa de algum morador, por ocasião de uma festa ou um enterro ou, ainda, na cozinha quando se encontravam para o filó.⁸ [...] O fantasma da solidão no meio da mata foi se distanciando” (2010, p.77).

Destacando o papel unificador da religião, Ribeiro chega a afirmar que “Os emigrados para o Rio Grande do Sul são católicos, antes mesmo de serem italianos” (2005, p.22), o que demonstra a força da religiosidade, que será também explícita na imprensa local. A autora ainda complementa que as falhas do sistema de atendimento de governo, que deixava os emigrados desassistidos, aliada às condições precárias a que estavam expostos, fizeram com que “o meio físico fosse o grande opressor, gerando sentimento de medo e solidão e, paradoxalmente fazendo nascer um sentimento de solidariedade, de espírito de comunidade, até certo ponto incomuns nesse grupo étnico” (2005, p.12).

A importância do filó como elemento de coesão do grupo, além de contribuir para manter inalterado um costume secular, é ressaltada por Ribeiro ao afirmar que “esses encontros fortaleciam os laços de parentesco ou de amizade e propiciavam o início de namoros, tema que será muito recorrente no *A Encrenca*, além da manutenção de determinados padrões de comportamento” (2005, p.15). Manter vigentes as tradições que tinham na Itália ajuda os imigrantes a formarem a sua identidade e também a se diferenciarem dos outros grupos locais. Esse desejo, agregado às necessidades impostas pela nova terra, possibilita o surgimento de uma nova identidade aos imigrantes italianos. O país encontrado pelos milhares de emigrados não era a Cocanha prometida, mas ele era visto como uma oportunidade, um lugar melhor, se comparado àquele que deixavam para trás.

Também contribuiu para a sensação de pertencimento ao mesmo grupo, ou seja, aos italianos, o trabalho desenvolvido pelos cônsules e agentes consulares. Nos discursos laudatórios produzidos por eles, fica clara a preocupação em incentivar o patriotismo italiano entre os colonos aqui radicados. Claro que, como visto anteriormente, a intenção desse sentimento positivo com relação à pátria-mãe visava benefícios comerciais com a Itália, como pode ser conferido em relatório de Luigi Petrochi⁹, escrito entre 1904 e 1906:

⁷ É formado por uma série de pequenas contas que significam sequências de orações associadas aos mistérios da vida de Jesus Cristo. O conhecido terço é uma parte do rosário.

⁸ Encontro social entre vizinhos, realizado a noite, depois da reza do terço, quando contavam histórias, conversavam, trabalhavam e cantavam.

⁹ Iotti destaca que “No levantamento realizado nas publicações do Ministério dos Negócios Exteriores da Itália, foram localizados apenas os trabalhos de dois agentes consulares: Luigi Petrocchi e Umberto Ancarani.” (2010 p.98)

A autora complementa que:

“Luigi Petrocchi e Umberto Arcarino foram os únicos agentes consulares italianos no Rio Grande do Sul, que no período de 1875 a 1914, tiveram seus relatórios publicados pelo Ministério dos negócios Exteriores da Itália.[...]”

[...] o sentimento de italianidade, embora à vista pareça adormecido, encontra-se radicado no fundo do ânimo dos colonos. [...] é reconhecida a importância da escola italiana nesse estado, visto que só por meio da escola mantém-se vivo o culto das memórias pátrias, cultivam-se o espírito e a mente, difundem-se a língua e a cultura italiana [...] (apud COSTA, 1992, p.55).

Em outro relatório, Petrochi destaca a relevância da escola italiana como meio para reforçar o sentimento de identidade do imigrante: “[...] um local onde se ensinava a amar a pátria de origem e a de adoção [...], respondia à missão regeneradora da juventude, a qual, sem instrução, acabaria por viver uma existência brutalizada, e não constituiria um povo orgulhoso de bom nome de sua pátria de origem [...]” (COSTA, 1992, p.113).

Petrochi ainda exemplifica outra situação, para mostrar como os outros, ou seja, os brasileiros, viam os descendentes como um grupo: “Não raro tem acontecido que o delegado de polícia, antes de mandar prender algum menor italiano de má conduta, tenha vindo pedir o parecer da agência consular” (COSTA, 1992, p.56).

Mesmo que a intenção dos representantes do governo italiano fosse, principalmente, a de manter e aprimorar relações econômicas, vendo os “imigrantes como mercadoria e como cidadãos de segunda categoria que, se não fossem acompanhados de perto, poderiam naturalizar-se renunciando à pátria-mãe e, conseqüentemente, deixando de ser um consumidor em potencial” (IOTTI, 2010, p.143), o efeito e a influência desses agentes contribuíram para reforçar o sentimento de pertença dos colonos ao Brasil.

A região colonizada estava distante, geograficamente, dos demais centros urbanos do Rio Grande do Sul, mas, mesmo mantendo contatos comerciais e já tendo muitos habitantes de outras etnias na região, o compartilhamento de costumes, da religião e da língua, com suas diversas variações dialetais, e a interferência dos agentes consulares, foram fatores de grande importância para a criação da identidade do imigrante italiano.

Caxias do Sul, hoje, é a segunda maior cidade do Rio Grande do Sul, atrás apenas da capital Porto Alegre, e é considerada o segundo maior polo metal-mecânico do Brasil. Mas o longo caminho percorrido para alcançar esse posto remonta, como brevemente demonstrado, ao início da colonização e ao trabalho realizado por sua população.

Regressando aos primórdios da imigração, resgatamos a informação das autoras Giron e Bergamaschi de que nem todos os imigrantes que vieram para a Região de Colonização

Ambos vieram ao estado como professores subsidiados pelo governo italiano. Fato que, talvez, explique o envio desses documentos, já que os demais agentes consulares não mantinham esse tipo de vínculo com a Itália. Porém, apesar de serem agentes consulares e, portanto, não pertencerem à carreira diplomática nem às elites dirigentes, Arcani e Petrocchi revelam, em seus relatórios, um discurso semelhante ao dos cônsules reais italianos que possuíam títulos nobiliárquicos.” (IOTTI, 2010, p.98)

Italiana no Rio Grande do Sul (RCI) eram agricultores: “Na Europa, alguns moravam em cidades dedicando-se a vários ofícios e profissões. Cerca de 30% do total dos imigrantes tinha outra profissão que não a de agricultor” (2001, p.47). Esse dado confirma que também vieram expatriados com ofícios variados, o que contribuiu para desenvolver a futura indústria local. Giron e Pozenato (2004) ressaltam, ainda, que, para cumprir essas metas propostas, muitos imigrantes registravam-se como agricultores, ocultando suas verdadeiras profissões, como sapateiros, artistas e mesmo professores, para serem aceitos na nova terra.

A historiadora Maria Abel Machado reproduz uma classificação apresentada por Piero Brunello, que categoriza os imigrantes em três grupos distintos quanto às suas atividades laborais:

[...] o primeiro grupo pertencia aos que trabalhavam diretamente na terra, cultivando produtos agrícolas; o segundo grupo pertencia aos que moravam nas aldeias e conheciam ofícios diversos, e o terceiro grupo era formado pelos trabalhadores andarrilhos, que se dedicavam a fazer de tudo, como consertos em geral e pequenas tarefas.(2001, p.80).

As habilidades e conhecimentos, o domínio de técnicas e o contato com a industrialização italiana antes de emigrarem contribuíram para desenvolver o que seria a futura indústria local. Um exemplo disso, de acordo com Machado (2001), é que a primeira tecelagem local, fundada em 1894, em Galópolis, deu-se por um grupo de operários oriundos da cidade de Schio, que fugiram ao Brasil em 1891, após serem perseguidos por participarem de um protesto gerado pela redução de 20% em seus salários.

A população crescia rapidamente e, em 20 de setembro de 1878, apenas três anos após o início da imigração italiana, a Colônia Caxias já tinha 3.881¹⁰ habitantes: “na sede estavam instalados dez armazéns de secos e molhados, três açougues, quatro padarias, duas sapatarias, uma alfaiataria, uma barbearia, duas ferrarias e duas carpintarias.¹¹”

Cinco anos depois, em 16 de março de 1883, “a população da Colônia Caxias atinge o número de 10.000, sendo dois terços italianos” (COSTA; GARDELIN, 1993, p. 221). Machado (2001) completa que, nesse ano, Caxias abrigava 92 casas de comércio, 39 moinhos e 61 oficinas. A historiadora remete a um recenseamento feito em 1890, que demonstrou existirem fábricas de licores, cervejarias, padarias, serrarias, moinhos, curtumes, ferrarias, olarias, funilarias, carpintarias e mercearias, e que “uma das características dos comerciantes e fabricantes da época era conjugar as atividades mercantis e industriais. Produziam e ao mesmo tempo comercializavam os seus produtos” (2001, p.83).

¹⁰ Costa e Gardelin. Efemérides (1993, p.227).

¹¹ Memórias nº 15 - Nov. 1993. Publicação do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Por se destacar por cultivos variados, Machado (2001) ressalta que Caxias transformava-se rapidamente em um centro de intensa produção agrícola, e que, por promover o escoamento desses materiais, os comerciantes tiveram grande crescimento econômico, infelizmente à custa do trabalho dos colonos, que não calculavam a mão de obra familiar nas vendas.

Em cada travessão, em cada núcleo colonial surgiam ferreiros, seleiros, funileiros, pedreiros, oleiros, sapateiros, alfaiates, marceneiros. serrarias e moinhos foram levantados para beneficiar grãos e madeiras. Mascates percorriam as linhas, levando mercadorias e novidades; tropeiros e carreteiros, com suas mulas bruaqueiras e carretas, levavam e traziam produtos entre os centros consumidores e os portos fluviais: personagens conhecidos nesse mundo medido em estações e safras. O contato com o gaúcho possibilitou trocas de mercadorias, de conhecimentos e de costumes (IOTTI, 2010, p. 78).

O desenvolvimento local levou ao aumento do espaço urbano, que foi concebido, originalmente, apenas para atender as necessidades administrativas da colônia. Esse perímetro “transformou-se num entreposto comercial na região, e o espaço urbano a ele destinado tornou-se insuficiente para atender ao crescimento que estava acontecendo, obrigando as autoridades municipais a ampliar sua área territorial [...]” (MACHADO, 2001, p.65). Com o passar do tempo e o crescimento constante, mais ruas eram abertas nas proximidades.

Em 12 de abril de 1884, a localidade é anexada a São Sebastião do Caí, como 5º Distrito de Paz e, poucos dias depois, em 26 de abril do mesmo ano, pela lei nº 1455, é elevada à freguesia. O ano de 1890 é marcado por grande evolução local, a começar por 1º de maio, quando a Junta Municipal de São Sebastião do Caí pronuncia-se favoravelmente à emancipação do 5º Distrito de Caxias, objetivo alcançado pelo ato 257, de 20 de junho, desligando-se de São Sebastião do Caí.

Em 23 de agosto, os imigrados iniciam três dias de festejos pela instalação do Município de Caxias, sendo que no dia 24, é inaugurada a 4ª Exposição Agrícola e Industrial. Na semana seguinte, em 29 de agosto, é inaugurado o Paço Municipal. Para concluir o agitado ano de 1890, em 19 de novembro, Rodolfo Félix Laner e Hugo e Angelo Chitolina recebem o encargo, de parte da Junta Municipal, de recolher produtos para representar Caxias na Exposição Continental em São Paulo.

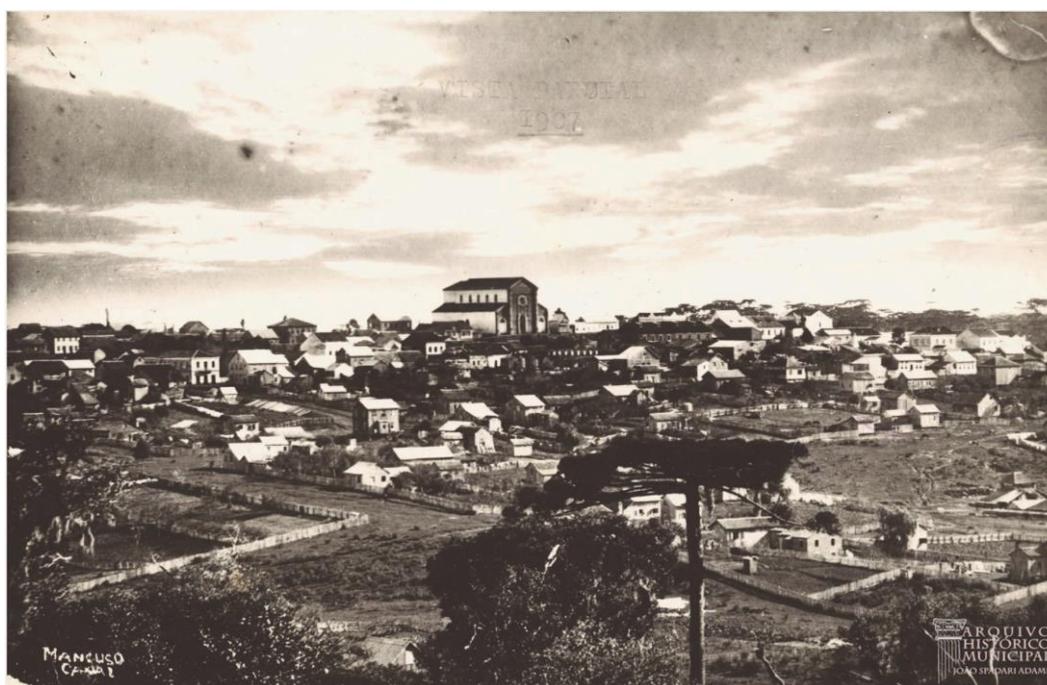
Os próximos anos são de mudanças profundas, incluindo a destituição do governo Municipal por uma revolução popular, em 26 de novembro de 1891, e posteriormente, em 5 de julho de 1892, a nomeação pelo Governo do Estado do primeiro intendente de Caxias, na pessoa de Antonio Xavier da Luz. Avançando uma década, em 7 de outubro de 1892, a intendência de Caxias aplaude a decisão de Julio de Castilhos de abrir concorrência para o prolongamento da estrada de Ferro, de Novo Hamburgo à cidade. Foi uma decisão que alterou

a perspectiva econômica, mesmo com a promessa de Julio de Castilhos, em 1895, em visita à cidade, de que a almejada ferrovia seria uma realidade em breve. Machado destaca que as obras de construção entre Montenegro e Caxias foram iniciadas em 1904, com previsão de serem concluídas em três anos, mas “muitas foram as dificuldades e os entraves sofridos durante sua construção e só pôde ser inaugurada em 1º de junho de 1910” (2001, p. 181).

Caxias chega ao século XX com um avanço no comércio, com a fundação, em 8 de julho de 1901, da Associação dos Comerciantes na Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles. A entidade hoje se denomina Câmara da Indústria e Comércio de Caxias do Sul (CIC).

Em 4 de setembro do mesmo ano, a comunidade presencia a colocação da primeira estaca da Estrada de Ferro que, partindo de Montenegro, deverá atingir a Vila de Santa Teresa de Caxias e, em 1º de junho de 1910, assiste à inauguração da estrada de Ferro e a elevação da Vila de Santa Teresa a cidade, passando a denominar-se Caxias do Sul.

Figura 1 - Caxias do Sul em 1910



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Consolidando-se como referência regional, em 27 de fevereiro de 1913, Caxias realiza a 7ª Exposição Caxiense, da qual também participam cidades como Antônio Prado, Bento Gonçalves, Guaporé e Garibaldi. E em 13 de maio do mesmo ano, a luz elétrica chega à cidade e há solenidade de inauguração do fornecimento pelo Banco da Província do Rio Grande do Sul.

Com a estrada de ferro e a iluminação elétrica, modificações ocorrem na economia de Caxias. Giron e Bergamaschi (2001, p.96) relatam que essa energia fez a vida da população se transformar: “As casas comerciais puderam então ampliar seus horários de funcionamento, e os caxienses tiveram mais facilidade para sair à noite”. As autoras trazem ainda a informação de que nessa época a cidade “já contava com 122 lâmpadas de 30 velas e quatro com arcos de 1.000 velas”.

Caxias, que já contava até com cinema e teatro, foi palco perfeito para que, em 11 de outubro de 1914, circulasse pela primeira vez o jornal humorístico *A Encrenca*, de Honorino Sartori.

1.2 SURGIMENTO DA IMPRENSA ESCRITA EM CAXIAS DO SUL

“Dalle mie memorie non risulta che prima del
1890 abbia esistito qualche giornale italiano.”
12

Cichero

A memória de Cichero, reproduzida na epígrafe que abre esta seção, expressa na abertura da edição Cinquentenario Della Colonizzazione Italiana Nel Rio Grande Del Sud, em 1925, estava correta, pois a imprensa local teve início apenas em 1897, em Caxias, muito em decorrência, como apontam Giron e Pozenato (2004), do interesse dos emigrados em saber notícias do que acontecia na Itália e, conseqüentemente, com os familiares que lá estavam.

Para escrever sobre a imprensa da RCI, torna-se imprescindível ter como base as pesquisas das historiadoras Kenia Maria Menegotto Pozenato e Loraine Slomp Giron que, entre muitos textos e artigos sobre a região, produziram o livro *100 anos de imprensa regional 1897-1997*. A obra contempla o surgimento da imprensa local, seu desenvolvimento, bem como o período de 1914 e 1915, quando circulou nosso objeto de estudo, *A Encrenca*.

A princípio, os primeiros jornais eram importados da Itália ou trazidos de São Paulo, mas não demorou para que os colonos passassem a se interessar também pelo que acontecia na nova terra, visto que, a partir de 1891, com a naturalização em massa, muitos passaram a, inclusive, participar do cenário político, o que motivou o surgimento de jornais locais de viés político-partidário.

A divulgação das necessidades, dos valores, das crenças e da cultura das sociedades ganhou um forte aliado no meio da palavra escrita, com o surgimento dos

¹² Tradução livre: De minha memória não parece que antes de 1890 houvesse algum jornal italiano.

periódicos, o que veio permitir a garantia de uma informação mais segura e igual para todos. A palavra impressa apresenta uma força de veracidade que o discurso oral não possui, pois pode ser conferida, o que não acontece na oralidade (GIRON; POZENATO, 2004, p.13).

Vale ressaltar, como revela Ribeiro, que o florescimento da imprensa escrita na região, pensando no estágio em que a comunidade se encontrava, aliado à criação de escolas pelas ordens religiosas que prestavam assistência aos emigrados, não tirou a força e a função da linguagem oral, tampouco a enfraqueceu: “porquanto os falares dialetais continuaram sendo o instrumento mais habilmente manejado para a expressão dessa cultura. Isso vale dizer que poucos são os que lêem o jornal ou que frequentam a escola” (2005, p.17). A autora ainda destaca que apenas um pequeno número de leitores tiveram acesso aos jornais inicialmente, fosse por condições econômicas ou por problemas de alfabetização. E esses leitores tornaram-se multiplicadores dos textos de forma oral aos demais:

Il giornalismo coloniale

Cosa rappresentano su pel vasto terriorio del Rio Grande tutte le istituzioni italiane, qualunque nome e scopo esse abbiano, e con gli odii e ogli amori, coi difetti e le virtù che esse traducono dagli individui? Il trionfo dell’italianità!

La stampa italiana, di conseguenza, che é il portavoce di queste istituzioni, delle quali ridice le benemerenze a mezzo della parola scritta, non rispecchia che il trionfo dell’italianità, come tutti noi la sentiamo lontani della patri(CICHERO, 1925 fac-símile 2000, 444¹³).

Retornando ao ano de 1879, Giron e Pozenato relatam que “a região já contava com 83.552 habitantes nos municípios que se originaram das antigas colônias” (2004, p.29), sendo que, desse total, 21.927 residiam em Caxias, um percentual de 26,24% do contingente.

Com uma população expressiva e os distritos já tornados municípios, agregados à informação da existência de tipografias¹⁴ (GIRON; POZENATO, 2004), a imprensa encontrou solo fértil na região, e não demorou para que começassem a circular os primeiros jornais na cidade¹⁵.

¹³ Tradução livre: O Jornalismo Colonial.

Que todas as instituições italianas representam no vasto território do Rio Grande, seja qual for o nome e a finalidade que possuam, e com ódios e amores, com os defeitos e virtudes que eles traduzem dos indivíduos? O triunfo da italianidade!

A imprensa italiana, conseqüentemente, é o porta-voz dessas instituições, paga os méritos por meio da palavra escrita, e não reflete o triunfo da italianidade como todos nós nos sentimos distantes do país.

¹⁴ “Nessa época a composição de um jornal era realizada de forma primitiva e manual. As gráficas operavam com tipos móveis de metal, feitos com uma liga antimônio, chumbo e estanho, a mesma inventada por Gutenberg durante a Renascença.” (GIRON; POZENATO, 2004, p.30)

¹⁵ Os originais estão no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJA), mas as versões digitalizadas, em sua maioria, podem ser conferidas no link Centro de Memória Câmara Municipal de Caxias do Sul, disponível em www.camaracaxias.rs.gov.br.

Sobre os processos técnicos da época, Giron e Pozenato explicam que “a composição de um jornal era realizada de forma primitiva e manual. As gráficas operavam com tipos móveis de metal, feitos com uma liga de antimônio, chumbo e estanho, a mesma inventada por Gutenberg durante a Renascença.” (2004, p.30) As autoras complementam que:

A composição era realizada com o auxílio de um instrumento chamado componedor, uma espécie de régua que formava os tipos enquanto o tipógrafo realizava a montagem do texto. Tornava-se lenta e difícil, portanto, uma composição muito extensa; já que os tipos tinham que ser colocados um a um no componedor, as palavras eram montadas letra por letra, separadas entre si por um tipo vazio (sem letra), e o texto devia ser organizado linha por linha, até construir uma folha completa (2004, p.30).

Com o tempo, as oficinas tipográficas passaram a usar maquinário importado da Europa, o que melhorou suas condições técnicas e inclusive possibilitou a inclusão de desenhos nos impressos. “No caso de haver algum desenho ou algum tipo de imagem, como a fotografia, este era reproduzido em clichês (chapas de zinco, cuja gravação é feita com fotogravura, a traço ou a meio-tom)”(GIRON; POZENATO, 2004, p.31).

Vale ressaltar que conseguir bom tipógrafos para trabalhar era difícil, pois a profissão exigia que o profissional soubesse ler muito bem, além de ser capaz de fazer a montagem das palavras ao contrário, como se fosse um negativo fotográfico. Em Caxias do Sul, uma das maiores tipografias foi a Mendes, fundada em 1908, por Américo Ribeiro Mendes, que serviu como escola para muitos futuros tipógrafos. Antes da fundação da tipografia, Mendes foi sócio diretor-fundador do jornal humorístico *O Tagarela* (1907 a 1908) e também do periódico *O Brazil* (1909 a 1924). Em depoimento a Liliana Henrichs, no *Histórias da Imprensa em Caxias do Sul*, o irmão mais novo de Américo, Saturno Ribeiro Mendes, destaca que era tudo manual e que o trabalho do tipógrafo era grande: “Naquele tempo, o era difícil trabalhar em tipografia, então a gente procurava formar pessoas. [...] Todas essas gráficas aqui de Caxias surgiram de gente que trabalhou lá... Ninguém sabia deste ofício.” (1988, p.17) Ele ainda conta que quando se tratavam de anúncios, o tipógrafo fazia a chapa, com imagens ou não, e se fosse para mais de uma inserção, mantinha-se o tipo, pois, do contrário, assim que saísse o jornal, já se desmanchavam as chapas utilizadas para fazer outros.

Enquanto no âmbito nacional, e mesmo sul-rio-grandense, a imprensa passava a adotar uma linha mais mercantil, na RCI, a linha editorial tem início de forma altamente política. Segundo Giron e Pozenato (2004), *O Caxiense*¹⁶, primeiro jornal local, que circulou de 15 de outubro de 1897 a abril de 1898, era dirigido por um brasileiro, Júlio Campos, e tinha como

¹⁶ Na seção anexos (Anexo A), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *O Caxiense*.

proprietário o Doutor Augusto Diana Terra, que mantinha vínculos com o Partido Republicano. *O Caxiense*, que se autointitulava *defensor das colônias italianas e orgam republicano*, “[...] pretendia ser o defensor das colônias. Na verdade, era o órgão do Partido Republicano, mais ligado a política do que à região.”(GIRON; POZENATO, 2004, p.38)

Nem três meses depois, em 1º de janeiro, de 1898, surge um novo jornal em Caxias. Intitulado *Il Colono Italiano*¹⁷, bimensal, escrito em italiano, fundado pelo padre Pedro Nosadini¹⁸, como resposta católica ao *O Caxiense*, considerado pelos colonos maçônico. (GIRON; POZENATO, 2004)

As autoras destacam que muito do posicionamento do jornal clerical foi decorrente das críticas que o padre sofria no outro jornal: “Pode-se dizer que o *Il Colono Italiano* foi o espaço de defesa da igreja católica contra os ataques de *O Caxiense*.” (GIRON; POZENATO, 2004, p.43)

Agora, com dois jornais, de cunho tão distintos, a região passava a contar com mais força para fazer suas exigências políticas.

Nos anos seguintes, surgiram jornais como *O Cosmopolita*¹⁹, que circulou de 3 de agosto de 1902 a 6 de dezembro de 1903, e, após um período de interrupção, voltou à ativa em 12 de junho de 1904, seguindo até 24 de outubro de 1908. De acordo com Giron e Pozenato (2004), o jornal foi o maior da região, tendo uma tiragem inicial de mil exemplares, e, posteriormente, com a incorporação do *O 14 de Julho*, órgão do partido republicano local que circulou por um curto período, passou a imprimir três mil unidades. O periódico contava com quatro páginas, em sua maioria escritas em italiano, com espaço reservado a editais e duas páginas, para anúncios publicitários.

Sobre *O 14 de Julho*, vale ressaltar que houve divergências quanto a sua duração. Giron e Pozenato (2004) confirmam que o jornal circulou entre 13 de dezembro de 1903 e 1º

¹⁷ Na seção anexos (Anexo B), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *Il Colono Italiano*

¹⁸ Em depoimento à *Histórias da Imprensa em Caxias do Sul*, Gardelin nos conta sobre o padre :” O Pe. Pedro Nosadini, eclesiasticamente foi uma das pessoas mais importantes da história de Caxias. [...] natural de Bassano de Grappa; veio para cá muito jovem, muito bem preparado, dominando perfeitamente o italiano, estudou o português, cultura clássica, latim, grego e hebraico, quer dizer, toda aquela formação clássica europeia. Ele veio para cá trazendo as ideias, choques e conflitos da Unificação italiana e ele era papalino, veio atritar aqui, aqui, em meio a duas coisas: em primeiro lugar, “os carbonários”, e, em segundo lugar, a maçonaria brasileira, que são duas coisas completamente diferentes. Ele, entusiasticamente, organizou a população do interior através dos comitês católicos “Comitati Catollichi”, criando, em Caxias, o chamado Secretariado do Povo. Era um homem inteligente [...] na minha opinião, evidentemente ele foi um homem que estava adiantado trinta anos na época dele.” (HENRICH, 1988, p.24)

“Carbonário - termo que em sua origem significa carvoeiro, e por extensão, designa membros de um grupo político que defendia a República Italiana. No caso, identifica os membros ligados à Carbonária, Loja Maçônica que defendia os princípios republicanos e a qual pertenciam alguns imigrantes, que se estabeleceram apenas nos núcleos urbanos. (GIRON; POZENATO, 2004, p.43)

¹⁹ Na seção anexos (Anexo C), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *O Cosmopolita*.

de janeiro de 1904, em desacordo com informações iniciais de Humberto Ancarini, que o atribuiu a 1901, e mesmo João Spadari Adami, que o situou de 1º de janeiro de 1904 a 31 de maio de 1904. Após a incorporação do *O 14 de julho*, o *O Cosmopolita* alterou o nome para apenas *Cosmopolita*²⁰.

Em 09 de dezembro de 1905, circulava a primeira edição do jornal *A Gazeta Colonial*²¹, que durou até 17 de maio de 1909 (GIRON; POZENATO, 2004). No acervo municipal, a primeira edição do jornal disponível data de 30 de junho de 1906.

Jornais continuaram a surgir, mas muitos deles efêmeros, como *A Folha*, que circulou de 14 de abril de 1906 a 27 de abril de 1907; *A Verdade*, fundado em outubro do mesmo ano e que seguiu até 31 de novembro de 1908; e *O Orientador*, que estreou em 5 de fevereiro de 1909 e sobre o qual não foi localizada a data de término (GIRON; POZENATO, 2004). Esses três jornais não são encontrados no acervo digital em que realizamos a coleta do nosso *corpus*.

Ainda em 1909 surge o *La Libertá*²², que circulou de 13 de fevereiro a 11 de dezembro do mesmo ano. “Ligado à Igreja Católica, tinha como diretor o padre Carmine Fasulo. Mais tarde foi transferido para Garibaldi. Para imprimir esse jornal o sacerdote criou uma tipografia [...]”(GIRON; POZENATO, 2004, p. 48)

As autoras ainda mencionam a circulação, em 22 de julho do mesmo ano, do *Tribuna Colonial*, que seguiu apenas até 9 de dezembro, também não disponível no acervo digital.

Em 15 de junho de 1911, veio a público o *Cidade de Caxias*²³, que se manteve até 14 de junho de 1912, e ressurgiu em 28 de dezembro do mesmo ano, mantendo-se até 13 de janeiro de 2014. Esse jornal tinha uma tendência republicana.

Para fazer frente aos jornais editados em português por brasileiros, em janeiro de 1913, aparece a primeira edição do *Città di Caxias*²⁴, tendo como diretores apenas imigrantes italianos. O periódico circulou até 27 de dezembro de 1923, sendo, de acordo com Giron e Pozenato (2004), o de mais longa duração do período. Sobre a data da primeira edição, há uma divergência constatada entre o que dizem Giron e Pozenato (p.48), de que seria no dia 4 de janeiro, e a primeira edição disponível no acervo digital, que está reproduzida na seção “Anexos” deste estudo, que traz a data de 1º de janeiro do mesmo ano.

²⁰ Na seção anexos (Anexo C), pode ser vista a imagem da última edição do jornal, com o nome *Cosmopolita*, sem o artigo O.

²¹ Na seção anexos (Anexo D), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *A Gazeta Colonial*.

²² Na seção anexos (Anexo E), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *La Libertá*

²³ Na seção anexos (Anexo F), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *Cidade de Caxias*.

²⁴ Na seção anexos (Anexo G), pode ser vista a imagem da primeira edição do jornal *Città di Caxias*.

Já *O Brazil*²⁵ (sic) tinha vínculo com o Partido republicano e teve duração de 1909 a 1924. No acervo digital, a primeira edição disponível é a quinta, aqui no estudo reproduzida no Anexo H, e a última, a edição número 43, já com a grafia Brasil, data de 22 de novembro de 1924.

Abaixo, a adaptação de um quadro apresentado por Henrichs no livro *Histórias da Imprensa de Caxias do Sul*, desenvolvido pelo Museu Municipal, Arquivo Histórico Municipal Caxias do Sul, em 1988, e de dois quadros com a relação dos jornais levantados na pesquisa das autoras Giron e Pozenato, que circularam em Caxias, no período de 1897, ano de estreia da imprensa regional, como citado anteriormente, e 1914, data que antecede em um ano o lançamento de nosso objeto de estudo.

Tabela 1: Jornais lançados em Caxias entre 1897-1914

TÍTULO	DURAÇÃO		PERIODICIDADE	LINHA EDITORIAL	Diretores (Fundadores) ²⁶ e Língua
	de acordo com Museu Municipal	de acordo com Giron e Pozenato ²⁷			
O Caxiense	15.10.1897 a 28.04.1898	1897 a 1898	Quinzenal	Republicana-Defensora das colônias italianas	Diana Terra Júlio de Campos Italiana-Portuguesa
Il Colono Italiano	01.01.1898 a 21.08.1898	1898 a 1898	Mensal	Católica	Padre Pedro Nosadini Italiana-Portuguesa
O Cosmopolita	03.08.1902 a ... 1908	Não há consenso no término. As autoras afirmam ser em 1904.	Semanal	Interesses coloniais e partido Republicano	Maurício de Almeida Octávio Dias da Costa Italiana-Portuguesa
O 14 de Julho	... 1902 a 31.05.1904	Não há consenso no início. As autoras afirmam ser em 1903. Término em 1904.	Semanal	Republicano	Octávio Dias da Costa Não consta a Língua
Gazeta Colonial	09.12.1905 a 17.05.1909 ²⁸	Não há consenso nas datas. As autoras afirmam o início ser em 1906, e o término em 1908.	Semanal	No quadro do Museu consta: Republicano. No quadro de Giron e Pozenato consta: Interesses Coloniais	Herculano Montenegro Não consta a Língua

²⁵ Na seção anexos (Anexo H), pode ser vista a imagem da quinta edição do jornal *O Brazil*.

²⁶ Os nomes dos diretores (fundadores) são mencionados apenas no quadro do Museu.

²⁷ As autoras não informam dias e meses, apenas apresentam o ano de início e término.

²⁸ No quadro, na coluna Observações, há a nota "Período de duração segundo J.S. Adami".

A Folha	14.04.1906 a 27.04.1907	1906 a 1907	Desconhecida	Desconhecida	Bento de Lavra Pinto José de Vargas Não consta a Língua
A Verdade	12.10.1907 a 31.10.1908	1907 a 1908	Desconhecida	Desconhecida	Bento de Lavra Pinto José de Vargas Não consta a Língua
O Paladino	07.12.1907 a 09.01.1909	1907 a 1909	Desconhecida	Giron e Pozenato afirmam ser Republicano. No quadro do Museu esta informação está em branco.	Alfredo de Lavra Pinto Aristeu Leitão Não consta a Língua
O Tagarela	... 1907 a ...1908	1907 a 1908	Desconhecida	Humorístico	Félix Moro Américo R. Mendes Não consta a Língua
O Rosicler	... 1908 a ...1910	1908 a 1909 (?)	Desconhecida	Humorístico	Continentino Pereira Machado Não consta a Língua
Tribuna Colonial	22.07.1909 a 09.12.1909	1909 a 1909	Desconhecida	Giron e Pozenato afirmam ser Republicano. No quadro do Museu esta informação está em branco.	Alexandre Balestrevi Não consta a Língua
La Libertá	13.02.1909 a 12.03.1910	1909 a 1910	Semanal	Religiosa	Padre Carmine Fasulo Francesco Baldassare Italiana-Portuguesa
O Orientador	05.02.1909 a 25.02.1910	1909 a 1910	Desconhecida	Giron e Pozenato afirmam ser Republicano. No quadro do Museu esta informação está em branco.	José de Vargas Não consta a Língua
O Brazil	17.01.1909 a ...1924	1909 a 1924	Giron e Pozenato afirmam ser Semanal. No quadro do museu não consta a informação.	Pró-republicano	Manoel Peixoto de Abreu e Lima Jerônimo Neves Américo R. Mendes Portuguesa
Correio do Município	...1909 ²⁹ a 27.12.1917	1909 a 1917	Giron e Pozenato afirmam ser Bissemanal, enquanto no quadro do museu consta como semanal.	Pró-Republicano	Octávio Dias Ferraz Portuguesa
Cidade de Caxias	15.06.1911 a 14.06.1912 Interrupção 28.12.1912 a	1911 a 1912 Interrupção 1912 a 1914	Semanal	As autoras situam como Pró-Republicano na primeira parte e Republicano na segunda.	Francisco Salerno Arthur de Lavra Pinto Italiano-Portuguesa

²⁹ No quadro, na coluna Observações, há a nota “Surge em 1901 em Montenegro.”

	13.01.1914 ³⁰			O quadro do museu como republicano.	
Parnazzo	Não consta no quadro do Museu.	1913 a 1913	Desconhecida	Poesia	
Città di Caxias	01.01.1913 a 27.12.1923	1913 a 1923	Semanal	Republicana	Ernesto Scorza Emílio Fonini Italiana-Potuguesa
A Encrenca	11.10.1914 a 30.05.1915	1914 a 1915	Semanal	Crítica-Humor-Notícias	Ludovico Sartori Honorino Sartori Não consta Língua ³¹

Fonte: Adaptação de dois quadros de Giron e Pozenato, 2004, p.59 e 75, e do quadro de periódicos locais do *Histórias da Imprensa de Caxias do Sul*, 1988, p.80.

Giron e Pozenato (2004) informam que, entre 1897 e 1914, circularam na região 26 jornais, dos quais 19 em Caxias, seis em Bento Gonçalves e um em Garibaldi. Como visto, a maioria teve duração curta, fato que pode ser compreendido pelos custos envolvidos para manter os periódicos. O que não surpreende é que os que tiveram vida mais longa foram aqueles atrelados à religião ou à política. As autoras destacam, ainda, que, para manter os jornais, havia a dificuldade de conseguir o papel, principal matéria-prima, além da escassez de mão de obra qualificada para a sua confecção e de assinantes.

Muitos dos periódicos eram lançados para simplesmente mostrar o próprio ponto de vista do dono ou editor, como afirma Cichero em 1925:

Si ebbe, così, nello Stato, una infinita serie di tentativi giornalistici, molti dei quali riflettevano più l'interesse personale che quello collettivo, interpretando spesso le bizze ed i risentimenti del pubblico, mancando cioè alla vera missione della stampa. fracassarono perciò, talvolta anche per incompetenza od amoralità di giornalisti. (1925, fac-símile 2000, 444³²)

De curta ou longa duração, fossem de cunho religioso, político ou mesmo de interesse pessoal, o que pode ter motivado a criação do *A Encrenca*, muitos jornais foram criados na RCI e sua influência nos veículos de comunicação posteriores e na sociedade local incitam a curiosidade para futuras pesquisas. Mas, como informam Giron e Pozenato (2004, p.53) "nem

³⁰ No quadro, na coluna Observações, há a nota "Período de duração segundo J.S. Adami.

³¹ No quadro não consta língua, mas, como será demonstrado mais adiante, o jornal era na maioria de suas seções escrito em Língua Portuguesa, embora tivesse textos em italiano, francês e um dialeto campeiro da região da Mulada/RS.

³² Em tradução livre: Assim, no Estado houve uma série infindável de tentativas jornalísticas, muitas das quais refletiam mais o interesse pessoal do que o interesse coletivo, muitas vezes interpretando as birras e ressentimentos do público, ou seja, sem a verdadeira missão da imprensa. Eles também se despedaçaram, às vezes, devido à incompetência ou amoralismo dos jornalistas.

só de lutas políticas alimentava-se a imprensa regional. Em alguns períodos ao longo do século, circularam periódicos de cunho humorístico." E um autêntico representante desse segmento é o objeto de estudo desta pesquisa: *A Encrenca*.

2 O JORNAL *A ENCRENCA*

“Castigat ridendo mores, é o nosso programma, crítica leve por que doe menos um beliscão que uma facada.”³³

A Encrenca

Com essa epígrafe, que em tradução livre significa “Corrigir os costumes rindo”³⁴, *A Encrenca* demonstra seu objetivo principal, que será analisado detidamente nesta pesquisa. A essência do periódico era “encrencar” a região, fazendo uso de uma expressão que era repetida pelos seus editores, nas 31 edições que circularam de 11 de outubro de 1914 a 30 de maio de 1915. Dessas, 27 estão no arquivo municipal João Spadari Adami e também disponíveis para consulta *on-line* no acervo digital da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Vale ressaltar que o *A Encrenca* expressava seu humor unicamente através da linguagem textual, não sendo identificadas em nenhuma edição ilustrações, apenas pequenos arabescos para ornamentar poemas e alguns títulos e assinaturas. Imagens, são observadas apenas em anúncios nas páginas comerciais, como pode ser conferido na Figura 9.

Dentre as características que despertam a atenção ao se observar o semanário que circulava aos domingos e tinha como sede a “Officina a Rua Julho de Castilhos, n.37”³⁵, o nome, por si só, já é curioso, e instiga à reflexão sobre sua escolha. Como afirma Giron (1999, p.116), “As palavras não são criadas a esmo. As palavras guardam em seu significado não só a origem etimológica como um pouco do espírito do tempo no qual surgiram”.

Pensando no nome do periódico, esse espírito do tempo no qual surgiram, ou melhor, o espírito dos indivíduos que atuaram nas páginas do jornal pode ser visto na edição n.28, de 9 de maio de 1915, em que os redatores, em texto na primeira página, discorrem superficialmente sobre a nomenclatura adotada: “Folha humorística que tem por titulo o nome popular, engendrado pela giria do povo, quando quer adjectivar certos factos sociais e leval-os ao ridiculo, haja visto também a *urucubaca*, o que quer dizer: caiporismo, *giettatura*, *fungu*, mau olhado e outros semelhantes.” Transcrição que coaduna com a pesquisa de palavra *encrenca*, em diversos dicionários, impressos e *online*, que apresenta significados iguais, ou similares, como ato de arrumar confusão, tornar uma situação complicada ou embaraçosa ou

³³ Texto reproduzido da primeira edição do jornal *A Encrenca*.

³⁴ A frase latina, de autoria do poeta Jean-Baptiste de Santeuil (1630- 1697), é apresentada ao longo da história com distintas formulações e diferentes traduções, mas em todas as suas versões apresenta sentidos semelhantes, ou seja, moralizar ou corrigir os costumes através do humor, do fazer rir.

³⁵ Informação contida na edição n.4, de 1 de novembro de 1914, como referência para interessados em assinar o jornal.

implicar com algo. Ou seja, como será demonstrado mais adiante na pesquisa, os redatores queriam encenar a região e seus costumes.

O nome *A Encrenca* desperta o interesse e faz questionar se tem relação com *La Divina Incredca*, de Juó Bananére, paródia de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O obra de Bananére, pseudônimo do engenheiro e jornalista Alexandre Ribeiro Marcondes Tavares³⁶ (1892-1933), de 1915, compila poemas satíricos em formato de livro, mas já vinha diluído, desde 1911, nas páginas da revista paulista *O Pirralho* (1911-1918)³⁷, um periódico literário, político e de humor, criado por Oswald de Andrade, que trazia como subtítulo “*semanário ilustrado de importância...evidente*”, marcado pelo mesmo tom zombeteiro, pela crônica de costumes em uma linguagem humorística escrachada semelhantes ao de *A Encrenca*.

Sobre Bananére, foi em *O Pirralho* que o autor criou e assumiu o pseudônimo com o qual viria a ser conhecido e que lhe rendeu elogios de grandes nomes como Oswald de Andrade, que se referiu a ele como “o mestre da sátira no Brasil”. Também o escritor Antônio de Alcântara Machado não deixou por menos, dizendo que o personagem teria sido “o melhor cronista” de São Paulo.

Juó Bananére parodiava o sotaque e costumes dos imigrantes italianos em São Paulo e era descrito como um sujeito de meia-idade, baixo, gordo e maltrapilho. A partir da 13ª edição, sua seção “As cartas d’Abax’o Pigues” e “O Rigalegio”, com textos que, normalmente, ocupavam meia página do periódico, vinham com a seguinte ilustração do personagem e com a titulação “Lustrissimo redattore du Piralho”. Como pode ser visto na Figura 1, na reprodução parcial da página 6 da 13ª edição do jornal *O Pirralho*:

Figura 2- Ilustração de Juó Bananére no *O Pirralho*.



Fonte: Biblioteca Nacional

³⁶ O autor não tinha origem italiana, mas demonstrava ser um entusiasta da cultura dos imigrantes oriundos da Itália.

³⁷ A capa da primeira edição do periódico *O Pirralho* pode ser conferida na seção anexos (Anexo I).

Os textos de Bananére satirizavam, por meio de poemas ou crônicas, o sotaque, os costumes e o trabalho dos imigrantes na colônia italiana na cidade de São Paulo. Diferente da RCI, onde os imigrantes negociavam colônias para cultivo, na cidade paulista, os italianos e seus descendentes foram obrigados a aceitar diversos trabalhos, como o de puxar carroças de frutas para vender, o que gerou o nome Juó Bananére, oriundo de João Bananeiro.

Como exemplo de paródia os versos a seguir são facilmente associados ao poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias:

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá.
As aves che stó aqui,
Tambê tuttos sabi gorgeá.

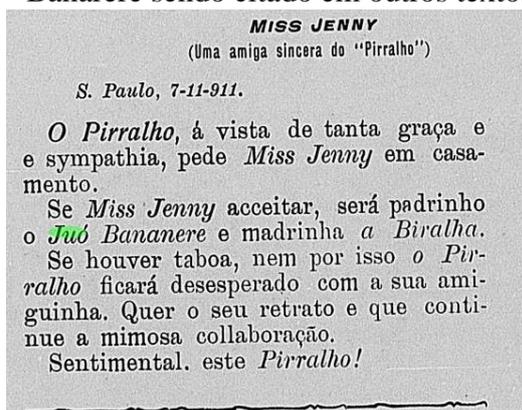
A abobora celestia tambê,
Chi tê lá na mia terra,
Tê moltos milliô di stella
Chi non tê na Ingraterra.

Os rios lá sô maise grandi
Dus rios di tuttas naçó;
I os matto si perde di vista,
Nu meio da imensidó.

Na migna terra tê parmeras
Dove ganta a galigna dangola;
Na migna terra tê o Vapr’relli,
Chi só anda di gartolla.
(BANANÉRE, 2015, p.8)

Bananére era tão conhecido, que inclusive era mencionado em outros textos do jornal, de forma humorística, como se fosse uma pessoa real. O que também será demonstrado no *A Encrenca*, em diversas situações onde são usadas expressões como *Dona Encrenca*, nossa *filhinha Encrenca*, ou ainda *Encrencasinha*. Regressando a Juó, a referência pode ser conferida na reprodução, da edição número 15, de 07 de novembro de 1911.

Figura 3 - Bananére sendo citado em outros textos no jornal

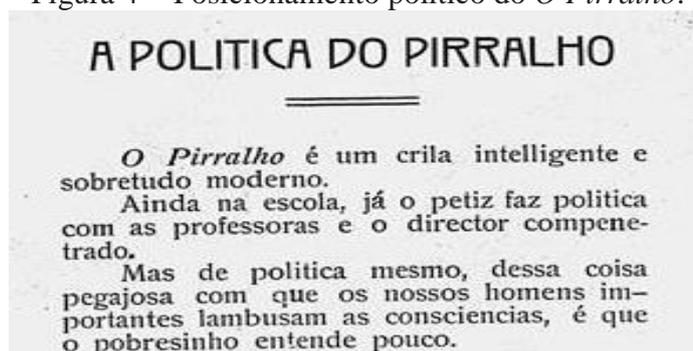


Fonte: Biblioteca Nacional

Outro ponto em comum era que os colaboradores, entre eles Juó Bananére, usavam apenas pseudônimos, ou iniciais, o que os aproxima do pasquim caxiense, que mantinha, habitualmente, o anonimato de seus escritores e redatores. Em ambos os casos, não identificar a autoria protegia os autores dos artigos e colunas de possíveis represálias. Entre as semelhanças dos jornais *O Pirralho* e *A Encrenca*, há a recorrência a diminutivos e o posicionamento distante da política.

Em São Paulo o jornal fazia uso do discurso distanciado da política que mais tarde seria percebido também no *A Encrenca*, como pode ser observado na imagem, em detalhe, da primeira edição do *O Pirralho*, de 12 de agosto de 1911:

Figura 4 - Posicionamento político do *O Pirralho*.



Fonte: Biblioteca Nacional

Hoje, o nome de Bananére pode não ser tão conhecido, mas o autor era famoso na imprensa paulista, nos primeiros anos do século XX. E seu texto macarrônico³⁸ pode ter sido lido pelos Sartori, donos do *A Encrenca*.

Além do nome, que pode ou não ter relação com a obra de Bananére, uma das primeiras coisas que chama a atenção ao baixar os olhos sobre as páginas amareladas de *A Encrenca* é o *slogan* do jornal, que se autoproclamava: “Crítico, Humorístico e Noticioso”. Nas 27 edições disponíveis aqui analisadas, constata-se que o periódico era dividido em seções regulares, que retratam o *slogan* do jornal.

Três tópicos que podem ser conferidos ao analisar o periódico, que demonstrava seu perfil crítico, demonstrando a opinião de seus redatores, a cada “Chroniquêta” (embora o nome dê a entender que se trate de uma crônica, a seção era semelhante ao que hoje se conhece como gênero editorial), escrita por seus editores, com a seguinte assinatura SIN-DI

³⁸ Segundo o dicionário Houaiss (2009, p.1208), significa: “Adj. (1593) 1 composto de palavras latinizadas para produzir efeito burlesco ou cômico <poesia m.> <gênero m.> 2 p.ext. falado e/ou escrito de forma errada e imprópria (diz-se de idioma). 3 p.ext. pouco sério, que tem caráter de paródia; burlesco 4 que fala ou escreve macarronicamente ° ETIM it. *maccheronico* ‘relativo à linguagem de composições burlescas, escritas com uma mistura de palavras vulgares, dialetais ou pseudolatinas, flexionadas à maneira do latim’

K, em letras maiúsculas, algumas vezes em negrito. Vale ressaltar que não foi encontrada nenhuma explicação para essa assinatura, nem no próprio periódico, nem nos demais materiais consultados. Nessa seção, constante em todos os exemplares preservados e sempre na primeira página, eram tratados temas como valores praticados no comércio, tributos cobrados, serviços públicos e costumes locais.

Na 10ª edição, de 13 de dezembro de 1914, fica claro o propósito da "Chroniquêta", como pode ser observado na seguinte transcrição³⁹ que abre a seção:

Esta secção foi creada para tratar de cousas uteis, a qual prestará serviços a todos especialmente a intendencia, porque seremos dela uma espécie de fiscal honorario, sem remuneração alguma, ja se vê, aquem dentro das boas normas, apresentamos reclamações e modestamente, indicaremos medidas. [...]

Outros recortes que comprovam o discurso crítico podem ser observados a seguir:

Na "Chroniquêta" de 27 de dezembro de 1914, n.12, quando o assunto tratado era a conservação da Praça, que não seria apenas de responsabilidade apenas do poder público: “[...] Quando a criançada, permita-nos que tenhamos a franqueza de dizer: que a de Caxias, é impossível, possui o instinto bem caracterizado da destruição. [...]” . Na mesma edição, em *Janellisces* “[...] Ah, aqui tem muita gente assim, que vive no luxo, com a barriga apertada e cheias de dividas.[...]”. Ou ainda, como na edição n.2, de 18 de outubro de 1914, na seção “Estão Dizendo!...”, ao afirmar que “A encrenca não perdoa ninguém” e na mesma seção, na edição n.10, de 13 de dezembro de 1914 “[...] ...que uma senhora casada ficou danada com A Encrenca, devido a uma piada, que culpa temos nós que a senhora goste mais dos outros do que do seu marido?”

As críticas que o jornal fazia, deviam gerar descontentamento de alguns leitores ao que os editores respondiam, como o visto na “Chroniquêta” de 25 de outubro de 1914, n.3, reproduzida na íntegra:

Não podemos comprehender, o motivo, pelo qual certa gente, procura disvirtuar as nossas intenções, dividir a nossa responsabilidade e nos prever às consequencias. Se dirigimos uma inoffensiva *piada* a qualquer pessoa, logo os <esquentas>, procuram tirar partido, encrencando a nossa intenção e procurando levar para o ridiculo, instigando a pessoa da <piada> contra nós.

Quanto os variados assumptos que publicamos, e quasi a mesma cousa, aparece logo um <esquentas>, que nos vem dizer, tal escripto è do teu pae, outro que é da avó, que è de sicrano, seja de quem for, é *nosso*. Sobre as consequências, è o mesmo <xarope>, dizem os <esquentas>, isso ainda vae *acabar em pau*, mas, o que tem elles que vê com isso, se tal acontecer, seremos nós os primeiros, tanta gente boa não tem entrado no *kreitz*, na certeza de que, quem vier para o nosso lado com tal genero de *sport*, que traga <dois saccos>, porque não temos medo de <pavura>. Ora, tudo isso não é de boa educação, acabam de uma vez por todas, com taes explorações.

³⁹ Em todas as transcrições do jornal *A Encrenca*, optou-se por manter a grafia original, inclusive com os pequenos erros de acentuação e pontuação, que podem ser oriundos da montagem.

Não há localidade no Estado, que não tenha o seu jornalzinho, para assumpto domingueiro, como é que Caxias, não pode ter, quando é a *Pérola das Colônias*.
(grifos originais)

O viés crítico também é identificado em diversos outros textos, como crônicas e notas, que faziam uso, muitas vezes, do humor como meio para criticar. Esse humorístico, seja crítico, ou simplesmente usado como recurso para provocar o riso, é identificado em seções como “Piadas”, “Vida Alheia”, “Anedoctas”, “Charadas”, “Colunas Floridas”, “Due Compare” e diversas outras notas e seções esporádicas, ou crônicas terceirizadas. O humor é amplamente utilizado na linguagem e nas brincadeiras, inclusive consigo mesmo, como pode ser visto abaixo na transcrição de uma nota na seção “Estão Dizendo!...”, de primeiro de novembro de 1914, N.4, “...que “A Encrenca,, será o órgão oficial, do nosso governo, não è seu Chinchin.” É comum ver expressões como *jornalzinho* em diversas partes do jornal. Todavia, a comicidade contida nas páginas do periódico será aprofundada mais adiante nesta pesquisa, no terceiro capítulo, quando serão analisados e reproduzidos alguns textos que explicitam a natureza humorística do jornal.

O cunho noticioso é observado em seções como “Telegrammas”, que era apresentado com o complemento, logo abaixo do nome, em fonte menor e negrito, *Servicinho especial d'A Encrenca*, e trazia pequenas notas informativas, sempre iniciando com o nome da cidade, geradora da notícia, em negrito, e abarcava desde localidades próximas, como Vacaria e Antonio Prado, a mais distantes, como Rio de Janeiro, ou mesmo internacionais, como Peru, Berlin, Paris, entre outras. O teor dessas notas apresenta variado grau de humor, chegando a despertar dúvidas sobre sua total veracidade, tópico interessante para aprofundamento em outra oportunidade.

Como pode ser observado nas duas notas da seção ‘Telegrammas’, a primeira da edição n. 13 de primeiro de janeiro de 1915, e na sequência da edição n. 12, de 27 de dezembro de 1914.

“**Bento Gonçalves (v.Toscana)** Hontem, na ocasião da chegada do trem, nesta cidade, perto da estação, achava-se no trilho, uma vacca, com um filho, o machinista não podendo parar a machina, esta passou por cima da mãe, matando-a, escapando o filho.”

“**Berlin (v. Piah)** Os allemães, tem ultimamente, jantado grande quantidade de russos, pretendem festejar o *Anno Bom* com um banquete de carnes inglezas e francesas, regado a vinho portuguez.”

A “Telegrammas”, “Echos da Semana”, e outras seções esporádicas que tinham caráter noticioso continham notícias de âmbito regional, nacional e mundial. Com frequência

o *A Encrenca* noticiava, geralmente reproduzindo informações de jornais de Porto Alegre, sobre a Guerra, tema recorrente também em crônicas de autores diversos, nas “Chroniquêtas” e outras seções diversas, incluindo a “Janellisces”, que será a seção analisada mais à frente. Como exemplo, num texto, com diálogo ficcional, é criticada a redução no tamanho do pão, sem que o valor baixasse, e a explicação era de que com a Guerra a farinha não era mais importada da Argentina, tornando-se um item mais caro na região.

O jornal *A Encrenca* apresenta-se com redatores diversos, que usam pseudônimos ou iniciais, e têm seus nomes preservados do público leitor, no entanto, na edição n.8, de 29 de novembro de 1914, na seção “Estão Dizendo!...”, tem uma nota afirmando “... que...A Encrenca não *publicará* colaboração alguma *anonyma*, que portanto, é inútil nos enviar.” O que demonstra que para enviar os textos para publicação, os interessados deveriam se identificar para os editores. Essa informação pode ser analisada como um simples recurso para os editores saberem quem escrevia, ou também como irônica, ao cobrar um dado contraditório ao discurso do anonimato.

Em nenhum momento, em todo o jornal, é feita menção direta aos nomes de seus proprietários Honorino Sartori e o pai Ludovico Sartori, de quem também poderiam ser sócios os demais irmãos de Honorino. Essa informação foi obtida em Henrichs (1988) e confirmada no Acervo Histórico de Caxias do Sul, em entrevista com a historiadora Sônia Mary Storchi Fries⁴⁰.

O nome do diretor do periódico também não é comunicado formalmente, mas essa informação acaba exposta na edição n.7, de 22 de novembro de 1914, na seção “Columnas Floridas” (o que é semelhante a uma coluna social atualmente), quando o jornal publica a seguinte nota: “Colhe hoje mais uma primavera o nosso amigo Aristeu Leitão, director da *A Encrenca*”. Dessa forma, é descoberto o nome do diretor do periódico. Mesmo não assinando ou declarando nas páginas de maneira oficial os nomes dos envolvidos com o jornal, pelo cunho das notas sociais, a mãe de Honorino também é felicitada em seu aniversário, e constantes agradecimentos a convites recebidos, fica claro que a sociedade da época conhecia os proprietários e editores do *A Encrenca*.

Sobre Aristeu Leitão, diretor do *A Encrenca*, acreditamos que seja um nome real, pois na análise dos jornais locais que antecedem o objeto de estudo, foi constatado que de 07 de dezembro de 1907 a 09 de janeiro de 1909 ele é citado como diretor-fundador do jornal *O*

⁴⁰ Sônia é historiadora, bacharel em Filosofia e especialista em História da América Latina, e desde 1990 atua no setor de História Oral do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, como servidora responsável pela unidade de Banco de Memória Oral.

Paladino, que Giron e Pozenato (2004) afirmam ser de linha editorial Republicana, enquanto o livro *Histórias da Imprensa de Caxias do Sul* não identifica a linha. Ambas as fontes de pesquisa não informam a sua periodicidade. O sócio de Leitão era Alfredo de Lavra Pinto, mesmo sobrenome de Bento de Lavra Pinto, diretor-fundador em conjunto com José de Vargas, de outros dois jornais, *A Folha*, 1906 a 1907, e *A Verdade*, 1907 a 1908 ambos, de acordo com as duas fontes mencionadas acima, de periodicidade e linha editorial desconhecidos.

Os Sartori não aparecem como diretores ou fundadores de nenhum outro jornal mencionado nas fontes de pesquisa utilizadas, nem em circulação anterior ao *A Encrenca*, nem posterior. Entretanto, na edição n.10, de 13 de dezembro de 1914, na seção esporádica “Instantaneos”, com o pseudônimo de *D’artagnan*, o autor, que pode ter sido Honorino ou Aristeu, discorre sobre um domingo em que passeia com a *Encrencasinha* pela rua Julio de Castilhos, via central da cidade: “Não querendo cançar muito a *filhinha Encrenca*, e para divertir-nos mais, phoquei a outra invenção nossa, o RAIO X, e pude observar: [...]” Na sequência do texto, o autor segue falando de um portoalegrense que observa tirar do bolso um bilhete de amor. Não há mais nenhuma referência a esse *Raio X* nas demais edições, podendo ser algum outro negócio da família ou uma ideia de folhetim amoroso, já que os romances e namoricos da região são bastante explorados no jornal.

Sobre a família Sartori, proprietária do jornal, o que se pode descobrir é, em sua maioria, embasado na entrevista⁴¹ de Pasqualina e Rosalina Sartori, filhas de Ludovico e irmãs de Honorino, concedida a Liliana Albert Henrichs e Juventino Dal Bó, em 11 de março de 1981, na residência de Pasqualina⁴², então com 88 anos. De acordo com Pasqualina, seu pai, Ludovico, veio ao Brasil com quatorze anos, e sendo de família grande, com muitos irmãos, quando apareceu uma oportunidade, foi convidado por um rico senhor de Caçapava a ir morar com ele, seguiu o comerciante e retornou apenas três anos mais tarde a pedido do pai.

De herança paterna, recebeu um pouco de dinheiro e uma casa de madeira na Avenida Júlio de Castilhos, endereço que anos mais tarde serviu de palco para a entrevista acima mencionada. Casou-se com Agnes Moretto Sartori, de Treviso, na Itália. Agnes, que chegou ao Brasil com seis anos de idade, herdou do pai, Miguel Moretto, o hoje conhecido como Mato Sartori, uma extensão de terras em pleno centro de Caxias do Sul que preserva a mata

⁴¹ Material com tema: Histórias de vida, pertencente ao Banco de Memória Oral, do Acervo Municipal.

⁴² As irmãs residiam, com o irmão Honorino, na época da entrevista, na antiga residência da família, na esquina da Av. Júlio de Castilhos com a Rua Garibaldi, em Caxias do Sul.

nativa da região. Por parte do avô materno, Moretto, a família teve o primeiro curtume de Caxias do Sul.

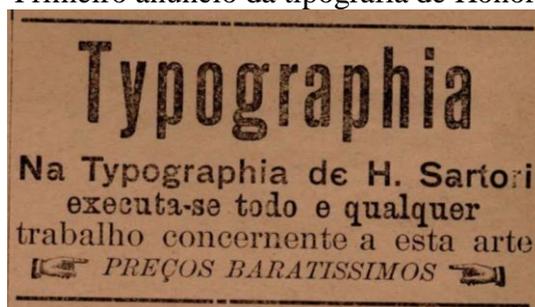
Honorino era o filho mais velho, de dez, cinco homens e cinco mulheres, de Ludovico e Agnes. Devia ter 22 anos de idade⁴³, em 1914, data de veiculação inicial do *A Encrenca*, e acreditamos, que tenha sido parceiro em vários empreendimentos do pai. Ludovico teve o mercadinho da família, na Av. Júlio de Castilhos, ao lado do hoje Shopping Prativiera e a fábrica de barbaquá (erva-mate) no terreno chamado de Mato Sartori. Antes da chegada do trem, em 1910, o patriarca foi dono do Vapor Caxias, que transportava mercadorias de São Sebastião do Caí a Porto Alegre, que vendeu ao acompanhar o desenvolvimento da linha ferroviária, também foi proprietário do Cinema Central, posteriormente vendido ao Clube Juvenil e muito mencionado nas notas sociais do jornal com seus eventos e encontros da sociedade, além da tipografia, que levava o nome de Honorino, onde era impresso o *A Encrenca*.

Ainda sobre a história da família Sartori, Pasqualina conta que Honorino casou, mas nunca teve filhos biológicos, o que o levou a adotar uma filha. Nas palavras da irmã, também descobrimos que o pai, Ludovico, gostava muito de discutir política em casa com o filho mais velho, mas que nunca quis filiar-se a nenhum partido. No *A Encrenca*, na edição n. 13, de primeiro de janeiro de 1915, em nota na seção Chroniquêta “Jamais tivemos a intenção de publicar uma folha de combate, de crítica mordaz, nem política”, pode-se perceber que o jornal mantinha uma linha neutra na política. Isso novamente o aproxima editorialmente do *O Pirralho*, mencionado anteriormente.

Sobre a *Typographia H. Sartori*, nos arquivos pesquisados e entrevistas realizadas, não foram encontrados mais registros da sua atuação. Todavia, há propagandas regulares da tipografia familiar na seção de anúncios na última página, sendo na edição n. 6, de 15 de novembro de 1914, a primeira aparição da propaganda:

⁴³ Em uma entrevista ao Jornal Pioneiro, em 22 de setembro de 1979, sobre o Mato Sartori, há a menção de que Honorino estaria com 88 anos de idade na data, o que leva ao cálculo de que tenha nascido em 1891, e consequentemente tivesse os 22 anos de idade ao lançar o jornal.

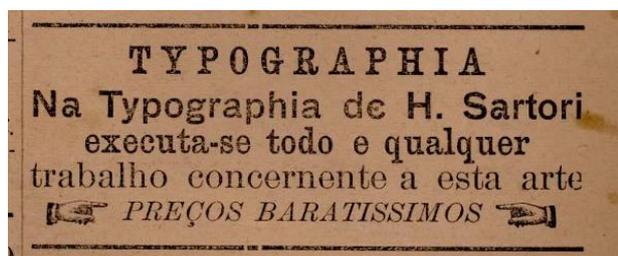
Figura 5 - Primeiro anúncio da tipografia de Honorino Sartori



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A arte utilizada no primeiro anúncio foi repetida em todas as edições subsequentes disponíveis, mudando sutilmente sua diagramação em 4 de abril de 1915, na edição 26, e repetindo na 27.

Figura 6 - Anúncio na edição n.26



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A partir da edição n.28, o anúncio fica menor, cerca de metade dos anteriores, dividindo espaço com outros anunciantes, e é repetido na 29 e na 31, recordando que não se tem a edição n.30 preservada.

Figura 7 - Anúncio na edição n.28



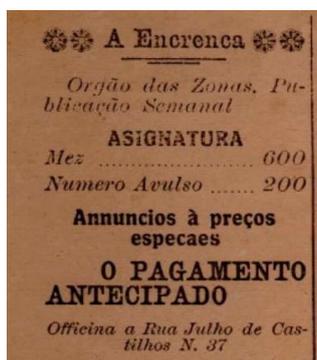
Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Além dos anúncios, também são encontrados, esporadicamente, propagandas em pequenas notas, ao fim da terceira página, no canto direito. Há esses pequenos anúncios de duas linhas, da tipografia familiar, e também de alguns outros clientes. Acredita-se que era um recurso utilizado para complementar a renda do jornal e preencher um pequeno espaço

vago em algumas edições, como o transcrito a seguir: “Cartões para felicitações por pouco preço na Typ. SARTORI.”

O periódico manteve o mesmo padrão de diagramação em todas as edições, incluindo as propostas e valores para assinaturas, impressas na segunda página. Os anúncios para novas assinaturas são mais frequentes nas primeiras edições, n.1, n.2, n.3, n.4. Não aparecem nas edições n.5, n.6 e n.7, regressando à cena no n.8 e não sendo mais utilizados nos demais. Em todos, foi mantido o mesmo valor. No entanto, mesmo não anunciando mais, vale ressaltar que em diversos textos, os redatores fazem menção aos assinantes assíduos, dando a entender, que mesmo sem os anúncios, o jornal mantinha leitores fiéis. Na figura 7, uma amostra de anúncio de assinatura do jornal, reproduzida da edição n.2, de 18 de outubro de 1914:

Figura 8 - Proposta de assinatura no *A Encrenca*.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A título de comparação, segue uma figura com duas imagens adaptadas lado a lado: à esquerda, do jornal *Città di Caxias*, edição n. 88, ano II, de 19 de outubro de 1914; e à direita, reprodução do periódico *O Brasil*, edição n.190, ano VI, de 17 de outubro de 1914. Mesmo com análise superficial, tendo em vista que os três são da mesma semana, percebe-se que o *A Encrenca* praticava preços acessíveis na mensalidade e de igual valor ao *O Brasil* no avulso. O *Città* não identifica venda unitária, e o *A Encrenca* não oferece propostas trimestrais ou de maior tempo, como os outros dois que já circulavam há mais tempo. Isso pode ser observado na figura 8:

Figura 9 - Propostas de assinaturas no *Città di Caxias* e no *O Brasil*

„CITTA' DI CAXIAS“		ASSIGNATURAS.	
ABBONAMENTO ANTECIPATO		Anno	8\$000
Anno	8\$000	Semestre	5\$000
Semestre	5\$000	N. Avulso	\$200
Trimestre	3\$000	Apparece nos Sabbados	
		ANNO VI	

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

É observado um padrão publicitário no periódico, tendo em todas as suas edições a quarta e última página dedicada aos anúncios comerciais, com anunciantes fiéis. A linguagem publicitária, não só do *A Encrenca*, mas de qualquer periódico, diz muito sobre o período vivido, revela muitos valores e costumes da sociedade da época: foi através da publicidade que muitos italianos ficaram encantados com a terra da *Cucagna* e compraram a ideia que os fez atravessar o oceano.

Seja a última página do *Encrencasinha*, reproduzida na figura 9, da edição n.11, de 20 de dezembro de 1914, ou a mesma seção em outros jornais, é certo que a parte dedicada aos anúncios nos periódicos é material fértil para aprofundar pesquisas diversas, seja pelo uso da linguagem, muitas vezes persuasiva, pelo uso dos recursos gráficos disponíveis e técnicas utilizadas na época, e mesmo pela criatividade dos envolvidos, entre outros.

Figura 10 - Anúncios comerciais no *A Encrenca*.

A ENCRENCA

<p>Adelino Sassi Acaba de receber, um completo e variado sortimento de bebidas para festas de homens, que vende ainda pelo preço do cambio a 10. VENDAS POR ATACADO E A VAREJO - A NOBRESSE Praça Dante - Caxias</p> <p>Padaria Familiar Móvida a vapor Fábrica especial de pães d'água, améis, provença e de milles. Biscoitos doces e d'agua e mais qualidades. Biscoitos encaixados por atacado. - Biscoitos doces e serviços postais. Maximiliano Carneiro e Cia. Rua Sinimbu - Caxias.</p> <p>HOTEL BELLA VISTA 1.ª COZINHA DE 1.º ORDEM COMPLETO SORTIMENTO DE BEBIDAS, BANHO A TODA HORA, ELEVAÇÃO, ELETRICIDADE, PROFUMARIA, REFRIGERANTES, PREÇOS BARATÍSSIMOS. TUDO SOB A DIREÇÃO DO SEU PROPRIETARIO. - José Comandulli - Caxias.</p> <p>COCHEIRA PICCOLI Este conhecido estabelecimento, dispondo de excelentes capangas, trabalha em condições de bom serviço e respeitável publico. Atende a charreados a qualquer hora - Telephone RUA FIMBRIÃO MACHADO - Caxias.</p> <p>PAPEIS DE CASAMENTOS José Simões, encarregado de preparo de papéis de casamento, a modico preço. E' ENCONTRODO AO 1.º NOTARIADO - PRAÇA DANTE</p> <p>A' ARTISTICA Fornada com a massa de ouro Casa de joias e relógios, e mais artigos de joalheria, bijuteria, das mais afamadas marcas. Importação Directa Consertos todos os artigos concernentes ao ramo, excepto os grammas, tudo a qualquer preço. OFFICINA MOVIDA A ELECTRICIDADE Rua sítio de Castilhos N.º 77 Caxias.</p> <p>CAFÉ AMERICA Nesta conhecida casa enfrente a "Cinema Ideal", encontra-se a qualquer hora do dia e nok te esplendido café, leite, chocolate e sanduiches. Rua Julio de Castilhos - CAXIAS</p> <p>Arongne Filiciano Rua Visconde</p> <p>Vaccariano Moreira da Pálmas Carrão gasta todos os dias, carne de Porco, frango, milho, farinha, legumes frescos e saladas preparadas com o melhor e mais barato. PREÇOS BARATÍSSIMOS</p>	<p>Restaurant Uniao FRANCISCO LUCHEZI NESTE RESTAURANTE TRABALHAMOS: MERTON, ANCIETAS FERREIRA, FAR E FERRER E FERRER, MACHADO, COMEAS, LA MINUTA E QUALQUER BEBIDA BRANCA DE TODAS AS QUALIDADES. Rua Sinimbu N. 21</p> <p>Chegou! 6 que? LINDAS BANANAS DE S. CATARINA!! BOM E SUAVISSIMO!! DE QUEM!! BOGOSO!! VICTORIO S. ROSSI Preços Baratissimos</p> <p>Gabinete Dentario Cirurgião Dentista OCTAGLIO A. PRESTES (Sac. de Romano Alexandri) Prontissimo todo o qualquer trabalho, economicamente a preço de custo. ESPECIALISTA EM TRABALHOS A OURO Consultas das 8 h. e das 2 h. e 1/2 RUA GARIBALDI - CAXIAS</p> <p>ALFAIATARIA CAXIENSE TRABALHO PERFECCIONADO Confecciona-se nesta casa, toda e qualquer roupa, por mais fina que seja, dispondo de esplendido sortimento e habéis officinas. Preços Modicos - P. Dante Caxias.</p> <p>RESTAURANT CAXIENSE João Marchioro Recebe passadeiras e passadeiras a preços modicos, de acordo de hora quarta e esplendido comida. Bebidas Nacionais e Extranjeras MODICOS PREÇOS - Rua Sinimbu - Caxias.</p> <p>A PROGRESSISTA Atelier de costuras, dirigido por habil MODISTA acausa habilitada a confeccionar desde o mais modesto ao mais fino vestido. Variado sortimento de lindas fazendas, enfeites, figurinos etc. Preço de custo. Rua sítio de Castilhos N. 59 ERNESTO SOARES RAMOS</p> <p>Typographia Na Typographia de H. Sartori executa-se todo e qualquer trabalho concernente a esta arte PREÇOS BARATÍSSIMOS</p> <p>Especificos do Dr. KLAUTZ (MEDICAO CALLOIDAL) Este conhecido medicamento, é encontrado a venda nesta Zona, por atacado, unicamente no Escriptorio Commercial de Otto Missnich Rua Visconde de Pimenta N.º 6 - CAXIAS</p>
--	--

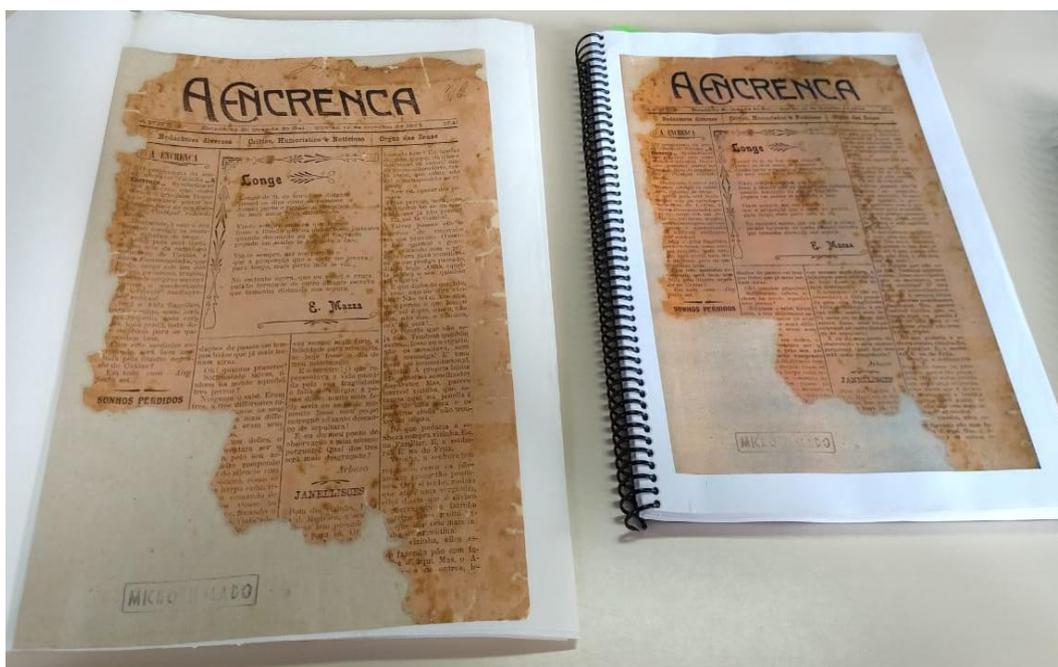
Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Pela análise das 27 edições disponíveis no acervo histórico, acredita-se que a formatação seja a mesma em todas as edições. Mas é importante destacar que não tivemos acesso a 4 edições, a 9ª, 14ª, 19ª e 30ª, e, das disponíveis, a 1ª e a 21ª estão apenas com duas

páginas e não as quatro tradicionais - acredita-se que as páginas faltantes tenham sido extraviadas, ou perdidas no tempo.

Sobre a parte gráfica do periódico, em análise aos exemplares físicos disponíveis no Acervo Histórico, constata-se que cada página tinha 22,5cm de largura e 32,5cm de altura, tendo margem, em média, de 2cm do lado esquerdo, 2,5 cm em cima e 1,5cm no lado direito e embaixo, havendo pequenas alterações de milímetros nas medidas mencionadas nas edições conservadas. Para melhor visualização, na figura 10, é possível a comparação do original preservado no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, com o impresso em tamanho A4.

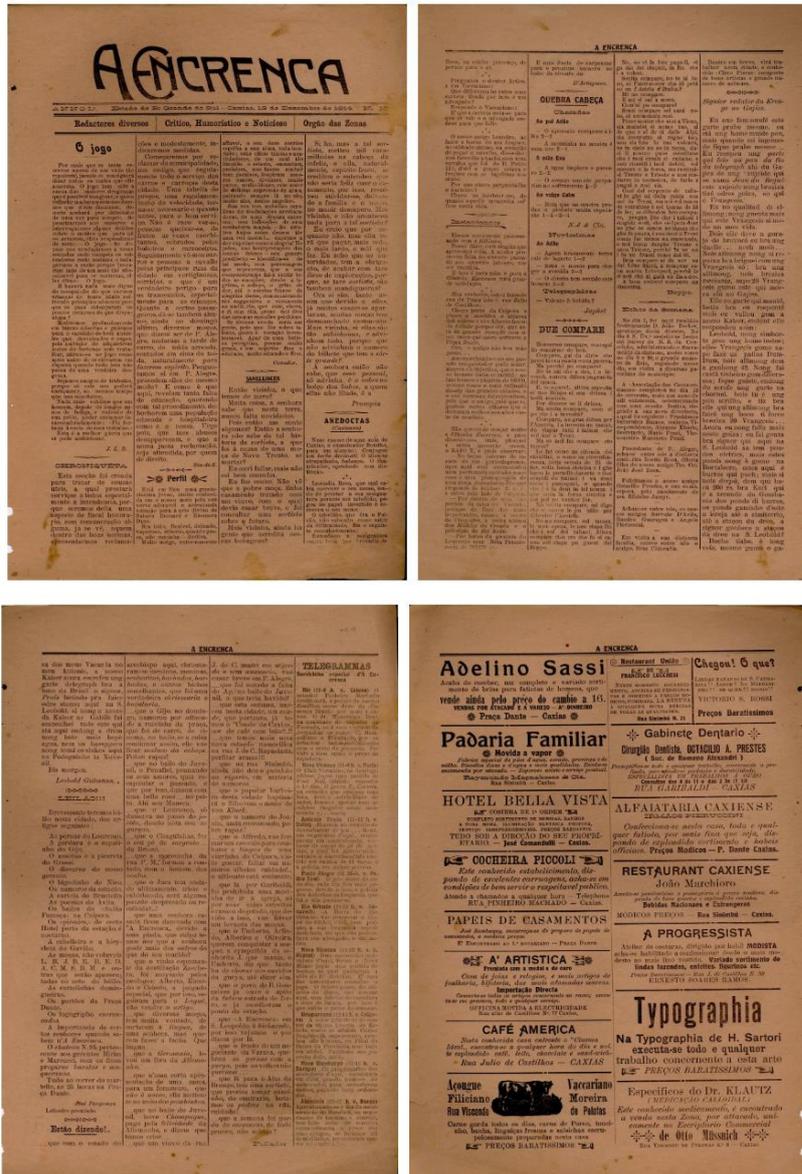
Figura 11 - Capa original da primeira edição e cópia da versão digital impressa em A4.



Fonte: Acervo particular da autora da pesquisa.

Os jornais originais passaram por um processo de restauração e estão com as duas páginas soltas. Conforme as servidoras do acervo, acredita-se que foram refilados, cortados a guilhotina, técnica que alguns restauradores utilizavam décadas atrás. A constatação é decorrente da observação de que os originais não apresentam nenhuma marca de dobras ou grampos que possibilitassem o manuseio sem que as folhas soltas se perdessem. Acredita-se, portanto, que o refilamento tenha sido utilizado no periódico *A Encrenca*. Como pode ser observado na imagem a seguir, que reproduz integralmente as quatro páginas que compõem a edição n.10, de 13 de dezembro de 1914, também nas demais edições preservadas não há vestígios de pregas ou vincos.

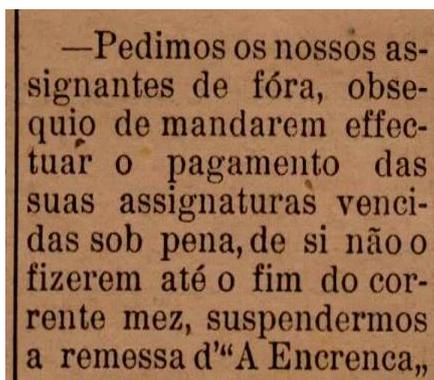
Figura 12 - Reprodução na íntegra da edição n.10



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

O periódico tinha como principal foco de circulação e cobertura jornalística o município de Caxias do Sul, mas também contemplava notícias da região: Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado, Vacaria, entre outros. Quanto a seus assinantes, acredita-se que sua grande maioria fosse de Caxias, entretanto, o alcance, via assinaturas era mais amplo, como pode ser observado nos dois exemplos a seguir. Na nota expressa na seção “Echos da Semana”, na edição n.5, de 17 de janeiro de 1915, é dado um recado a assinantes de fora de Caxias:

Figura 13 - Recado aos assinantes de fora de Caxias.



—Pedimos os nossos assignantes de fóra, obsequio de mandarem effectuar o pagamento das suas assignaturas vencidas sob pena, de si não o fizerem até o fim do corrente mez, suspendermos a remessa d'“A Encrenca,,

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

E também na edição n.31, de 30 de maio de 1915, na parte superior da capa, figura 13, consta a escrita manuscrita *Correio Nova Milano*. Dessa forma, com o aviso a assinantes de fora e a assinatura de posse, mostra-se que o jornal era assinado, ou mesmo comprado unitariamente, por pessoas, ou órgão público, como nesse caso, de outras cidades, a exemplo de Farroupilha.

Figura 14 - Edição n.31, com o nome do Correio Nova Milano escrito a mão.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A análise de todos os exemplares preservados mostra que a tiragem era regular, ou seja, dos 27 jornais estudados, 26 datam de domingos, sendo que apenas a edição n.13, de 1º de janeiro de 1915, foi publicada em uma sexta-feira, em virtude da data especial. Como pode ser conferido na nota da seção “Estão Dizendo!...”, dessa edição: “...que “A Encrenca,, devendo ser publicado no domingo è publicada hoje a bem de dar os “Bons Annos,, aos seus distinctos collaboradores e assignantes, a quem desejamos um ano venturoso.”

A edição n.27, que veiculou no domingo 11 de abril de 1915, não apresentava indícios em seus textos, de que o jornal estivesse passando por problemas. Entretanto, pela primeira vez, o jornal ficou sem ser impresso por três domingos, retornando apenas com a edição n.28 em 9 de maio de 1915.

Essa constância cronológica, ao ser rompida, instiga a curiosidade, que é prontamente saciada na primeira página da edição n.28 que, diferentemente das demais que trazem na capa um poema e crônicas, apresenta dois textos explicando o ocorrido.

Figura 15 - Capa da edição n.28, com destaque gráfico aos dois textos que explicam a ausência do jornal.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Para melhor compreensão, segue a transcrição integral dos textos mencionados, reiterando que, em todas as reproduções, optou-se por manter a grafia original:

AO PUBLICO

Devido a uma desarmonia de vista, entre os proprietarios deste modesto hebdomario, foi suspensa a sua publicação, dos tres numeros ultimos, mas, tendo sido solucionado dignamente o incidente. A Encrenca, e continuará a ser publicada com o mesmo programma Castigat ridendo mores, visto não ter sofrido solução de continuidade.

Assim sendo, pedimos desculpas aos nossos assignantes, por tal falta, e declaramos para os devidos fins, que toda a pessoa que receber a nossa modesta folha, e não a devolver a redacção, desta data em diante, será considerado assignante.

Caxias, 1 de maio de 1915

A Redacção

A ENCRENCA

Folha humoristica que tem por titulo o nome popular, engendrado pela giria do povo, quando quer adjectivar certos factos sociais e leval-os ao ridiculo, haja visto também a *urucubaca*, o que quer dizer: caiporismo, *giettatura*, *fungu*, mau olhado e outros semelhantes.

Pois bem, “A Encrenca” que é também outro filho da psychose da ocasião, nascida para caracterisar complicações arruaças, ricas e todo o cortejo de pequenas conflagrações na zona, tem mantido o seu programma, durante o seu primeiro semestre de vida.

O que tem sido para nós este lapso de tempo, só nos o sabemos. Resultados materiaes não o tivemos e sim trabalho, animosidades e desilusões, é só o que obtivemos.

Assim sendo, estavamos no firme proposito de suspender-mos definitivamente a publicação d'A Encrenca, já que não fomos comprehendido em nosso meio, o qual não quer a pilheira leve, e sim as tremebundas descomponendas, ate ha bem pouco tempo usadas pela imprensa local.

Mas, attendendo ao grande numero de pedidos que nos tem sido dirigido resolvemos continuar a publicação do nosso modesto jornalzinho, dando-lhe administrativamente, uma feição mais pratica.

Assim é que, aparece hoje para gladio de seus distinctos apreciadores, o nosso modesto hebdomario, cuja falta tem se feito sentir, como folha desopilatoria domingueira. Que a sua nova phase, seja de puro humorismo, do riso alegre e expansivo são os nossos ardentes votos.

L.⁴⁴

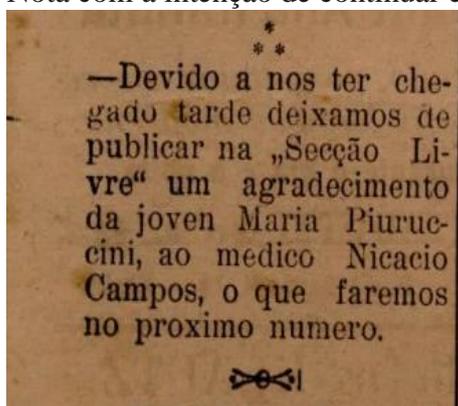
Nessa edição, não há a seção “Chroniquêta”, sendo que o segundo pronunciamento, intitulado *A Encrenca*, cumpre esse papel. Os dois textos esclarecem, superficialmente, os motivos pelos quais os editores cogitaram encerrar as atividades do periódico e deixam clara a intenção de manter a publicação ativa por todo o ano, o que não acaba se concretizando. Sobre a afirmação de manter a linha editorial mais focada no humor, a única distinção observada é, novamente, a ausência da “Chroniquêta”, que era o texto mais crítico do jornal e não retorna mais à publicação. Outras seções são mantidas, porém, a intitulada “Janellises” passa a ser nomeada “As visinhas”⁴⁵, nome que segue até a edição 31.

⁴⁴ Acreditamos que o L. seja a inicial de Ludovico.

⁴⁵ A expressão “As visinhas” usada para nomear a seção, ou mesmo, como vocábulo nos textos da coluna, ora é representada graficamente com a letra S, ora com a Z. Reiteramos que nesta pesquisa optou-se por manter a grafia original constante no jornal, o que justifica os diferentes apógrafos apresentados.

A última edição do *A Encrenca*, n.31, data de 30 de maio de 1915, mas os editores não fazem menção em nenhum dos textos de que esta seria a última, bem pelo contrário, na seção “Variedades”, uma das notas dá a entender que teria uma próxima edição, como pode ser observado na reprodução a seguir:

Figura 16 - Nota com a intenção de continuar com o jornal.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Pelas informações e fontes consultadas, não é possível afirmar se a edição n.31, de 30 de maio de 1915, foi realmente a última a circular do periódico ou se é a última que foi preservada.

3 A IMPRENSA HUMORÍSTICA

“Fiquem tranquilos [...]: nenhum humorista atira para matar.”

Millôr Fernandes

A epígrafe de Millôr Fernandes, que é direcionada, supostamente, aos *poderosos* que poderiam temer os humoristas, mostra-se plausível ao identificar que a grande maioria da imprensa humorística buscava, por meio do riso, corrigir, regular e modelar hábitos. Mas o que é o humor na imprensa e de que forma ele é utilizado?

Antes de compreender a imprensa humorística no periódico aqui estudado, faz-se necessário um breve resgate ao conceito de humor e, para isso, recorreremos principalmente ao filósofo e diplomata francês Henri Bergson, em sua obra *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico* (1983), ao filólogo russo Vladimir Iacovlévitch Propp, 1895-1970, com a obra *Comichidade e Riso* (1992), e ao historiador tcheco Manfred Geier, com sua obra *Do que riem as pessoas inteligentes? Uma pequena filosofia do humor* (2011).

Portanto, esse capítulo faz um breve resgate dos primeiros estudos acerca da comichidade, e de como o eminente filósofo Platão foi significativo em sua ânsia de relegar o tema à segunda categoria filosófica. Também busca conceituar o humorístico e sua atuação em periódicos, almejando assim a compreensão dos artifícios utilizados, de forma consciente ou mesmo inconsciente, pelos redatores no *A Encrenca*.

3.1 BREVE RESGATE DO CONCEITO DE HUMOR

“Não há comichidade fora do que é propriamente humano.”

A afirmação na epígrafe é de Bergson (1983, p.6), que ainda complementa que uma paisagem, por exemplo, pode ser bela, feia, graciosa, insignificante ou mesmo sublime, mas jamais passível de riso. A essa citação, Propp acresce que quase cinquenta anos antes de o autor fazer tal afirmação, Tchernichévski⁴⁶ já expressava “na natureza inorgânica e vegetal não há lugar para o cômico” (1976, p.37). Ou seja, rimos ou vemos graça apenas naquilo que podemos relacionar ao homem e suas ações.

⁴⁶ Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski (1828 - 1889) foi um escritor populista russo, colaborador da revista *O Contemporâneo*, famoso por seu romance *Que fazer?*, escrito na prisão, em 1862-1863.

Com as declarações acima, fica claro que o humor deve estar atrelado às relações humanas, mas a compreensão do que é o riso, cômico e humorístico, e de como atuam e funcionam nos seres humanos, não é tarefa simples. Há, inclusive, uma disciplina, a Gelotologia, do grego *gelo*, que significa riso, e *logia*, estudo, que pesquisa o riso e o humor, e como esses geram efeitos no corpo do ponto de vista científico, médico, psicológico e fisiológico.

Mas, deixemos a Gelotologia para estudiosos de sua área e regressemos brevemente aos princípios dos estudos sobre o humor. Para tanto, recorremos ao historiador tcheco⁴⁷ Manfred Geier⁴⁸, que, em sua obra *Do que riem as pessoas inteligentes*, publicado originalmente em 2006, na Alemanha, e traduzido para sua primeira edição no Brasil em 2011, remonta à Antiguidade Clássica para compreender como o riso foi relegado inicialmente a pessoas incultas e, aparentemente, pouco estudado por filósofos.

Geier (2011) outorga ao filósofo Platão o mérito desse menosprezo do humor como tema sério e respeitável de erudição e associa a origem da aversão do mestre de Aristóteles ao riso, como digno de estudo, à risada de uma jovem escrava trácia ao presenciar o sábio Tales de Mileto cair num poço, pois, ao invés de olhar para o chão, estava a admirar o céu estrelado. Platão condena o riso zombeteiro e o atribui à ignorância da jovem sem instrução. Sendo ou não, realmente, esse o princípio do expurgo do humor pelo filósofo, é fato que ele depreciava o riso, pois, de acordo com Geier (2011), o riso não era permitido na Academia⁴⁹:

Mas Platão não se limitou a expulsar o riso da Academia e negar o direito de cidadania no seu Estado ideal aos poetas cujas obras podem nos levar a rir ou a chorar. Ele também expulsou do palco filosófico os comediantes e artistas do entretenimento. Pessoas que provocavam o riso não têm lugar quando homens sérios filosofam sobre problemas sérios. Durante os simpósios platônicos e os debates, apenas atrapalhariam e fariam papel ridículo. (2011, p. 22)

Platão privilegiava a seriedade como base para o estudo filosófico e não tinha nenhuma queda para a farsa, mas nem ele, como afirma Geier, “podia ignorar o fenômeno totalmente se não quisesse ser tido como um cabeça-dura alienado” (2011, p.29). Portanto, o autor afirma que o filósofo encontrou uma forma para elevar o risível a um tema sério da filosofia, sendo “o primeiro a substantivar o adjetivo *geloios* [risível], procurando entender

⁴⁷ Ao buscarmos mais informações sobre o autor, foram constatadas divergências quanto a sua cidade natal. Algumas menções apontam como sendo Munique, na Alemanha. Nesta pesquisa, optamos por referenciá-lo de acordo com a informação constante no livro utilizado.

⁴⁸ Manfred Geier nasceu em 1943, na cidade de Opava/República Tcheca, formou-se em Germanística, Filosofia e Teoria Política pelas universidades de Frankfurt, Munique e Marburg e Doutor em Teoria da Linguagem e Linguística Norte-Americana pela Universidade de Marburg.

⁴⁹ A Academia foi a escola fundada por Platão na periferia de Atenas por volta de 385 a.C. no bosque Academia, que era nomeado assim em homenagem ao antigo herói Academo.

geloia [o riso] como uma ideia, apesar de só ter conseguido posicioná-la num patamar inferior na sua hierarquia de ideias, muito distante da suprema ideia do bem” (2011, p.29).

Geier demonstra como Platão relega o risível a algo inferior e despreza o riso entre estudiosos sérios, todavia, nem todos os pensadores da época compactuam com essa posição. O autor mostra como contraponto Demócrito⁵⁰, filósofo contemporâneo de Sócrates, que nasceu em Abdera e era conhecido como *pentatleta* da filosofia, em virtude de seus vastos conhecimentos variados.

Demócrito detém o título de *filósofo que ri*, mas isso não significa que ele desmerecesse a tristeza, como demonstra a transcrição de parte de sua obra, feita por Geier, *Fragmentos sobre a ética*: “Considerando que somos todos seres humanos, não se deve rir, e sim chorar diante do sofrimento humano” (2011, p.44). Esse sentimento é compactuado por Aristóteles (1985) ao afirmar, em sua obra *Arte Retórica e Arte Poética*, que para existir comédia deve haver ausência de sofrimento, e também por Propp (1992), que recorrentemente destaca que a desgraça, a infelicidade e a dor não têm nada de risível: “Vícios e defeitos levados à dimensão de paixões funestas, ao contrário, não são objetos da comédia, mas da tragédia” (1992, p.135).

Geier transcreve a recomendação de Demócrito, que afirma que “Somente os tolos vivem sem alegria de viver” (2011, p.45). E levanta a instigante reflexão sobre que rumos o humor poderia ter tomado na filosofia, caso as obras de Platão tivessem sido conservadas apenas em fragmentos, sido citadas em segunda, ou mesmo, terceira mão, e que, se em seu lugar tivessem sido preservados os muitos livros de Demócrito de Abdera, dos quais hoje existem apenas cerca de trezentas citações isoladas. “Quem sabe o riso na filosofia, hoje, também teria outro valor” (2011, p.37). É um questionamento que desperta reflexão e não tem uma resposta fácil, mas é merecedor de mais estudos.

Demócrito, que teve um estilo de vida e de filosofia muito distinto de Platão, não fundando escola ou buscando reconhecimento social ou mesmo envolvimento com política, é autor ainda da frase “o melhor para os homens é passar a sua vida o máximo possível com alegria e se render o menos possível a um humor tristonho” (GEIER, 2011, p.45).

Seguindo a perspectiva de Demócrito, Geier (2011) busca mostrar que existiram muitos pensadores que se debruçaram sobre o humor, e elenca nomes como o famoso orador e

⁵⁰ Pouco se sabe realmente sobre a vida de Demócrito, e Geier (2011) sintetiza as informações relatando que o filósofo teria nascido na colônia iônica de Abdera, na costa da Trácia, por volta de 470 a.C. Seu pai foi um rico comerciante que pode proporcionar uma excelente educação ao filho que, ansiando por conhecimento, viajou por diversos países, como Egito, Índia, Pérsia, e Etiópia. É de Demócrito a célebre constatação: “O mundo inteiro está aberto ao homem sábio, pois é a pátria para qualquer alma valorosa.” (GEIER, 2011, p.40).

político Marco Túlio Cícero, 106-43 a.C., a segunda principal figura do discurso sobre as vantagens do humor e da arte das anedotas, o orador e político influente Marco Antônio, 143 - 87 a.C., o romano Quinto Horácio Flaco, 65-8 a.C., que foi um famoso poeta de sátiras e odes, e ainda Lúcio Aneu Sêneca, 4 a.C.- 65 d.C, um dos grandes disseminadores de Demócrito como filósofo ridente. O autor segue avançando no tempo, analisando nomes como François Rabelais, Mikhail Bakhtin, Christoph Martin Wieland, Immanuel Kant, Montaigne, Descartes, Schopenhauer, Kierkegaard, Bergson, Heidegger e Freud.

Com os nomes mencionados, fica evidente como a pesquisa realizada por Geier sobre a abordagem dada ao humor pela filosofia é instigante e ampla. No entanto, neste estudo, por uma questão de delimitar a abrangência, optou-se apenas por fazer um breve resgate da origem e censuras que o tema enfrentou por parte de Platão, que como demonstrado foi o grande responsável pela seriedade moral e rigor gnoseológico⁵¹, e buscou expulsar o riso da filosofia. “Filósofos não riem, ao menos não na tradição inaugurada por Platão” (GEIER, 2011. p.10).

Todavia, essa tradição não foi adotada de forma unânime, como foi constatado, e a pesquisa buscou mostrar, ao menos introdutoriamente, que outros tantos pensadores deram mais valor ao risível, incluindo o discípulo mais famoso de Platão, Aristóteles de Estagira, 384-322 a.C., que tratava o riso e a comicidade de forma mais generosa que seu mestre acadêmico. Conforme Geier, Aristóteles, ao constatar que só o homem sabe rir, teve desperta sua atenção a esse fenômeno singular: “Se o riso faz parte da natureza humana do homem e o destaca no mundo animal, então não poderia ser vão e insignificante em termos filosóficos.” (2011, p.32)

Vale acrescentar a afirmação de Propp que diz que “O animal pode alegrar-se, regozijar-se, até mesmo manifestar sua alegria com bastante impetuosidade, mas ele não pode rir. Para rir é preciso saber ver o ridículo” (1992, p.40). E complementa sobre os animais: “Finalmente, para apreciar um trocadilho ou anedota, é preciso realizar alguma operação mental. De tudo isso os animais não são capazes,[...] (1992, p.40).

Como constatou Aristóteles, o riso não era insignificante no meio filosófico, como também o cunho humorístico não teve papel menor em outras áreas, como a comunicação, foco deste estudo. Vale ressaltar que o humorístico na imprensa, estudado aqui, não é o expresso através de ilustrações, de charges, mas o contido nos textos verbais. Antes de

⁵¹ Gnosiologia, do grego gnosis, significa conhecimento e logos, discurso. Sendo conhecida como a teoria do conhecimento, a gnoseologia é distinta da epistemologia, sendo que essa última refere-se ao conhecimento científico.

abordar o humor na imprensa, é relevante regressar aos conceitos e aprofundar a perspectiva do que é o humor e como ele é visto e reconhecido hoje.

Bergson (1983) inicia o primeiro capítulo de sua obra intitulada *O Riso* questionando seu significado e destacando que grandes pensadores, como Aristóteles, aplicaram-se nesse “pequeno problema, que sempre se furta ao empenho, se esquiva, escapa, e de novo se apresenta como impertinente desafio lançado à especulação filosófica”(1983, p.5). Portanto, o tema deve ser tratado com deferência, pois, como afirmam diversos autores aqui mencionados, não é simples de analisar. Propp (1992) também destaca a complexidade do tema ao questionar: “mas do que o homem ri? Ri do que é ridículo, diremos. Existem, certamente, outras causas, mas esta é a mais comum e natural. No entanto, a afirmação de que ‘o homem ri do ridículo’ é uma tautologia que não esclarece nada” (1992, p.41).

Bergson afirma que “Não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco” (1983, p.7). Esse pensamento é compartilhado por Propp, que destaca que “O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri - ou seja, do homem” (1992, p.31). Assim, a comicidade requer interação, seja entre indivíduos ou mesmo indivíduos com objetos ou coisas. E o humor encontra na imprensa um meio perfeito para provocar esse eco.

Sobre a relevância do humorístico no cotidiano do ser, de acordo com o médico psicanalista gaúcho Abrão Slavutzky⁵², em seu livro *Humor é coisa séria* (2017), o humor tem papel importante no desenvolvimento e vida do homem, e o convívio com a comicidade o faz viver com mais liberdade e leveza proporcionada pelo riso, seja o rir de si mesmo ou do semelhante. Slavutzky destaca ainda a teoria de Freud de que o humor, por gozar das dificuldades humanas, tem o efeito de diminuí-las, causando assim a diminuição dos problemas do indivíduo, mesmo que seja ao possibilitar um alívio temporário, mas que, todavia, nem todas as pessoas são dispostos a atitudes humorísticas e nem sempre sabem apreciar os benefícios que lhes poderiam ser concedidos. Quem sabe essa resistência possa ter resquícios da censura de Platão na Antiguidade? ou, ser em virtude da postura radical da Igreja na Idade Média? Instituição que *diabolizava* o riso e o associava ao pecado original, como afirma Minois (2003, p.111): “o riso não é natural no cristianismo, religião séria por excelência. Suas origens, seus dogmas, sua história o provam.” O autor reitera a postura rígida do cristianismo no período ao completar que “Ao menos uma coisa é certa: o riso não fazia

⁵² Abrão Slavutzky nasceu em Porto Alegre, em 1947. É médico pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e psicanalista com formação em Buenos Aires (1972-1979). Autor de diversos livros sobre psicanálise e colaborador do jornal gaúcho *Zero Hora* desde 2001.

parte do plano divino” (2003, p.112). Seja por Platão ou seja pela Igreja, é mais um tema digno de exploração, mas em outra oportunidade.

Segundo Slavutzky (2017), o cômico libera e expõe algo engraçado, enquanto o humor é edificante e grandioso e possibilita reflexão filosófica. Já o riso, que é a contração da musculatura da boca, pode representar um sentimento de alegria ou de leveza momentânea. Talvez, o humor não exista sem o riso, mas esse pode ocorrer sem o humor, ou seja, podemos rir de algo alegre mas não, necessariamente, engraçado. Nesta pesquisa, seguiremos o mesmo conselho que o psicanalista adotou em seu livro, proveniente do historiador alemão Peter Gay⁵³, que afirma que as definições ajudam, mas suscitam dúvidas e muitas vezes podem ser contraditórias. Ou seja, não entraremos no mérito das distinções acadêmicas profundas dos vocábulos humor, cômico e risível.

O termo humor, conforme o psicanalista, em seu significado atual, aparece em 1682, na Inglaterra, como uma disposição mental ou temperamento. Geier (2011) esclarece que foi Anthony Ashley Cooper, o terceiro Conde de Shaftesbury, também conhecido como Lord Shaftesbury, que em sua obra *Sensus communis: essay on the freedom of wit humour*⁵⁴, em 1709, criou o sentido atual da palavra humor, ao dissertar sobre como a luz do ridículo pode ser esclarecedora e exaltar a liberdade, inclusive, para a zombaria, para a troça inteligente que era benéfica para ser cultivada entre cavalheiros e amigos, desde que fossem *piadas finas*, pois recusava o riso grosseiro. “Tudo o que há de sério na vida advém de nossa liberdade.” (BERGSON, 1983, p.39)

Para Elias Thomé Saliba, historiador brasileiro (2012, s/p), “a disposição de rir das tolices da humanidade sempre foi considerada pela medicina como um meio de preservar a saúde, aliviando o excesso de bílis, ou de adrenalina que, em excesso produz a melancolia e as doenças.” O autor complementa ainda que:

É o rir para não chorar. Porque as pessoas que riem das piadas guardam resíduos de emoções que lhes vão permitir rir das maldades, dos preconceitos e das falcatruas reais. Quando as pessoas não riem é pior, pois os ressentimentos são recalçados. O que talvez explique porque o humor – sob quaisquer de suas formas, pela graça ou pela inteligência – tenha um efeito libertador (2012, s/p)

Geier (2011) também discorre sobre Kant, e insiste que o filósofo era ridente, por mais que isso seja difícil de imaginar, já que ele é visto como um analista da *crítica da razão*

⁵³ Peter Gay nasceu em Berlim, em 1923. Judeu, estabeleceu-se nos EUA em 1941, onde mudou seu sobrenome Frohlich para o equivalente inglês "gay", alegre. Historiador das ideias, recebeu diversos prêmios com seus livros que abordam temas como a cultura de Weimar, o socialismo democrático, Voltaire, Freud, o ódio, Mozart e Schnitzler.

⁵⁴ Em tradução livre: Sensus Communis: um ensaio sobre a liberdade da graça e do humor.

*pura*⁵⁵: “não faltam documentos e indícios que nos revelam Kant sob uma ótica bem diferente: como um homem sociável, amante da liberdade, bem-humorado, que não desconhecia o riso de Shaftesbury ou de Wieland.” (2011, p.128) O autor busca explicar o interesse de Kant no humor, pois o pensador, que compreendia a filosofia como *sabedoria universal* e relacionada ao *que interessa realmente a todos*, não poderia negligenciar a graça, o humor e o riso, que o desafiavam por fazerem parte da natureza humana. “O que Kant falou ou escreveu sobre o riso, temperado com muita graça e humor, é um tecido complicado no qual se entrelaçam várias linhas de raciocínio.” (GEIER, 2011, p.148)

De acordo com Geier, após mais de dois mil anos de história da filosofia, surge em Kant uma junção dos três grandes modelos de explicação do riso. A seguir uma breve síntese de cada uma das três, com base nos textos de Geier (2011):

1. Quando rimos de outras pessoas ou a teoria da superioridade

É a mais antiga e começa a ser delineada ainda na Antiguidade Clássica com Platão e Aristóteles e, posteriormente, com Hobbes. É associada ao riso *satânico*, “o riso reprovável, um riso que brota da própria superioridade.”(GEIER, 2011, p.149). Ou seja, decorrente da sensação de superioridade do ridente sobre o outro, ou objeto, que esse vê como inferior, ou mesmo desprezível, e tem a necessidade de sentir superior aos outros ou a si mesmo. Pode-se dizer que esse tipo de humor investe em uma vítima para, às custas desta, divertir-se.

Essa teoria perdeu força com o decorrer dos anos, e podemos ver um exemplo de crítica a ela no manifesto do jornalista e “gentleman” Joseph Addison⁵⁶, ao condenar veementemente o humor e o escárnio agressivos no *Spectator* de 27 de março de 1711:

Pessoas inteligentes, interessadas em uma convivência social, não riem dos outros, nem os ridicularizam. Quem prejudica a imagem de uma pessoa com uma piada arrogante a atinge como que com flechas envenenadas que não só causam ferimentos, mas também os tornam incuráveis. [...] A piada é algo bastante condenável quando não é temperada com virtude e humanidade. (ADDISON, 1711, s/p. apud GEIER, 2011, p.156)

Todavia, ainda hoje, é possível identificar exemplos de infundados sentimentos de superioridade de indivíduos que buscam fazer graça ao custo de expor ao ridículo um semelhante, como é perceptível em situações preconceituosas com cunho racista, sexista, entre outros.

⁵⁵ *Crítica da Razão Pura*, cuja primeira edição é de 1781, é a principal obra de teoria do conhecimento do filósofo Immanuel Kant, e tida como um dos mais influentes trabalhos na história da filosofia, marcando o princípio do idealismo alemão.

⁵⁶ Joseph Addison (1672 -1719) foi um poeta, ensaísta, e jornalista inglês. A palavra *gentleman* é reprodução da deferência a ele utilizada por Geier. O texto de Addison foi para condenar o discurso humorístico com escárnio agressivo na terceira edição do hebdomadário inglês (periódico semanal) *Spectator*.

2. Quando se ri de coisas absurdas ou a teoria da incongruência

Teve origem em Dublin, com a criação da escola escocesa de filosofia moral, e um de seus cofundadores, o filósofo Francis Hutcheson⁵⁷, de acordo com Geier (2011), confiava em um senso moral intuitivo da humanidade, o que se opunha à teoria anterior que exaltava o egoísmo.

A teoria da incongruência, ou seja, aquilo que não condiz, é incoerente ou não se adapta, é a mais popular das três e teve como grandes porta-vozes filósofos como Kant, Schopenhauer e Kierkegaard.

Na prática, significa dizer que a desencadeadora desse processo seria uma perda do controle e, conseqüentemente, a quebra de uma expectativa, ou como melhor explica Geier:

Rimos principalmente quando os elevados ideais das sublimes grandeza e dignidade, da sanidade e perfeição [...] se misturam às noções inferiores da mesquinha, infâmia e do profano.[...] Quando alguém quer fazer uma piada leve, mas se esforça demasiadamente para isso; quando se apresenta com grande pompa, mas tropeça subitamente; quando a sua elegante vestimenta, que ostenta orgulhosamente, está suja sem que ele tenha percebido - em todos esses casos, rimos. (2011, p.157-158)

Mas, o autor deixa bem claro que esse riso não vem de um sentimento de superioridade de um sobre outrem, mas, sim, da cômica incongruência de ideias. Na atualidade, pode-se identificar a teoria em situações cotidianas, como um vídeo gravado em uma festa familiar, onde os presentes dançam de forma meio desengonçada, e que acaba sendo visto por amigos dos envolvidos, ou ainda numa reunião íntima, o anfitrião entra na sala trazendo um belo prato de sobremesa e acaba tropeçando, derrubando todo o creme em si, e após constatar-se que não há lesões, os envolvidos riem muito do acontecido.

3. Quando uma tensão nervosa é purgada ou a teoria do relaxamento

Aristóteles já havia constatado que, em geral, rimos quando ocorre algo que contradiz uma expectativa envolta em tensão. Outros compactuam com o mesmo posicionamento, como Cícero, ao dizer que rimos “porque nos sentimos como que enganados em nossa expectativa” (apud GEIER, 2011, p.177), e Kant, que descreveu esta decepção como “O riso é o efeito da súbita transformação de uma expectativa tensa em nada.”(KANT S/D p. 462 apud GEIER, 2011, p.177)

⁵⁷ Francis Hutcheson (1694-1746) foi professor, teólogo presbiteriano e filósofo irlandês, de origem escocesa. Conhecido pelas suas teses sobre Ética e ideias contrastantes as de Hobbes. Via na luta política a luta de todos contra todos, É autor de frases como “O bem-estar dos outros é também o meu bem-estar.” e “A forma suprema da minha felicidade é a minha ação em prol do bem-estar dos outros.”

Essa teoria foi desenvolvida pelo filósofo e cientista natural inglês Herbert Spencer⁵⁸ e por Freud. Spencer buscava explicar como o fenômeno do riso funciona fisiologicamente como um *efluxo* que escoo as tensões do ser humano. Geier destaca que quem gostou dessas teorias foi Sigmund Freud, em Viena, quando realizava pesquisas acerca do funcionamento do aparelho psíquico. “Assim, Freud incluiu o ‘alívio’ e o “efluxo” de Spencer em sua própria noção de “catarse”, que se tornara para ele um hábito de pensamento” (GEIER, 2011, p.179).

Um exemplo prático dessa teoria é o de piadas, chistes e anedotas, que, mesmo brevemente, criam expectativa e tensão e que logo são liberadas pela absorção de uma nova ou complementar informação.

Freud (2017) afirma existirem duas categorias de piadas que estão voltados para o erotismo/preconceito, e as ingênuas, que fazem uso de jogos de palavras. Ele ressalta a necessidade de no mínimo duas e às vezes três pessoas para que ocorra o elemento cômico.

Freud explica:

Por que, então, eu não rio do meu próprio chiste? E qual é aí o papel do outro? Começamos pela última questão. No cômico são consideradas, em geral, duas pessoas: além de mim mesmo, a pessoa na qual descubro o elemento cômico;[...] Essas duas pessoas, o eu e a pessoa-objeto, são suficientes para o processo cômico; uma terceira pessoa pode aparecer, mas não é requerida. Enquanto jogo com as próprias palavras e pensamentos, o chiste dispensa a pessoa-objeto num primeiro momento, mas já no estágio preliminar do *gracejo*, quando consegui assegurar o jogo e o absurdo contra a objeção da razão, ele exige outra pessoa a quem possa comunicar o seu resultado. Mas esta segunda pessoa do chiste não corresponde à pessoa-objeto, e sim à terceira pessoa, ao "outro do cômico. Parece que no *gracejo* é transferida à outra pessoa a decisão sobre se o trabalho chistoso cumpriu a sua tarefa, como se o eu não estivesse seguro do seu juízo a respeito. (2017, p.203)

A explicação de Freud contribui para compreender a distinção entre o cômico que pode ser entre duas pessoas, ou mesmo uma e um objeto, e o chiste, piada, que requer três envolvidos. Dessa forma, o autor constata que o riso seria contagioso.

Tanto Bergson (1983) como Freud (2017) abordam a comicidade na linguagem e concordam que as palavras detêm poder para incitar o riso em quem as ouve, ou as lê, dependendo do tempo e espaço em que se encontram. O que significa dizer que, mesmo com um jogo de palavras elaborados, estando o receptor em uma situação não receptiva, o chiste não encontrará solo fértil e não alcançará seu objetivo de fazer rir.

O humor, de forma ampla, pode ser visto como qualquer ação que visa a gerar o riso ou sorriso no receptor. Mas, buscando categorizar as formas de fazer o outro rir, chegamos à classificação elaborada por Propp.

⁵⁸ Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo, biólogo e antropólogo inglês, considerado um dos representantes do liberalismo clássico. Foi colaborador, de 1885 a 1891 de *A imprensa*, revista científica, literária e artística.

O homem ri. [...] Por isso começamos por colocar o problema dos diferentes tipos de riso. Pode-se perguntar: certas formas de comicidade não estariam ligadas a certos aspectos do riso? Por isso é preciso ver e decidir quantos aspectos do riso podem ser estabelecidos de um modo geral. (PROPP, 1992, p.27)

Propp (1992) inicialmente distingue o riso em riso de zombaria e riso sem zombaria, e desdobra esses dois tipos em vários outros. Nos risos sem zombaria, estão o “*riso bom*”, “*riso maldoso ou riso cínico*”, “*riso alegre*”, “*riso ritual*” e “*riso imoderado*”. Nessa última categoria, não se ri de alguém, como o autor explica:

O riso é possível apenas quando os defeitos de quem se ri não adquirem o aspecto de vícios e não provocam repulsão. O problema, conseqüentemente, é um problema de gradação. Pode acontecer, por exemplo, que os defeitos sejam tão irrelevantes a ponto de suscitar em nós não o riso, mas o sorriso. O defeito pode ser próprio de uma pessoa a quem amamos e apreciamos bastante ou por quem sentimos simpatia. No quadro geral de uma avaliação positiva e da aprovação, um pequeno defeito não provoca condenação, mas pode, ao contrário, reforçar um sentimento de afeto e simpatia. A pessoas assim perdoamos facilmente suas falhas. Esta é a base psicológica do riso bom. (PROPP, 1992, p.152).

No riso de zombaria, “a pessoa compara involuntariamente aquele que ri consigo próprio e parte do pressuposto de não possuir os defeitos do outro” (PROPP, 1992, p.180), ou seja, o riso é gerado quando se desnuda um defeito de forma repentina. Dessa forma, a inteligência foca a atenção para os fenômenos de caráter espiritual e moral que revelam os defeitos daquilo que observamos.

Vejamos a seguir, resumidamente, as categorias do riso de zombaria propostas por Propp (1992):

1 - O cômico da natureza

Como já mencionado, a natureza não é cômica. Apenas podem ser risíveis objetos ou paisagens quando associados ao homem, ou modificados ou incrementados por esse. “Uma coisa pode se revelar ridícula no caso de ter sido feita pelo homem, e se o homem que a fez, involuntariamente, refletiu nela algum defeito de sua própria natureza: um móvel absurdo, chapéus ou roupas insólitos podem suscitar o riso” (1992, p.39-40).

2 - A natureza física do homem

A natureza física do homem pode instigar o riso por várias perspectivas, desde que não seja em decorrência de uma anomalia física grave ou doença. Pois, como afirma Propp, o corpo humano nu, por si só, não apresenta nada de ridículo, sendo muitas vezes belíssimo, como demonstrado em incontáveis obras de arte desde a Antiguidade. “Assim como não é engraçado um corpo gordo na antecâmara de um médico, igualmente não é um corpo nu na mesa de operações ou sob o estetoscópio” (1992, p.47).

No entanto, Propp complementa que o físico do homem pode tornar-se risível bastando que esse traje algo distinto das vestimentas tradicionais, ou, também produza reações fisiológicas involuntárias, entre outras situações.

3 - A comicidade da semelhança

“A semelhança nem sempre é cômica. Os pais de gêmeos não acharão cômica sua semelhança. Da mesma forma gêmeos que se assemelham não parecerão cômicos àqueles que os vêem todos os dias e estão acostumados com eles.”(PROPP, 1992, p.55)

No entanto, o autor constata que “O professor ou o conferencista que de ano em ano repete sua aula com as mesmas brincadeiras, com as mesmas expressões, com a mesma mímica e com a mesma entoação, torna-se ridículo aos olhos dos estudantes, se eles percebem o que se passa ” (1992, p.58).

4 - A comicidade das diferenças

De acordo com Propp, esse é um dos casos mais complexos na explicação do cômico, pois “de Aristóteles até hoje os estudiosos de estética repetem que o disforme é cômico, mas não explicam e não definem que tipo de deformidade é risível e qual não é. O disforme é o oposto do sublime. Nada que seja sublime pode ser ridículo, ridícula é a transgressão disso” (1992, p. 59).

O que pode significar que, se o próprio homem, mesmo que instintivamente, determina as normas e padrões físicos e socioculturais à própria sociedade, o que pode ser risível é aquilo que se torna diferente desses valores. Isso que explica porque alguns riem de outros por coisas como orelhas, pés ou narizes maiores que o normal, ou mesmo vestimentas típicas de uma cultura inseridas em lugares diferentes.

5 - O homem com aparência de animal

A associação do homem com um animal pode suscitar o riso quando atrelada a alguma característica considerada negativa. Segundo Propp, “Chamar uma pessoa com o nome de um animal qualquer é a forma mais difundida de injúria cômica tanto na vida como nas obras literárias”(1992, p.67).

Mas o riso não existe em comparações com animais que não apresentem qualidades negativas, como falcão, rouxinol, cisne ou águia. Sendo, inclusive, na vida cotidiana atual, a associação a animais como gatinha, coelhinha, canarina, entre outros, uma forma de afeto ou elogio.

6 - O homem-coisa

Da mesma forma que a comparação entre um homem e um animal suscita o humor, também é cômica a comparação do homem com uma coisa. Nesta categoria, Propp (1992)

transcreve diversos exemplos de textos onde há associações cômicas do homem com coisas, como: poste, árvore, almofadas, samovar, entre outras. Atualmente, também é comum ver essa relação de cunho cômico com palavras como banana e porta.

Essa sexta categoria encerra a classificação do riso em virtude do exterior do homem. Assim, as próximas são relacionadas às atividades humanas.

7 - A ridicularização das profissões

Algumas profissões são satirizadas do ponto de vista de suas manifestações exteriores por alguns homens. “A tarefa de representar uma atividade qualquer do ponto de vista cômico ou satírico é mais fácil se essa mesma atividade em si não requer uma tensão mental especial, e toda a atenção se dirige apenas às suas formas exteriores.” (PROPP, 1992, p.79-80).

De acordo com o autor, existem profissões que são mais comumente utilizadas com objetivo cômico, como cozinheiro, barbeiro e médico, e outras, como o trabalho pesado de um camponês servo da gleba “observado apenas do ponto de vista dos atos exteriores, não pode ser encarado como cômico por uma pessoa de bom senso” (PROPP, 1992, p.83). Vale ressaltar que o satírico, inclusive nas profissões, pode alterar de um país a outro, de uma cultura para outra.

8 - A paródia

Propp menciona a dificuldade em conceituar paródia, e mesmo que “todos saibam o que é, definir cientificamente com precisão sua essência, não é tarefa fácil” (1992, p.84). A dificuldade, segundo o autor, é decorrente da ausência de explicações para o que suscita o riso na categoria. “A paródia é considerada como um exagero das particularidades individuais. Entretanto, a paródia nem sempre contém o exagero. O exagero é próprio da caricatura, não da paródia.” (1992, p.84)

Conforme o autor, podem ser parodiados não só os atributos individuais do ser, mas também os aspectos negativos de ordem social: “É possível, a rigor, parodiar tudo: os movimentos e ações de uma pessoa, seus gestos, o andar, a mímica, a fala, os hábitos de sua profissão e o jargão profissional; é possível parodiar não só uma pessoa, mas também o que é criado por ela no campo do mundo material ” (1992, p.85).

9 - O exagero cômico

A comicidade tem relação com o exagero. Propp concorda com essa afirmação, mas complementa que “O exagero é cômico apenas quando desnuda um defeito. Se este não existe, o exagero já não se enquadra no domínio da comicidade” (1992, p.88).

O autor destaca ainda que o exagero cômico pode ser demonstrado através da caricatura, da hipérbole e do grotesco. A caricatura pode estar na representação exagerada de

algum fenômeno de ordem física, como uma barriga avantajada, um ronco muito alto ou uma voz muito fina. A hipérbole, segundo Propp, mostra-se como uma variação da caricatura: “Na caricatura ocorre o exagero de um pormenor, na hipérbole, do todo” (1992, p. 90). E, de acordo com o autor, o grotesco é o grau mais elevado e extremo do exagero, sendo a forma de comicidade mais utilizada na arte popular, desde a antiguidade: “As máscaras de comédia grega antiga são grotescas. O descomedimento violento na comédia contrapõe-se ao comedimento e ao majestoso na tragédia” (1992, p.92).

Vale transcrever a última frase de Propp nesta categoria, ao afirmar que: “O grotesco é possível apenas na arte e impossível na vida. Sua condição *sini qua non* é uma certa relação estética com os horrores apresentados. Os horrores da guerra, fotografados para fins documentais, não têm e não podem ter caráter de grotesco.” (1992, p.92)

10 - O malogro da vontade

A expectativa frustrada não é risível em situações tristes ou trágicas, mas, sim, quando há malogro de propósitos cotidianos sem desgraça, ou com baixo grau, como esclarece Propp: “O naufrágio de iniciativas grandes ou heróicas não é cômico, mas trágico. Será cômico um revés nas coisas miúdas do dia-a-dia do homem, provocado por circunstâncias igualmente banais ” (1992, p.94).

Essa classificação é tipicamente representada em situações como tombos, batidas, quedas, entre outros. O autor destaca ainda que o cômico tem valor reforçado se ocorrer de forma brusca e inesperada, surpreendendo o protagonista e os leitores ou espectadores. O malogro é promovido por causas externas ao indivíduo, mas que são geradas em virtude de algo inerente à pessoa. Não que a distração seja causa exclusiva para o malogro, mas é recorrente: “é possível dizer que a distração é consequência de alguma concentração. Entregando-se com exclusividade a um pensamento ou preocupação, a pessoa não presta atenção em seus atos, executa-os automaticamente, o que leva às consequências mais inesperadas” (PROPP, 1992, p.95).

11 - O fazer alguém de bobo⁵⁹

Propp esclarece que é muito comum identificar essa categoria na literatura satírica e humorística, e que essa necessita de, no mínimo, duas personagens para que ocorra. O autor sinaliza que o processo de fazer o outro de bobo pode ser em situações inesperadas ou preparadas com esse intuito, chegando a extremos cruéis: “A alegria maldosa que em outros

⁵⁹ A nomenclatura dessa categoria “O fazer alguém de bobo” é da versão em português, pois Propp esclarece no início dessa classificação, que usa/nomeia o capítulo, com a palavra russa *odurátchivanie*, que não tem tradução em outras línguas. Seu significado, de acordo com o autor, seria algo próximo a deixar alguém com cara de bobo, engabelar.

tipos de humor mal se nota aparece aqui sem disfarces. Por isso este tipo de humor não é atraente; mas é próprio da natureza humana que nem sempre tende ao bem.” (1992, p.105)

Ainda nessa categoria, o russo desfere uma crítica feroz aos norte-americanos ao afirmar que esse tipo de humor, quando cruel, “encontra ampla aceitação no modo de vida dos americanos pela incapacidade que têm de se divertirem de maneira mais inteligente” (1992, p.105). Ele conclui que a categoria do *Fazer alguém de bobo* pode, ou não, ser de ciência de quem está sofrendo a suposta ação cômica, sendo apenas de conhecimento do público, até o momento que a personagem ridicularizada tome conhecimento no fim, ou não.

12 - Os alogismos

Alogismo é relacionado ao que não tem lógica, não faz sentido, o que é absurdo. Propp afirma que “o alogismo pode ter dupla natureza; os homens dizem coisas absurdas ou realizam ações insensatas” (1992, p. 107). O autor explica ainda que esse pode ser manifesto ou latente: “No primeiro caso o alogismo é cômico em si mesmo para aqueles que vêem ou sentem sua manifestação. No segundo caso exige um desmascaramento e o riso surge no momento desse desnudamento” (1992, p. 107). Propp ainda destaca que, possivelmente, o alogismo é a forma mais comum da prática da comicidade na sociedade real, onde pode ser identificado em diversas situações do cotidiano, como em um simples bate papo entre amigos, quando um dos presentes erra, ou troca de forma inconsciente, uma palavra por outra alógica, até mesmo um neologismo, ou em situações em que haja tolices.

13 - A mentira

Existem dois tipos de mentira cômica conceituados por Propp (1992). Uma, em que se pretende enganar, e outra, em que se tem a pretensão apenas de divertir. Na primeira, existe um impostor que pretende enganar o interlocutor. Na segunda, a intenção do mentiroso é apenas a diversão do receptor.

Vale ressaltar que, todavia, nem toda mentira enganosa é cômica, principalmente quando leva a consequências trágicas. De acordo com o autor, para uma mentira ser cômica, “ela deve ser desmascarada. A que não o for não pode ser cômica” (1992, p.115). Propp ainda complementa que, para ser cômica, a mentira deve ser revelada e jamais ser interesseira. “Quanto mais interesseira [a mentira], tanto menos engraçada. Por isso, o grau máximo da comicidade de uma mentira é ao mesmo tempo a mentira completamente gratuita graças à qual, porém, o mentiroso se desmascara (‘revela a si próprio, tal qual é’)” (PROPP, 1992, p.117).

Um paradoxo interessante levantado por Propp é o de que “Na vida ocorre mais frequentemente outra coisa: o mentiroso é desmascarado e se riem dele em sua própria

presença” (1992, p.117). Dessa forma, compreende-se que, para a mentira ser cômica, ela deve iniciar já com o intuito de desmascarar o seu criador, mas também, não deve ter grandes interesses por trás, nem ser cruel ou muito maldosa.

14 - Os instrumentos linguísticos da comicidade

A língua por si só não é risível, ela apenas se torna passível do cômico quando reflete traços da vida de quem a usa, seja através da escrita ou fala, e normalmente reflete sua imperfeição de raciocínio. Propp destaca que “A língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e zombaria” (1992, p.119) e que dentro dessa categoria existem diversas formas de expressar o humor, como os trocadilhos, os paradoxos e a ironia.

Os trocadilhos, ou calembur, são jogos de palavras que, de acordo com Propp (1992), podem acontecer de forma involuntária ou intencional. Nesse último, é necessário um talento particular do autor, que pode despertar o riso no receptor da mensagem. Já os paradoxos ocorrem quando em uma sentença o predicado contradiz o sujeito, quando há contradição na lógica textual. O autor acredita que “Há paradoxos involuntários, cuja comicidade se baseia nalgum alogismo implícito” (1992, p.124) e complementa que “Sob a forma de paradoxo podem ser expressos também pensamentos sarcásticos e de escárnio” (1992, p.124). O sarcasmo pode ou não ser risível, e vai depender da compreensão e aceitação do receptor da mensagem.

Da mesma forma que o trocadilho e o paradoxo estão próximos, esse último e a ironia também são adjacentes. Segundo Propp (1992), na ironia usam-se conceitos ou palavras, mas fica subentendido outro significado, distinto do expresso, ou seja, fala-se algo positivo acerca de alguém ou alguma coisa, quando, na verdade, busca-se revelar o oposto. “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria, e nisto está sua comicidade” (1992, p.125).

A linguagem se faz cômica também na escolha de nomes e sobrenomes para personagens. Os nomes podem expressar total contradição com a personalidade de seus donos, como alguém extremamente medroso ter como cognome a palavra Valente, ou quando os nomes são relacionados a animais ou coisas. Propp afirma que “Às vezes os nomes lembram as coisas apenas por assonância, e por isso mesmo sua comicidade sai fortalecida” (1992, p.131), ou seja, a semelhança ou igualdade de sons, ou acúmulo de sons idênticos. Também podem ser associados nesta categoria os nomes cacofônicos.

Propp constata que “Os nomes cômicos são um procedimento estilístico auxiliar que se aplica para reforçar o efeito cômico da situação, do caráter ou da trama” (1992, p.131). O que significa dizer que os nomes, normalmente, não são o principal instigador da comicidade,

mas podem contribuir com os instrumentos básicos, como a descrição dos protagonistas, da trama e dos conflitos.

15 - Os caracteres cômicos

Aristóteles já dizia que a comédia representa as pessoas piores do que elas realmente são, em oposição à tragédia, que exalta as suas qualidades. Ou seja, para criar caracteres cômicos, faz-se necessário o uso de *pitadas de exagero*. Conforme Propp (1992), amplifica-se alguma característica, ou propriedade negativa do caráter, fazendo com que o foco do leitor ou espectador seja rapidamente dirigido a ela. No entanto, o autor destaca que o exagero não é a única condição para a comicidade de um caráter e retoma Aristóteles, para afirmar que na própria comédia os exageros devem ser explorados, mas com certa moderação, para não ultrapassar limites e provocar desgosto ou repugnância em quem assiste. “Só os pequenos defeitos são cômicos. Cômicos podem ser os covardes na vida de cada dia (mas não na guerra), [...] Uma mesma propriedade pode se tornar cômica se for ampliada moderadamente. Se, ao contrário, for levada à dimensão do vício, tornar-se-á trágica” (1992, p.135).

De acordo com o autor, é mais frequente encontrar caracteres cômicos de aspectos negativos, entretanto, “ao observarmos a vida, tal como as obras literárias de talento, veremos que existem personagens cômicas que não parecem ter características negativas, mas não deixam por isso de ser cômicas. Rimos delas mas temos, mesmo assim, um sentimento de simpatia”(1992, p.139). O que significa dizer que, mesmo que a grande maioria dos caracteres cômicos sejam negativos, podem sim existir os positivos, e que cada indivíduo é resultado de características negativas e positivas em medidas distintas.

Para Propp (1992), a galeria de tipos positivos que despertam o bom humor é bastante ampla e abrange, por exemplo, pessoas otimistas que contagiam os próximos a sorrir. “Nelas o que nos alegra é o otimismo, mas é justamente ele que suscita o riso.” (1992, p.140) No entanto, o autor esclarece que esse otimismo pode ser decorrente até mesmo de ingenuidade, o que pode ser visto como uma fraqueza, e assim retornamos aos defeitos do homem como elementos risíveis. “Chegamos assim à conclusão de que a comicidade dos caracteres deste tipo não surge da presença de qualidades positivas enquanto tais, mas da precariedade e da insuficiência dessas mesmas qualidades.” (PROPP, 1992, p.140-141)

Mas não apenas o otimismo existencial pode ser visto como qualidade positiva de caracteres cômicos. De acordo com Propp (1992), outra capacidade positiva, mas que mesmo assim que pode despertar o risível, é a engenhosidade das personagens, que conseguem se safar dos antagonistas: “Os antagonistas são sempre tipos negativos e por isso a personagem sabida que os engana adquire um caráter ao mesmo tempo positivo e cômico.” (1992, p.142)

Constata-se com essa categoria a assertividade do autor quando menciona que na tragédia o público se aproxima do derrotado, mas, na comédia, se identifica com o vitorioso.

16 - Um no papel do outro. Muito barulho por nada

Propp, nessa categoria, transcreve uma afirmação de Kant que diz que “O riso é o efeito (que deriva) de um fracasso repentino de uma intensa expectativa.” (1992, p.144). Todavia, na sequência, apresenta outros autores que questionam a frase. Na visão do russo, a teoria de Kant não está errada, e observa que nem toda expectativa frustrada suscita o riso, pois é necessário que uma expectativa positiva não resulte em algo ruim, como já afirmado anteriormente, e com proporções graves. Para Propp, “O pensamento de Kant admite uma ampliação e pode ser expresso da seguinte forma: “nós rimos quando esperamos que haja alguma coisa, mas na realidade não há nada”.(1992, p. 145) Sobre esse *alguma coisa*, o autor explica que “é uma pessoa que é tomada por algo de importante, de significativo, de positivo. O “nada” é aquilo em que ela realmente se transforma” (PROPP, 1992, p.145).

Todas essas formas de abordar a comicidade, o humorístico, podem estar relacionadas e encontradas em obras literárias ou mesmo em outras formas de comunicação, como nos textos da imprensa.

Vale ressaltar que o humor sempre foi ambíguo, o que significa dizer que enquanto agrada e faz rir alguns, pode ferir e irritar outros, normalmente os que são retratados comicamente. Essa constatação é reiterada por Geier (2011), ao afirmar que Sócrates, visando a compreender a mistura de prazer e desprazer na alma que é típica para a percepção do ridículo, percebe que “faz uma grande diferença se este mal se manifesta em pessoas fortes e poderosas, que podem se vingar se forem escarnecidas, ou em pessoas fracas e humildes que têm de suportar o escárnio - nos fortes as consequências podem ser terríveis, enquanto nos fracos é somente ridícula.” (2011, p.31) A afirmação coaduna-se com a constatação de que normalmente os personagens ridicularizados, que fazem rir, são mais humildes, a exemplo de tantos na história literária e mesmo de Juó Bananére, mencionado anteriormente.

Entretanto, não podemos esquecer da afirmação de Bergson (1983, p.7): “... já não se notou que muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra, relativos, pois, aos costumes e às idéias de certa sociedade?” Ou seja, o que pode ser engraçado para alguns, pode não ser para outros, e isso não é apenas para quem sofre o chiste, mas para quem se solidariza ou não o entende por questões culturais. Todavia, é necessário um conhecimento prévio do assunto por parte das pessoas que compartilham do riso, como afirma o autor (1993, p.20): “Por mais espontâneo que suponhamos, o riso pressupõe entendimento prévio, direi mesmo cumplicidade com outros que riem, reais ou imaginários.”

Além do espaço, o tempo influencia de forma significativa, o que pode dificultar a compreensão da linguagem cômica antiga. Saliba (2012) concorda, ao afirmar que “As técnicas que produzem o riso - expectativas que resultam em surpresa, o solavanco mental da piada, o *timing* da *boutade*, o gancho que os comédicos usam para deflagrar o riso – são universais, mas a linguagem humorística, aquela irreconhecível sintaxe silenciosa que fica por trás de toda piada, é peculiar a cada povo.”

Como visto até aqui, o humor é um instrumento de comunicação há milênios, e desde as comédias gregas já aproximava as pessoas e despertava emoções, além de aliviar a tensão do cotidiano. “Mas eu arrisco: eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de “canto paralelo”. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real” (SALIBA, 2012, s/p.). Essa ambiguidade suscitada pelo humor nas comédias e literatura não poderia ser diferente na imprensa, principalmente quando agregada à crítica social.

Ao que Bergson explica:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a idéia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social.” (1983, p.8)

A afirmação anterior mostra-se relevante à dedicação na primeira seção do primeiro capítulo desta pesquisa, que buscou contextualizar a cidade berço do objeto de estudo. Só é possível buscar compreender o humor utilizado no periódico, se conhecermos um pouco da história e costumes locais.

Para fechar essa parte sobre humor, vale transcrever Tchêkhov (apud PROPP, 1992, p.190)⁶⁰, que afirma que "Se um homem não compreende as brincadeiras - adeus! E sabem, não pode ser realmente inteligente, mesmo que seja um poço de sabedoria." A frase mostra-se verdadeira e em concordância com o intuito da imprensa humorística, que muitas vezes busca criticar e chamar a atenção a fatos do cotidiano. Todavia, talvez pela longínqua influência de Platão, ou pela questão de tempo ou espaço, não há como querer que todos compreendam igualmente a linguagem cômica, seja ela verbal ou não verbal.

Na verbal, de acordo com Propp (1992, p.129), “O âmbito da comicidade conseguida graças a meios linguísticos é bastante rico e variado.” E essa forma de linguagem seria apenas um meio utilizado pelos homens para suscitar o riso, o que é possível, como demonstrado e reiterado por Bergson (1983, p.93), ao afirmar que “O fato de a linguagem

⁶⁰ Propp transcreve Tchêkhov entre aspas, mas não faz nenhuma referência a ano ou página.

produzir efeitos risíveis é apenas devido a ser ela uma obra humana, modelada tão exatamente quanto possível sobre as formas do espírito humano.”

A distinção das formas de linguagem é ressaltada por Saliba (2012, s/p): “Os tipos de humor se misturam, conforme a linguagem utilizada, mas é sempre bom distinguir o humor verbal – a piada verbal, o trocadilho, etc. - do humor visual (a caricatura ou a piada gráfica) e do humor lúdico (o humor do corpo, do palhaço ou do malabarista).”

Contudo, ir direto à escrita humorística na imprensa mostrou-se uma tarefa complexa e, nesta pesquisa, optou-se por não fazer a separação total das formas verbal e não verbal, até por questões de literatura disponível, ao menos não no resgate histórico a seguir, deixando-se a análise para a última parte.

3.2 O HUMOR NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA

“É sabido que não fazemos piada para nós mesmos. É possível divertir-se em silêncio com uma piada, mas não se consegue rir direito. Somente a comunicação da piada provoca o riso que ela almeja.”

Em concordância com a epígrafe de Geier (2011, p.204), a comunicação é necessária para o humorístico, e a imprensa é um meio favorável para difundir isso. Todavia, quando pensamos no dueto humor e imprensa, a primeira referência que surgirá na mente da maioria das pessoas é a ilustração, a charge. Inclusive, nas buscas em bibliografias e através de mecanismos de pesquisas *on-line*, realmente é o enfoque que mais tem acervo disponível. Muito estudos já foram desenvolvidos analisando o humorístico nas ilustrações em veículos de distintos formatos na imprensa, mas, comparado a isso, as pesquisas da comicidade nas produções textuais jornalísticas ainda são tímidas e significativamente minoria.

Ao apontar essa simples constatação de quantidade, de forma alguma pretende-se desmerecer a contribuição dos estudos sobre as ilustrações humorísticas como instrumento relevante no desenvolvimento, propagação e impacto da imprensa na sociedade. No entanto, o intuito desta pesquisa é analisar o humorístico verbal nas páginas do *A Encrenca*. Mas, para chegar lá, devemos passar, mesmo que introdutoriamente, pela imprensa humorística ilustrada.

Iniciamos esta etapa com as autoras Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca, que reuniram um grupo de especialistas e organizaram a obra *Histórias da Imprensa no Brasil* (2018). No subcapítulo intitulado “*Rindo criticam-se os costumes*”, Martins (2018), em breves três páginas, conta como a comunicação pelo humor, via caricatura, conquistou espaço

na imprensa num país de difícil propagação da palavra escrita, pois, justamente por esse motivo, a ilustração mostrava-se uma alternativa de fácil e rápida compreensão: “Da oralidade jocosa da colônia [...] chegou-se rapidamente à proliferação do desenho satírico do papel impresso da regência, constituindo-se o traço caricaturado numa das linguagens de maior aceitação no Brasil” (2018, p.64-65).

É facilmente compreensível a aceitação e difusão rápida das ilustrações, frente à produção textual impressa, quando se tem ciência de que a maior parte da população, na época, era analfabeta, ou semianalfabeta. E, como explica o historiador Francisco das Neves Alves⁶¹, “Ao associar texto e imagem, a caricatura viria a constituir-se num representativo acréscimo às práticas jornalísticas, obtendo notável popularidade, uma vez que atingia um amplo público, que ia desde os intelectuais até a população pouco letrada (2001, p.228). A decodificação da mensagem não verbal das ilustrações era extremamente rápida e efetiva.

Martins reitera o que entra em conformidade com o que foi abordado anteriormente, que o humor impresso funcionava como uma válvula de escape, como um antídoto às pressões vividas. Isso é atestado por Saliba, ao afirmar que “O brasileiro não resiste muito à seriedade” (2012, s/p).

Pensando nestas linguagens, que são modalidades de humor, uma linha do tempo deste gênero no Brasil começa com o nascimento da imprensa moderna, nas décadas finais do século 19, no que se refere, sobretudo, ao humor verbal e gráfico. Depois, vemos o desenvolvimento do teatro de comédia e de revista no final do século XX. Em seguida, o gênero se mistura com o circo, o circo-teatro, o teatro de revista e a burla cômica, no final dos anos 1920. (SALIBA, 2012, s/p).

Sobre o humor brasileiro, o autor afirma ser “difícil definir uma vocação típica do humor, não só brasileiro, mas de qualquer outra cultura, porque o humor é uma modalidade de experiência tão diversa, tão multifacetada, que é difícil teorizar sobre ele” (2012, s/p). E complementa que, se fosse para arriscar, diria que “eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de ‘canto paralelo”

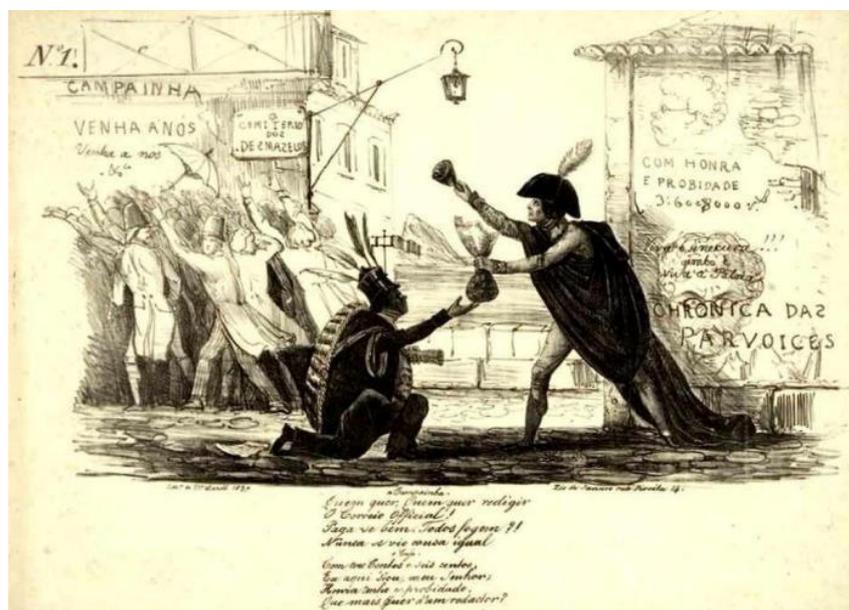
A comicidade expressa nas ilustrações periódicas ganhou espaço pela sua fácil assimilação, mas também por vir na esteira de uma voga europeia - a dos jornais caricatos que já faziam sucesso em diversos países do Velho Mundo. É atribuída ao gaúcho, de Rio Pardo, Manoel de Araújo Porto Alegre⁶² (1806-1879), que por muito tempo viveu na França, a

⁶¹ Francisco das Neves Alves é historiador, escritor e professor de História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

⁶² Manoel de Araújo Porto Alegre nasceu em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, em 1806, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 1879. Foi pintor, caricaturista, arquiteto, crítico e historiador de arte, professor, diplomata e escritor. Iniciou seus estudos em artes em Porto Alegre. No Rio de Janeiro, estudou na Academia Imperial de Belas Artes (Aiba), onde posteriormente seria diretor, tendo aulas, entre outros mestres, com Debret. Com o

primeira caricatura impressa em um periódico brasileiro, o *Jornal do Commercio*, em 1837, no Rio de Janeiro. Abaixo a reprodução da primeira ilustração de Porto Alegre:

Figura 17 - Primeira charge publicada, no Brasil, “A Campanha e o Cujo”



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Musecom)

De acordo com Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite⁶³, a charge “Trata-se de uma sátira que criticava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial.” Foi publicada no *Jornal do Comércio*, RJ, em 14 de dezembro de 1837.

Porto Alegre foi criador, em 1844, do *A Lanterna Mágica*⁶⁴, um dos primeiros periódicos de caricatura no Brasil monárquico. Tido como irônico e engraçado, o jornal apresentava-se como *Periódico Plástico-Filosófico*. Sobre esse impresso, a pesquisadora Heliana Angotti-Salgueiro acrescenta:

A Lanterna Mágica projeta em cada cena a erudição, o pluralismo de curiosidades intelectuais e competências do homem do século XIX representado por Porto Alegre, que atravessa o Atlântico com a cabeça cheia de imagens e ideias, associando o que viveu às práticas que quer denunciar de maneira realista e sem retórica, “os fatos cotidianos” e corriqueiros da vida urbana do Rio de Janeiro. [...] para expor e criticar certos costumes, comportamentos e tipos sociais. (2013, p. 189).

mestre seguiu para a Europa, onde viajou e estudou em países como Inglaterra, Itália, França, Bélgica, entre outros. Em 1874, o imperador D. Pedro II confere-lhe o título de Barão de Santo Ângelo. (Enciclopédia Itaú Cultural)

⁶³ Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite é pesquisador e coordenador do Setor de Imprensa do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Musecom), em Porto Alegre.

⁶⁴ A capa da primeira edição do periódico pode ser conferida na seção anexos (Anexo J).

De acordo com a autora, as caricaturas do *A Lanterna Mágica* eram para ser lidas na sequência, como um folhetim, e sobre os personagens afirma que, sob as vestes de sua época, são atemporais, “pois as paixões e os crimes que os movem são transitórios. Sobretudo “nesta terra, em que [como escreveu Porto-Alegre, em memorável frase] andam mais de mil arlequins, vestidos de retalhos de todas as cores e formas, passando por homens superiores ” (2013, p.190).

Angotti-Salgueiro (2013) afirma que Porto-Alegre, não foi compreendido em suas críticas e, entre polêmicas, demissões e portas que se fechavam, tornou-se alvo de caricaturas anônimas que ridicularizavam um a um seus combates sociais. Entretanto, segundo Martins, com sua contribuição, a ilustração “se propagou por todo o império como uma das formas de expressão mais festejadas do período, sobretudo pela pena de estrangeiros, que anteviram no jovem país, oportunidades para seus talentos” (2018, p.66).

O legado de Porto-Alegre, o primeiro caricaturista no Brasil, fez com que não tardasse para que outros jornalistas, impressores e ilustradores de talento investissem no gênero e abriu precedente a tantos outros periódicos que surgiram no futuro.

Conforme Martins, nossa imprensa humorística nasceu à sombra do modelo francês e, dessa forma, a ela “colocaram-se as historietas ilustradas não menos rocambolescas⁶⁵, que introduziram no Brasil a caricatura como narrativa, recurso poderoso que educava, fazia rir, enfeitava e potencializava uma incipiente imprensa das letras (2018, p.67).

Vale ressaltar que na monarquia D. Pedro II era figura caricata recorrente nas ilustrações em preto e branco, o que, conforme Martins (2018), prova com o uso irreverente da imagem do monarca o quanto a imprensa gozava de extrema liberdade de expressão. A autora transcreve um de seus conselhos dado à filha regente, a princesa Isabel: “Os ataques ao imperador não devem ser considerados pessoais, mas apenas manejo ou desabafo partidário” (2018, p.67).

A seguir, uma ilustração de D. Pedro II feita por Ângelo Agostini⁶⁶, fundador, em 1876, do periódico ilustrado satírico mais popular do século XIX, a *Revista Ilustrada*, que de

⁶⁵ A expressão rocambolesca deriva do Rocombole, personagem dos folhetins do escritor francês Pierre Alexis, Visconde de Ponson du Terrail (1829-1871). Está relacionada a aventuras inverossímeis, histórias ou enredos cheios de peripécias.

⁶⁶ De acordo com o historiador Aristeu Elisandro Machado Lopes, Ângelo Agostini nasceu na Itália, em 1843, aos nove anos partiu para Paris, onde ficou por cerca de oito anos. “Veio para o Brasil em 1859, inicialmente em São Paulo, onde deu início a sua carreira de caricaturista com o lançamento de dois periódicos: Diabo Coxo (1864-1865) e Cabrião (1865-1867). Posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro onde em 1867 contribuiu com o periódico Arlequim, substituído no ano seguinte por A Vida Fluminense, no qual ficaria até 1871 quando então assumiu o periódico O Mosquito, permanecendo neste até 1875. No ano seguinte, portanto, começava a veiculação da Revista Ilustrada.” (2015, s/p)

acordo com Morrel e Barros (2003) alcançou a expressiva tiragem de 4 mil exemplares, algo inédito até então na América Latina.

Figura 18 - Charge de D. Pedro II



Fonte: Biblioteca Municipal de São Paulo

Artistas como Porto Alegre e Agostini, pioneiros no Brasil, faziam uso da crítica política como mensagem de comunicação, e, de acordo com Martins (2018), três temáticas eram recorrentes em suas ilustrações: a igreja, o estado e a escravidão. Saliba (2012, s/p) complementa que, “No decorrer da história, o próprio riso popular permitiu que se criasse, cada vez mais, uma cultura da divergência, ativa e oculta – mostrando como o humor se tornou uma arma política importante contra os regimes repressivos.”

Com a saída de cena da família real e a República se estabelecendo, a imprensa adequa-se à nova gestão e, salvo exceções, transforma-se, conforme a historiadora Maria de Lourdes Eleutério (2018), em agente civilizador da nova política. “O advento e o transcorrer da chamada Primeira República (1889-1930) trouxeram uma imprensa que se diversificava. [...] ‘O Brasil Civilizava-se’ [...] naquelas épocas estampou-se nossa *Belle Époque*⁶⁷” (2018, p.83).

Contudo, a imprensa, após gozar de ampla liberdade de expressão no Império, agora estava sob as duras garras da República que, inicialmente, era repressora ao ponto de,

⁶⁷ Expressão que designa o período de paz vivido na Europa, que compreende de 1871, com o fim da Guerra Franco-Prussiana, a julho de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial.

conforme Eleutério, investir “contra formadores de opinião e órgãos de imprensa, [...] prisão de jornalistas, supressão de jornais e destruição de tipografias” (2018, p.85).

A *Belle Époque* foi período de grande produção humorística com grandes cartunistas atuando nos maiores jornais e revistas do país, atrelando seus traços criativos às linhas irônicas que nada deixavam escapar. Os anos que compreendem a *Belle Époque* foram os anos que viram florescer o jornalismo moderno, com as revistas semanais ilustradas que continham seções fixas de humor, de caricaturas e mesmo publicidade.

Coben (2018) afirma que o país presenciava uma ampla diversidade de imprensa e que, enquanto revistas ilustradas como a *Kosmos*, ostentavam belas fotografias em papel luxuoso:

Títulos menos sofisticados exibiam o outro lado desse progresso; ao lado das imagens fotográficas, a charge e o humor tratavam de temas mais árduos [...] Pelas páginas de *Careta* (1908), *Fon-Fon* (1907), *O Malho* (1902), *O Pirralho* (1911), *O Parafuso* (1915), *Tagarela* (1915) e tantas outras, a cidade e a vida urbana constituíram matéria prima de primeira ordem (2018, p.115).

O autor dá destaque e sintetiza que o melhor do humor da época está nas páginas de *O Pirralho*, semanário criado por Oswald de Andrade, já mencionado nesta pesquisa por ser o palco de Juó Bananére. “Nesse universo, a ironia, o estranhamento e a sátira resultavam em crônicas bem-humoradas que tinham como tema a política, os costumes, a história, a literatura e a vida urbana.” (COBEN, 2018, p. 116)

A irreverência é uma mercadoria vendável e, associada à sociedade brasileira que a acolheu tão bem, não é de se estranhar a diversidade de informativos com cunho humorístico que circularam no país.

Mesmo que o Rio Grande do Sul seja o berço do já mencionado Manoel de Araújo Porto Alegre, tido como o autor da primeira ilustração no país, de acordo com Leite (2015), o humor ilustrado, através de charges, chega ao Estado somente três décadas após ser conhecido no Sudeste brasileiro. Em 1849, a Litografia do Comércio de Pomatelli & Cia, tendo como principal gravador o alemão Guilherme Grote Tex, é a primeira a se estabelecer em Porto Alegre. Nas oficinas litográficas gaúchas, os artistas gravadores desempenhavam as funções de desenhistas, ilustradores, retratistas e caricaturistas. Conforme o autor (2015, s/p), “Na Província gaúcha, a oficina era ao mesmo tempo gráfica comercial e jornalística, ateliê e escola.”

A *Sentinella do Sul*, que circulou de 1867 a 1869, tendo como gravurista e desenhista Inácio Weingartner, foi o primeiro jornal gaúcho ilustrado e suas charges abordavam a Guerra do Paraguai, maior conflito armado internacional na América do Sul, de dezembro de 1864 a

março de 1870, além de problemas da administração pública na capital. Tendo o *A Sentinella do Sul* como precursor, passaram a circular na capital, e também no interior do estado, diversos outros periódicos que faziam uso da ilustração caricata como recurso.

Um dos mais importantes foi “O Século”, de Miguel de Werna (1836-1896), surgido em 1880. Circulando aos domingos, criticou o movimento republicano, defendeu a Monarquia e apoiou a propaganda abolicionista. [...] Ainda na capital, em 1877, circulou o álbum humorístico “A Lanterna” sob a responsabilidade do destacado político e jornalista alemão Carlos Von Koseritz (1830-1890) que circulou durante um ano. Outro importante periódico ilustrado foi o semanário “O Fígaro”, de 1878, dirigido pelo desenhista Cândido de Faria. Em 1883, começou a circular “A Lente” que teve a participação daquele que foi um dos mais destacados ilustradores, do século 19, no Rio Grande do Sul: Araújo Guerra. Na mesma linha, começou a circular, em 1863, “O Diogenes” de cunho crítico e literário. Este foi fundado por Luiz Francisco Cavalcanti de Albuquerque. Encerrou sua circulação em 1864, retornando a circular, por alguns meses, em 1874 (LEITE, 2015, s/p).

A cidade de Rio Grande, que foi a primeira capital e principal porto marítimo da Província do Rio Grande do Sul, teve grande parcela na produção de jornais caricatos. A relevância da cidade é tamanha que, de acordo com Alves (2015, p.234), “foi uma das comunidades na qual, durante o século XIX, mais se desenvolveu o jornalismo, adotando-se por parâmetro tanto o contexto regional quanto o nacional”. Nas três décadas finais, a cidade portuária, de acordo com o autor, viveu o apogeu das atividades jornalísticas, contemplando diversos gêneros de imprensa, desde as bem estabelecidas financeiramente, aos de duração efêmera ou irregular. Para Alves (2015, p.234) “Representante desta última, a imprensa caricata constituiu-se num dos gêneros jornalísticos que passou por significativo desenvolvimento nesta cidade portuária, surgindo, naquelas décadas, alguns dos mais organizados e duradouros representantes da pequena imprensa rio-grandina.”

Em Rio Grande, nasceu *O Amolador*, primeiro jornal ilustrado no interior do Estado, que circulou entre 1874 e 1875, e que está caracterizado no inventário de jornais raros do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (Musecom) como “jornal de sátira, caricatura e crônica social”. Também, de 1875 a 1881, circulou o semanário *O Diabrete*, de acordo com o Musecom, caracterizado como jornal de sátira, caricatura, ilustração, político, antirreligioso e abolicionista. O *Marui*, entre 1880 e 1882, que, de acordo com o Musecom, também é caracterizado como de sátira, literatura, caricatura e ilustração, e *O Bisturi*, entre 1888 e 1893, definido como uma folha satírica e humorística.

De acordo com Alves (2015, p.235), os quatro jornais fazendo uso da crítica com humor “dedicavam-se a estabelecer juízos sobre a sociedade, os costumes e os ‘desvios’ sociais, assumindo, muitas vezes, uma posição até mesmo moralizadora.”

Mesmo sem aprofundar a pesquisa nos jornais humorísticos mencionados, é visível que todos compartilhavam de nomes curiosos, divertidos, como *O Pirralho*, *O Amolador*, *O Diabrete*, *O Bisturi*, *O Tagarela*, entre outros, assim como *A Encrenca*, que à primeira vista já possibilitavam identificar o objetivo de crítica com viés humorístico.

De acordo com os autores Jandira M. M. da Silva, Eni Barbosa e Elvo Clemente, no levantamento de periódicos gaúchos em sua obra *Breve Histórico da Imprensa Sul-riograndense*, de 1986, o Rio Grande do Sul foi palco para muitos outros jornais com conteúdo e nomes que suscitavam o riso e o bom-humor, seja com cunho crítico ou mais leve. Exemplos como: *O Beijo* (1898), em Pelotas, e na mesma década, outro com o mesmo nome em Bagé; *A Sogra* (1910), em Rio Grande; *O Fioto* (1915), em Cachoeira; *O Sapinho* (década de 20), em Tupanciretã; em Porto Alegre *O Pylampo* e *O vagalume* (ambos sem data mencionada). Pelo Estado, no início do século XX, *A Agulha*, *O Ferrão*, *O Gancho*, *O Tico-Tico*, *O Mosquito*, *O Soco*, *O Mexeriqueiro*, *o Ai!Pirata*, *Galhofeiro*. Ainda, “aproveitamos para citar o *O Cocô*, de Encruzilhada do Sul, circulando a partir de 1921” (1986, p.293). Os autores reiteradamente frisam crer na existência de muitos outros periódicos, a época desse livro ainda não compilados.

Nesta pesquisa, por uma questão de delimitação de foco, não buscamos o levantamento absoluto dos periódicos humorísticos do Estado, apenas os principais. As próximas décadas seriam ainda mais prolíferas na produção crítica e humorísticas, mas apontamos nosso foco à Encosta Superior do Nordeste do Estado, mais precisamente à região de colonização italiana.

Na RCI, que, como visto, veria o nascer da imprensa local com a criação de *O Caxiense*, em 1897, a sociedade mostrava-se originalmente predisposta ao humor. Como podemos constatar na afirmação de Ribeiro: “Ao sentimento religioso e ao desenvolvimento de uma nova consciência de comunidade associava-se um pronunciado gosto pelo canto e pela farsa, uma grande disposição para o humor. [...] falavam muito, cantavam, o anedotário se ampliava” (2005, p.17), postura que pode ter contribuído para o surgimento dos quatro jornais mencionados à frente.

Sobre a imprensa humorística na RCI, ainda há pouco material disponível, e novamente, como fonte base, regressamos a Giron e Pozenato e sua obra que contempla 100 anos da imprensa local. “Os jornais humorísticos não constituíam elementos isolados da época, mas representavam novos espaços em que, com bom-humor e suavidade, era reeditados os confrontos entre os grupos antagônicos” (2004, p.55).

De acordo com o levantamento dos periódicos realizado pelas autoras (2004), o primeiro jornal humorístico da Serra foi editado em Bento Gonçalves. Denominado como *O Recreio*, circulou em 1907, era editado por M. Petrochi⁶⁸ e Lysippo Lisboa, e era basicamente de cunho social e de entretenimento. Na mesma época, circulou em Caxias o já mencionado *O Tagarela*, de Américo Ribeiro Mendes.

Retornando a Bento Gonçalves, as autoras afirmam que, de julho de 1911 ao mesmo mês de 1912, circulou o *A Thesoura*⁶⁹. O periódico apresentava-se como crítico, humorístico e noticioso, mesmos termos utilizados dois anos mais tarde no *A Encrenca*, no entanto, diferia do objeto de estudo desta pesquisa ao ter não só um posicionamento político, mas fortes vínculos com o Partido Republicano. O jornal era impresso na tipografia de Antonio Lorenzoni e Cia., que também era envolvido com outros jornais do município.

Giron e Pozenato (2004) destacam que nos dois jornais bento-gonçalvenses, mencionados acima, as assinaturas eram por pseudônimos ou iniciais, da mesma forma já abordada em *O Pirralho* e no *Encrencasinha*, entre outros. Ainda em Bento, em 1914, circulou o humorístico *A Cavação*, que seria um encarte no jornal *O Echo da Serra*, de Tertuliano de Leon e Helvécio Lisboa. O pilhérico era apresentado como órgão literário, crítico e humorístico. Além, é claro, do *A Encrenca*, 1914-1915, objeto deste estudo.

A aceitação e abertura dos emigrados italianos na Serra Gaúcha ao humor satírico também será percebida em futuras publicações com esse cunho humorístico. É o caso do Nanetto Pipetta, publicado sob a forma de folhetim, no então jornal *Stafetta Riograndense*, a partir de 1924, cujo nome completo é *Vita e stória de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catarera la cucagna*, que narra a história de um adolescente italiano que imigra para o Brasil à procura da *cucagna*, criação de Aquiles Bernardi, na vida religiosa conhecido como frei Paulino de Caxias. Ribeiro (2005, p.24) reproduz uma declaração do frade afirmando os dois objetivos que teve ao escrever Nanetto Pipetta: “a) traçar a verdadeira imagem da América; b) aumentar as assinaturas do jornal” (2005, p.24).

Outra publicação que ganharia destaque futuro entre a população local, fazendo uso do humor, são as histórias em quadrinhos do anti-herói Radicci, criação do cartunista e jornalista Carlos Henrique Iotti, em 1983, e que estereotipam o típico ítalo-brasileiro, e seguem sendo publicadas até a atualidade.

⁶⁸ De acordo com Naivete Maria Petrochi Cainelli, neta de Luigi Petrochi, agente consular mencionado anteriormente, acredita-se que eram primos, mas não foi possível estabelecer com precisão a relação de parentesco.

⁶⁹ “O título foi grafado com *th* apenas no primeiro número. Já no segundo, o título passou a ser *A Tesoura*.”(GIRON; POZENATO, 2004, p.54)

Na última década, outro personagem tem se destacado seguindo essa tradição satírica na Região de Colonização Italiana. Joanim Pepperoni, PhD, pseudônimo de um autor da Serra Gaúcha que conserva o anonimato, é uma figura que lembra Juó Bananére, ao fazer paródias de cânones da poesia com temas da região:

Se a polenta, se a polenta fosse minha,
eu mandava, eu mandava brustolar,
com rodela, com rodela de salame, s
ó pro meu, só pro meu amor provar.

Nesta rua, nesta rua há um moinho
que tritura, que tritura muitos grãos;
dentro dele, dentro dele mora o Nane
que roubou, que roubou meu polentão.

Se eu roubei, se eu roubei tua polenta,
tu roubaste, tu roubaste o meu pilão; s
ó roubei, só roubei tua polenta
porque tu, tu roubaste o meu pilão.
(PEPPERONI, apud CEI; PELINSER, 2017, p.115)

Tal qual Bananére, em São Paulo há mais de um século, Pepperoni satiriza os costumes dos descendentes de italianos na região, e na ficção do autor, Caxias do Sul transforma-se em *Polentawood*, a capital da Terra da Cocanha. Todavia, como o personagem caxiense é atual, seu discurso torna-se singular justamente por mesclar aspectos históricos da região à tecnologia moderna, inclusive com a manutenção de redes sociais e um blogue⁷⁰, intitulado *A Terra da Cocanha*, tendo como subtítulo “*Blague-Blog! Blague-Blog! - Uma colher de pau mexendo a polenta...*”. Esse contraponto interessante entre o antigo e o novo é frequente no autor que lançou três livros, ao que destaca serem “numerados e grampeados a mão” (PEPPERONI, 2015, s/p). Com edição independente, entre 2013 e 2016, lançou *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013), *Viagem à roda do Rio Tegão* – seguida de “*A lenda da polenta*” (2014) e *A revolta do moinho: ou A guerra da polenta ou O levante das espigas* (2016) (CEI; PELINSER, 2017). Todos os exemplares foram distribuídos gratuitamente.

Pepperoni, em seu blogue, apresenta sua sede: “Observatório Colonial, 4º andar - Polentawood, Terra da Cocanha” e, se define como:

Sou um sujeito em busca de compreender uma terra exótica e estranha, equilibrada no alto de uma montanha de farinha. ***** PHD NAS SEGUINTE DISCIPLINAS: Etnomilhografia, Carunchologia, Arqueologia de Sabugos, Cosmogonia de Milharais, Cronologia de Moinhos, Estratigrafia de Tulhas, Sedimentologia de Polenta, Densitometria de Farinha. ***** Atualmente, desenvolvo três teses simultâneas sobre Polentologia, Nanetecnologia e

⁷⁰ Disponível em <http://aterradacocanha.blogspot.com/> Acesso em 2 de fevereiro de 2019.

Cocanhística, na Escola de Estudos de Excelência da Terra da Cocanha (ETCETERRA).

A irreverência do autor fez com que seu personagem fosse tema do artigo “A desautomatização da Linguagem da Cocanha: Entrevista satírica com Joanim Pepperoni, PHD”, de autoria dos professores Vitor Cei e André Tessaro Pelinser, coordenadores do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, na revista *Dialogus*, v.6, n.2, 2017.

Ao ser questionado por Cei e Pelinser (2017, p.117) sobre a razão pela qual “escolheu a poesia satírica como gênero literário para seu livro de estreia”, responde, em concordância com as teorias abordadas neste estudo:

Ainda bem que você percebeu que os poemas são satíricos... (risos) Tem gente aqui que acha que o livro é apologético! Mas, falando sério, escolhi a sátira para o meu relatório de pesquisa porque na Terra da Cocanha é tudo tão sério que quase nada pode ser levado a sério. É tudo tão disparatado aqui, que “só rindo mesmo” (como disse um personagem do Rubem Fonseca), para não sair correndo. Mas em vez de sátira menipeia, eu decidi fazer sátira melopeia, para ver se esse povo aprende a rir um pouco de si mesmo, sem perder o ritmo do trabalho. (PEPPERONI apud CEI; PELINSER, 2017, p.117)

Mas regressemos ao passado e ao humor costumbrista no *A Encrenca*, sem esquecermos de seu objetivo principal: *Castigat Ridendo Mores - crítico, humorístico e noticioso*.

Entretanto, antes de iniciar o capítulo 3, que analisa o humor costumbrista nas páginas do nosso objeto de estudo, vemos como relevante explicar, mesmo que brevemente, sobre o significado da expressão *Costumbrismo*, que optamos por usar, inclusive no título desta dissertação.

Quando usamos o termo na introdução, inserimos uma nota de rodapé com o conceito do dicionário Houaiss (2009), a que podemos agregar também o significado de acordo com o E-Dicionário de Termos Literários, que sintetiza costumbrismo como um vocábulo criado na Espanha, no século XIX, que visa a mostrar uma visão filosófica, festiva ou satírica dos costumes populares.

Todavia, há divergências com relação ao conceito e ao que exatamente ele pode ser referido, como afirma Herrero (1978, p.343): “Al hablar de costumbrismo, entramos en el peligroso campo de aquellas categorías generales de la historia literaria, en las que la

disparidade y, con frecuencia, la oposición de los críticos, hacen muy difícil la precisión terminológica.”⁷¹

Procurando demonstrar as visões distintas com relação ao costumbrismo, o autor separa em três os sentidos aplicados ao vocábulo:

1 En un sentido muy amplio, costumbrismo sería aquel género literario que se propone la descripción, no de un carácter o de unos caracteres individuales, sino de formas de vida colectiva, de ritos y hábitos sociales. [...]

2 Una segunda posición crítica hace coincidir el origen del costumbrismo con la aparición de la prensa periódica en el siglo XVIII; por su propia naturaleza la prensa, frente al cuento, la novela, el poema, etc., se ocupa preferencialmente de acontecimientos sociales contemporáneos que afectan y interesan a la colectividad. [...]

3 Finalmente, un sentido más restringido del costumbrismo entendería por tal el movimiento, íntimamente ligado al romanticismo, que domina una parte considerable de la literatura de la primera mitad del siglo XIX (especialmente de la prensa periódica) [...]

(HERRERO, 1978, p.343-344)⁷²

O autor esclarece que, no sentido 1, há uma definição genérica do termo, enquanto, nos sentidos 2 e 3, há uma pretensão de estabelecer um momento histórico para origem do costumbrismo como movimento. Todavia, quando analisamos a sistematização de Herrero (1978), fica evidente a relação da imprensa com o termo, ao explorar os acontecimentos do cotidiano de um determinado lugar.

Es evidente que con el crecimiento de la burguesía (sobre todo en la Inglaterra) en el siglo XVIII, con la aparición de la prensa periódica y del lector como masa, la sociedad se vuelve hacia sí misma con una curiosidad reflexiva que dota a ‘la costumbre’ de una identidad y una difusión superiores a las que había tenido anteriormente. (HERRERA, 1978, 345)⁷³

O autor (1978) complementa que, na segunda parte do século XIX, a exposição dos costumes locais ganha destaque com as ilustrações, evocando particularidades do país ou região, o que faz surgir inúmeras revistas dedicadas exclusivamente à exploração dos

⁷¹ Em tradução livre: Ao falar de costumbrismo, entramos no campo perigoso daquelas categorias gerais da história literária, nas quais a disparidade e, frequentemente, a oposição dos críticos, dificultavam muito a precisão terminológica.

⁷² Em tradução livre:

1 Em um sentido muito amplo, o costumbrismo seria aquele gênero literário que se propõe à descrição, não de um caráter ou caracteres individuais, mas de formas de vida coletivas, ritos e hábitos sociais. [...]

2 Uma segunda posição crítica coincide a origem do costumbrismo ao aparecimento da imprensa no século XVIII; por sua própria natureza, a imprensa, em frente à história, o romance, o poema, etc., lida preferencialmente com eventos sociais contemporâneos que afetam e interessam a comunidade. [...]

3 Finalmente, um sentido mais restrito de costumbrismo entenderia o movimento como intimamente ligado ao romantismo, que domina uma parte considerável da literatura da primeira metade do século XIX (especialmente a imprensa). [...]

⁷³ Em tradução livre: É evidente que com o crescimento da burguesia (especialmente na Inglaterra) no século XVIII, com o surgimento da imprensa e do leitor em massa, a sociedade se volta para si mesma com uma curiosidade reflexiva que dá a ‘la costumbre’ uma identidade e uma disseminação superior àquelas que tinham anteriormente”

costumes. A informação que coaduna com a origem e o desenvolvimento da imprensa ilustrada/humorística no Brasil, demonstrado anteriormente neste capítulo.

José Escobar (2003, s/p), membro fundador do Departamento de Estudos Hispânicos (Glendon College) da York University, sobre o entendimento do termo, acrescenta que “local y circunstancial mediante la observación minuciosa de rasgos y detalles de ambiente y comportamiento colectivo diferenciadores de una fisionomia social particularizada y en analogia con la verdad histórica.”⁷⁴

No Brasil, o termo ainda é relativamente pouco usado, mas identificamos uma tese de doutorado⁷⁵ em História, da Universidade Federal de Pernambuco, em 2004, que faz uso do termo humor costumbrista, nos mesmos moldes adotadas na presente pesquisa.

Quando pensamos na expressão costumbrismo, utilizada neste trabalho, pretendemos associar o conceito a costumes típicos de um país ou região e num determinado período, e, quando usamos humor costumbrista, referimo-nos à exploração de aspectos desses costumes que visam a suscitar o riso. Com o aporte teórico, podemos dar continuidade e analisar *A Encrenca*, com objetivo principal: *Castigat Ridendo Mores - crítico, humorístico e noticioso-* fazer uso do humor costumbrista em suas páginas.

⁷⁴ Em tradução livre: local e circunstâncias através da observação meticulosa de características e detalhes do ambiente e comportamento coletivo diferenciando uma fisionomia social particularizada e em analogia com a verdade histórica.

⁷⁵ O autor é Marco Aurélio Ferreira da Silva e o título da tese é “Corrige os costumes rindo: Humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1890)”

4 CASTIGAT RIDENDO MORES - O HUMOR COSTUMBRISTA NAS PÁGINAS DO A ENCRENCA

“Ora não há dúvida nenhuma que a comédia é um jogo, que imita a vida.”

A epígrafe de Bergson (1983, p.58) coincide com a comicidade explorada nas páginas impressas dos periódicos humorísticos que faziam crítica e suscitavam o riso ao focar em aspectos, costumes ou acontecimentos da sociedade na qual estavam inseridos. Pensando na imprensa, essa imitação/reprodução só seria efetiva em seu objetivo, se fosse bem compreendida, por isso, a necessidade de um conhecimento prévio do tema pelas pessoas/leitores. Para o autor (1993, p.20), “Por mais espontâneo que suponhamos, o riso pressupõe entendimento prévio, direi mesmo cumplicidade com outros que riem, reais ou imaginários.”

A vida em sociedade, seja na atual, ou na de Caxias do Sul de 1914, requer, ou ao menos espera de seus membros, a adesão, consciente ou inconsciente, a diversas regras e comportamentos morais, sociais e psicológicos, já que a quebra dessas condutas constitui um *prato feito* para a exploração na imprensa humorística. Aqui se enquadra o humor costumbrista contido no *A Encrenca*, que, pelo seu *slogan*, visava a corrigir os costumes do seio da sociedade caxiense fazendo graça.

Neste capítulo pretendemos demonstrar, inicialmente, exemplos do humor com óptica nas categorias elencadas neste estudo, contidos nas páginas do jornal, em seções como “Estão Dizendo!...”, “Anedoctas”, “Instantaneas”, “Echos da Semana” e entre outros. E, na segunda sub-seção, analisamos detidamente quatro textos extraídos da seção “Janellises” que exploram essa relação de crítica e humor costumbrista no diálogo de duas personagens/vizinhas que semanalmente conversam, ou *fofocam*, na janela.

Mas, antes de nos aprofundarmos nas palavras da dona Procópia, pseudônimo/personagem que assinava a seção, com sua fiel vizinha dona Aninha, faz-se relevante a percepção do cunho humorístico do periódico de uma forma geral. Portanto, vamos ver *A Encrenca* encrencar a sociedade caxiense.

4.1 A ENCRENCA ENCRENCANDO CAXIAS

Que o intuito dos redatores era o de encrencar o seio da sociedade caxiense, a expressão “Castigat ridendo mores” não deixa dúvidas. Mas, para compreender o estilo literário noticioso, humorístico, com crítica leve, que o jornal adotou para corrigir os costumes rindo, faz-se relevante a leitura da nota de abertura⁷⁶ da edição n.1, de 11 de outubro de 1914.

O programma da nossa adorável filhinha „**A Encrenca**,, synthetisa-se nas palavras que, como divisa, o arlequin Dominico mandara pintar no pano de boca de seu teatro – *Castigat ridendo mores*.

Realmente, è este o seu escopo: corrigir os costumes, debaixo de troça.

Assim pois, está lançada no seio da carinhosa sociedade de Caxias, a nossa *Encrencasinha*, que rindo, surge sob um céu tétrico, pavoroso, trágico, coberto de negras nuvens *risicas (palavra não compreensível na íntegra em virtude da deterioração do papel) e assoberbado por terríveis conflagrações zonicas!

Será o Atila flagellico, para os ruins, como será toda respeito, toda carinho, toda gentil, toda doce de côco, para os que procedem bem.

Com este modinho encrencado, será bem acolhida pela ilustre *negrada* de Caxias?

Em todo caso – *Alea jacta est*.⁷⁷

Pelo texto transcrito, é possível identificar a promessa de um jornal noticioso, sim, mas principalmente focado no humor costumbrista. Ou seja, de forma bem-humorada, às vezes até mesmo ácida, anuncia que irá fazer crítica, principalmente, aos costumes da sociedade local. Esse ideal é constatado reiteradamente nos textos nas “Chroniquêtas”, como na reprodução parcial da edição n.2, de 19 de outubro de 1914: “[...] não estamos dispostos a modificar os costumes e em um meio ainda pequeno como é o nosso, o que seria conflagrar a zona e dar socos em faccas de ponta. O nosso escopo, è criticar brincando entre risos e flores [...]”.

E os editores, que na “Chroniquêta” da edição n.4, de 1º de novembro de 1914, afirmavam “[...] pretendemos ser util até brincando”, esforçavam-se para cumprir essa promessa a cada edição. Tanto que há seções específicas que se destacam no quesito humorístico, e pela nomenclatura podemos ver a intenção de meramente suscitar o riso, e divertir o leitor através de “Piadas”, “Enigmas”, “Charadas” e “Anedoctas”. Entretanto, há outras que usam humor como ferramenta para crítica: “Vida Alheia”, “Notas da Semana”, “Echos da Semana”, “Estão Dizendo!..”, “Variedades” e “Janelliscos” - essa última será analisada neste capítulo.

⁷⁶ A imagem da capa, contendo esse texto, pode ser observada na Figura 10.

⁷⁷ Em tradução livre: A sorte está lançada.

A análise do *corpus* mostra a tendência, conforme a classificação originada em Kant, sobre os modelos de riso, à Teoria da Incongruência e à Teoria do Relaxamento, sendo que a Teoria da Superioridade é identificada apenas superficialmente, mas, aparentemente, não com viés maldoso. Com relação à categorização de Propp, várias delas são identificadas, em maior ou menor grau de exploração nos textos, mas com destaque à Paródia, ao Exagero Cômico, ao Malogro da Vontade, aos Alogismos. Os instrumentos linguísticos da comicidade, através de trocadilhos, paradoxos, e ironia, os Caracteres Cômicos. Assim, esta subseção visa a demonstrar, através de reproduções diversas, como o jornal fazia uso do discurso crítico através do humor.

A *Encrenca* era contundente ao criticar os costumes locais e zombar dos acontecimentos na sociedade, principalmente os relacionamentos amorosos, alvo frequente de crônicas e críticas, mas a sua *pena* pilhérica era também usada para referir a si mesma, a seus editores e aos proprietários.

Em relação a si mesma, analisando o texto de abertura acima transcrito, podemos identificar diversas das categorias elencadas por Propp (1992), como O Exagero Cômico, O Alogismo, Os instrumentos linguísticos da comicidade, através de trocadilhos, paradoxos, e ironia. E em relação aos seus responsáveis, as transcrições a seguir comprovam o tom espirituoso com o qual deviam relacionar-se, como na seção “Estão Dizendo!...”, da edição n.5, de 8 de novembro de 1914: “...que “A Encrenca., anda *limpa* na Zona, pudera não, pois é ella feita por um *leitãozinho* e no chiqueiro”

Acredita-se que a expressão *leitãozinho* seja referência ao sobrenome de seu diretor, Aristeu Leitão. O diretor é frequentemente mencionado em outras notas da mesma seção, como na edição n.15, de 17 de janeiro de 1915, em que supostamente se envolveu em uma briga:

...que o celebre director “d’A *Encrenca.*, andaram encrencando-o, com um certo joguinho de *box*, isto foi em plena Praça, sahindo com varias marcas no rosto. ... que o mesmo viu-se mal, que o dentista teve que fazer uma dentadura.

Ele surge também, de forma divertida, na mesma seção, na edição n. 20 de 21 de fevereiro de 1915, dessa vez, contracenando com a ficcional dona Procópia:

...que no baile do Juvenil, tinham varios mascarados, tivemos a honra de ver a D. procópia dançar uma marca com o nosso director.
...que a D. Procopia obteve o 1* premio dado pela A Encrenca.
Que tal era a phantasia?

Mas não só o diretor era alvo do humor da redação. A irreverência redacional pode ser constatada abaixo, em uma das notas na mesma edição, onde acreditamos que o referido seja Honorino Sartori, proprietário do jornal:

...que o nosso amigo Honorino, tem sido em Cima da Serra, onde se acha, um verdadeiro *mineral*, porque alem de estar cuidando da saude, tem cuidado de namoriscos, tanto assim, que em um baile na sabbado na casa do Chico Béto, cortou a garrão do Betinho Gomes, cuidado amigo, não vá marchar no trabalho da taipa.

A “Anedoctas”, como o próprio nome induz, é dedicada a reproduzir anedotas, ou seja, pequenas histórias, piadas ou acontecimentos com fundo real ou não, que visam a despertar o riso no receptor da mensagem. Enquadra-se na Teoria do Relaxamento, o que significa dizer que, mesmo brevemente, cria expectativa e tensão, que logo são liberadas pela absorção de uma nova ou complementar informação. A seção, que contava com um a três textos, estreou na edição n.8 em 29 de novembro de 1914, e a partir da edição 10 passa a ser acompanhada, na linha de baixo em tamanho menor, pela expressão (Caxienses), e na n.11, passa a conter a assinatura com o pseudônimo *O Mentiroso*.

Para exemplificar seu teor, duas transcrições, a primeira contida na edição n.10 de 13 de dezembro de 1914, e a segunda, na edição n.29, de 16 de maio de 1915:

“Num exame de uma aula de caxias, o examinador Botelho, para um aluno: Conjugue um *berbo decimali*. O aluno atrapalhado, *balança*. O examinador, aprovado com distinção.”

Ha dias, estavam dois tropeiros, na porta da casa de negocio do Guerino, olhando para um cavallo, assustado com a passagem do automovel. Porque serà que os cavallos se assustam quando vê um automóvel? Pergunta um. Eu vou te dizê, responde o outro. Os cavallos, estão acostumados a vê os outros cavallos puxar os carros e carroças e ficam admirados quando vê um carro andando sosinho, sem cavallo. Se tu visse um par de carça andando na rua, sem ninguem dentro, também tu ficaria assustado, como os cavallos!...

O mentiroso

Ainda na “Anedoctas”, na edição n.18, de 7 de fevereiro de 1915, há mais uma menção ao dono do jornal, no entanto, o intuito humorístico aqui é explícito, até mesmo em virtude da seção, reforçando a ideia de que a relação entre os envolvidos era pilhérica, como pode ser observado na transcrição:

Ha dias o nosso amigo Honorino (o d’A Encrenca) que acha-se veraneando em Cima da Serra, foi a casa do João da Venda, em visita, sendo-lhe offerecido cùs-cùs com leite, notando o dono da casa, que o nosso Honorino, estranhava tal comestivel, pergunta-lhe:
Seu Honorino, em Caxias, não se come cùs-cùs?
Responde o Honorino:
Até eu sahir de lá, sò se comia com a bocca!!!

Na mesma linha da “Anedoctas”, a “Variedades” enquadra-se na Teoria da Incongruência, ao causar a quebra de uma expectativa, e na Teoria do Relaxamento, que incita a surpresa e o riso com a última informação. A seção, que com esta nomenclatura aparece em apenas algumas edições, reproduzia piadas curtas, duas a seis por edição, sempre com títulos

individuais e assinadas pelo pseudônimo *Sabe Tudo*, como pode ser observado na reprodução parcial da edição n.31, de maio de 1915:

Logica de Ferro

Um bohemio, para passar o tempo, parou em frente da vitrine de uma casa de artigos de viagem:

- Quer comprar uma mala? perguntou-lhe o caixeiro.
- Para que?
- Para o senhor guardar a sua roupa.
- E eu então hei de passear nú?

[...]

Na Rua

Dize depressa o numero da casa do teu medico. 69 Rua da... Vou procural-o com urgencia.

Atè logo. Mas ouve cá, quem esta doente em tua casa? Minha sogra, esta mal.

Suspenda, animal! não o chames. Por que?

Elle salvou a minha...

Sabe Tudo

Além das seções de humor explícito, o *A Encrenca* é composto por muitas crônicas, principalmente na primeira e segunda páginas, que, por serem escritas por redatores diversos, englobam várias temáticas, estilos e tamanhos. São observados textos em italiano e francês, com linguagem campeira, e outros com expressões em alemão e polonês. Sua análise é digna de pesquisas mais aprofundadas, pois, como gênero, seus textos refletem a vida cotidiana da sociedade num recorte de tempo e espaço, expondo posicionamentos que variam desde desejos secretos, sentimentos de alegria, prazer, tristeza e críticas aos costumes e atitudes de conterrâneos.

Nessa seção, somente alguns textos usam o humor como recurso, e as assinaturas, quando presentes, em sua maioria são com iniciais, como G.G, M.G.J, L.C, mas também aparecem alguns nomes como Adão, Manoel Quintino, Anicleto Cipó, entre outros. O uso de nomes era mais frequente nos poemas, e nas crônicas não há como saber se os usados eram verdadeiros ou não. Como visto em Propp (1992), a escolha do nome contribui como recurso estilístico auxiliar, que reforça o efeito cômico do texto, o que pode explicar o uso de muitos pseudônimos criativos no periódico, como Arbaso, Pio, Paçoca, Rabanete, Cuquil, entre outros.

Cuquil, que significa, de acordo com o dicionário Aulete *online*⁷⁸, “espécie de cuco de Bengala, pequeno e preto”, assina os dois textos transcritos parcialmente abaixo. O primeiro, *O Filante*, da edição n.4, de 1º de novembro, e o segundo, *Forrobodós*, da edição n.5, de 8 de novembro de 1914.

⁷⁸ Disponível em <http://www.aulete.com.br/cuquil> Acesso em 12 de janeiro de 2019

No primeiro texto, o autor discorre sobre, em suas palavras, um *typo de humano* que ele nomeia como *filante e escroque*. Mesmo olhando apenas o recorte de texto, a crítica ao comportamento de determinados indivíduos é explícita, e poderia facilmente ser adaptada à atualidade. Com humor, Cuquil tece sua crítica de forma genérica, mas visivelmente tendo origem em uma pessoa, que pode ou não ser real, e pode ou não ter lido o texto, mas que, com certeza, fez muitos leitores identificarem pessoas próximas.

O Filante

[...]

Ao *filante* tudo serve, são livros, jornais que não devolvem mais, é dinheiro, è bola, entradas de cinemas, essa casta de gente, tudo fila.

Mas, não pense o leitor, que é só os homens que são filantes, tem mulheres também que usam tal systema.

O leitor nunca teve uma vizinha *filante*, que tenha mandado os filhos ou a criada em vossa casa, filar?

[...]

Tal visinhança é um verdadeiro mineral, porque, si emprestamos, quasi nunca devolvem e si não emprestamos creamos uma inimiga.

Conhecemos uma mulher tão filante, que alem dos objectos que pedia emprestado, filava também as pessoas da familia.

Pois que pedia ella, um gury emprestado para ir ao correio, uma gurya para acompanhar uma filha [...]

Pois tal mulher, não tendo mais o que filar, teve coragem de filar a dentadura da vizinha emprestada, para ir num baile acompanhar as filhas, visto que a sua dentadura, tinha se quebrado naquelle dia. A petulancia desta gente, è inaudita! E, aguenta-se os *filantes*, com uma crise destas... e de cara alegre.

Cuquil

No segundo texto, *Forrobodós*, o autor fala sobre um estilo de baile, ainda raro na cidade, mas comum em Porto Alegre. Tal qual a primeira crônica, podemos observar que Cuquil faz uso das categorias de Propp, como o exagero cômico, os alogismos e os instrumentos linguísticos da comicidade, para compor sua crítica ao costume da capital:

Forrobodós

O leitor naturalmente já assistio algum baile da terceira classe, os taes chamados *forrobodós*.

São diversões essas adoraveis, infelismente caxias, ainda não nos pode fornecer muitas copias desse genero de bailes. Porto Alegre sim, não ha sabbado à noite, que lá pela rua da Margem, Sant'Anna e volta do gazometro, não haja dessas tradicionais *farra*s.

[...]

Taes bailes costumam acabar sempre em rolo, onde as moças sahem de cabeças quebrada, e os cavalheiros que pertencem a *flôr da gente*, com faccadas, mas diz todo o pessoal do *forrobodó*, que se *divertiram*.

Cuquil

A incidência do humor também é vista em textos avulsos, que dividem espaço com as crônicas. Como o exemplo a seguir, extraído da terceira página da edição n.10 de 13 de dezembro de 1914, onde o autor, no texto intitulado Leilão, joga com palavras, objetos e

peças para criar uma lista de itens para o fictício evento, com direito a hora, local, assinatura e distinção como leiloeiro premiado. Desde a hora, marcada para a inexistente 25h, aos termos e itens relacionados, fica aparente o uso das seguintes categorias de Propp: A Natureza Física do Homem; A Paródia; O Exagero Cômico; Os Alogismos e os Os instrumentos linguísticos da comicidade.

Leilão

Brevemente teremos leilão nesta cidade, dos artigos seguintes:

As pernas do Lourenço.

A gordura e o sapatinho do Gijo.

O assobio e a picareta do Grossi.

O discurso do nosso gerente.

O bigodinho do Nico.

Os namoros da estação.

A cartola do Brustolin.

As poesias do Ávila.

Os bailes do Salão Fumaça na Caipora.

Os pic-nics, de certo Hotel perto da estação, é nocturno.

A cabelleira e a bicycleta do Gavião.

As moças, não voluveis, I, B, J, B, E, B, E, D, A, C, M, S, B, M, e outras que serão apresentadas no acto do leilão.

As cartolinhas domingueiras.

Os portões da praça Dante.

Os logogrifho *encrencados*.

A importancia de certos senhores quando sahem n'A *Encrenca*.

O chatcau N.95, pertencente aos gerentes Mirim e Marcucci, com os finos preparos *baratas e muqueranas*.

Tudo ao correr do martello, as 25 horas na Praça Dante.

José Pangonga
Leiloeiro premiado.

A “Estão Dizendo!...” é uma seção recorrente em todas as edições preservadas do jornal. Apresentada normalmente na terceira página, é constituída por textos curtos, repletos de espirituosidade, que transmitem informações diversas. Todas as notas, sempre, têm início com reticências e a conjunção “...que”, seguida do assunto, e nelas, os *fixicos* e *bisbilhotices*, presenças frequentes na comunicação oral da sociedade local, passam para as páginas do periódico, repletas de elementos da comicidade, como pode ser observado nas reproduções a seguir, assinadas pelo pseudônimo *O Fallador*:

Na edição n.2, de 18 de outubro de 1914, “...que com o aparecimento d'A “Encrenca,, a zona ficou *encrencada*, ficando uns contentes, outros com receio, e alguns *brabos*, mas não tem nada rapasiada a cousa ou *vae, ou racha*.”

As histórias de pescador são costumeiras e não há como confirmar se os nomes mencionados são reais ou não. Como exemplo, duas transcrições, a primeira da edição n.3, de 25 de outubro de 1914: “...que os pescadores: Zachera, Celeste e Guelfi, com 3 dynamites *caçaram* tres lambarys, sendo que, um delles cahio n'agua, a Zachera.” e a segunda, da n.5,

de 8 de dezembro do mesmo ano “...que o club dos pescadores, <caçaram> um jacarè de 3m. mas, à <minhoca>.”

A ironia crítica e a correção dos costumes podem ser observadas nas duas notas a seguir. A primeira, da edição n.3, de 25 de outubro de 1914, tem tom leve, apenas informando um hábito adquirido pelas jovens locais: “... que certas mocinhas, depois da missa dos domingos, gostam muito de ir a casa de certa sortista saber *algo* sobre o futuro.” Entretanto, poucos dias depois, na edição n. 5, de 8 de novembro de 1914, o discurso fica mais crítico: “...que existe nesta cidade, certas *sortistas*, *mandigueiras* e feitiçarias, que precisa a policia, providenciar no sentido de acabar com taes *focos* de explorações, nós a auxiliaremos nessa medida *precisa* e moralisadora.”

Os assuntos na coluna eram diversos, mas o tema mais visto eram os relacionamentos amorosos, que forneciam vasto conteúdo semanal para alimentar a seção e a imaginação dos leitores, já que, na maioria dessas notas, não eram nominados os citados. O tema era tão explorado, que há uma nota na edição n.8, de 29 de novembro de 1914, que recorda aos leitores que o jornal está de olho: “...que na rua J. de C. perto do B. da Provincia, temos uma *nova* estação *namorífica*, olha “A Encrenca,, depois não se queixem,...”

A seguir, exemplos de notas abordando os namoros locais, com algumas pitadas críticas. Duas transcrições, da edição n.4, de 1 de novembro de 1914: “...que em <Gallopolis> houve uma *encrencação*, devido uma senhorita querer morder no pescoço de um joven, que *fome...*” e “...que na rua comprida, tem uma senhora, que as vezes, se esquece que è casada?....!

As *alfinetadas* seguem, como observado na edição n.8, de 29 de novembro de 1914 “...que uma senhorita, ainda da rua A. P. *vestiu-se*, de homem, para ir *espiar* o namorado, que esposinha não vae sahir, cruces”, na n.12, de 27 de dezembro de 1914 “...que là pela Caipora, existe um namoro systema *caboblo*, so de... longe. Não vão se pizar” , ainda na mesma edição “ ...que na rua J. de C. tem uma senhora, que já não è criança, que anda de conquistas, cuidado, depois não venha as ameaças nem os pedidos, crie juizo que è o melhor.” Na edição n.18, de 7 de fevereiro de 1915 “...que temos uns namoriscos na rua J. C.conferenciam atè altas horas da noite. Que perigo!” Na edição n.22, de 7 de março de 1915, duas transcrições, “...que uma noiva tendo recebido uma carta do noivo, um moço que se achava presente perguntam-lhe: de qual dos d’elles era, que *sortimento*” e “...que os namoros do Guelfi, foram concorridos em Nova Trento. Ahi caboclo, não me sejas molle.”

Eram tantas notas que essa quantidade também era assunto, como observado na edição n.10, de 13 de dezembro de 1914“... que a semana foi *gorda* de *encrencas*, de todo genero, não acham?”

Para concluir tanto a “Estão Dizendo!...” quanto esta sub-seção da pesquisa, segue a reprodução de mais um aviso aos jovens locais, da edição n.29, de 16 de maio de 1915, que diz: “...que a Encrenca quer ver hoje, os *caracús* da rapaziada caxienses não vão envergonhar a Encrenca e nem a Procópia.”

4.2 ENCRENCAS NA JANELA - A ANÁLISE DO HUMOR NA SEÇÃO “JANELLISCES”

Imagine-se na Caxias do Sul de 1914, em pleno mês de outubro, com as flores e aromas da primavera trazendo consigo um clima ameno, após um inverno rigoroso; ouvindo o distante barulho do trem, que há quatro anos acelera o desenvolvimento da cidade, passeando pelas ruas centrais, por onde circulam pedestres, cavalos, carroças e até alguns carros, ladeados por postes de luz elétrica, uma novidade que ilumina a Pérola das Colônias desde o ano anterior. Imagine-se admirando as modernas construções que abrigam os Clubes Sociais, o Teatro e o Banco da Província, dividindo espaço com casarões antigos dos primórdios da imigração italiana na cidade, iniciada há 39 anos. Entre a diversidade de aromas, imagens e ruídos, sua visão é atraída para duas senhoras, uma debruçada à janela de sua casa, e a outra, provável vizinha, defronte, que *tchacolan* animadas, ambas portando um jornal de nome curioso: *A Encrenca*.

O parágrafo acima parece estar repetido, e está, pois, em um estudo que aborda o humorístico, cabe espaço para um singelo gracejo textual, que em nada compromete a seriedade com a qual o tema foi pesquisado. Na primeira vez em que ele foi usado, na introdução, ainda não se tinha tanto conhecimento acerca da sociedade local, do humor e do jornal em análise, todavia, nesta etapa da pesquisa, já é faz possível a brincadeira de imaginação proposta, que culmina em frente à janela de Dona Procópia, pseudônimo/personagem que assina a seção “Janellisces”, em diálogos com uma vizinha, sobre as encrencas da sociedade caxiense de 1914/1915.

A “Janellisces’ é uma coluna regular, presente desde a estreia do periódico, sendo que das 27 edições preservadas não consta apenas na n.4 e n.20, sem nenhuma explicação para sua ausência. Vale salientar que nesta última edição, mesmo sem ser publicada, há uma nota na

“Estão Dizendo!...,” reproduzida na subseção 3.1 desta pesquisa, em que a D. Procópia é citada, entre outras menções, como vista em suposta dança com o diretor do jornal, o que faz recordar Juó Bananére, que também gozava de reconhecimento e estima na redação de *O Pirralho*, ao ponto de ser mencionado em textos alheios. A seção é inserida em algumas primeiras páginas, todavia, é mais comum ser encontrada na segunda, com alguns textos terminando na terceira. Somente no texto da edição inaugural não há assinatura, distando regular, a partir da edição n.2, o pseudônimo Dona Procópia ou D. Procópia. Não que na primeira aparição a personagem não seja a narradora do texto: é justamente nessa estreia que ela se apresenta, dando a entender, inicialmente, e somente nesse, que seu nome é D. Mendica, uma senhora de 58 anos. Em outras colunas também informa ser casada e ter filhas. Na edição n.28, a primeira após as três semanas sem circulação, a seção muda o nome de “Janelliscas” para “As Visinhas”, mantendo-se assim até o fim, sem todavia alterar o estilo do texto, suas personagens principais e a assinatura.

Dona Procópia e suas vizinhas representam o estereótipo da mulher de cinquenta e poucos anos, dona de casa, casada e com filhos, típica figura da sociedade urbana local da época. As personagens representam o perfil conservador, que refuta o diferente, o de fora, e exalta o local, a exemplo da transcrição parcial da coluna de 24 de janeiro de 1915, edição n.24: “É o que eu sempre digo ao meu velho, que prefiro comer *polenta* pura aqui, do que *perú* gordo em P. Alegre.” Elas são a voz da comunidade, principalmente da parcela maledicente dessa, como pode ser observado em outra parte do mesmo texto:

Então d. Procopia, o que temos de novo?
 Muita coisa não temos, porque a semana foi *magra* e novidades.
 Mas então, não temos nada para cortar na pelle alheia?
 Pouco, pouco vizinha, mas sempre temos alguma cousa.
 [...]

Através de seus diálogos, são abordados de forma leve e descontraída os principais assuntos da semana vigente, presentes também na parte noticiosa do jornal, como a Guerra e a preocupação de alguns homens locais em serem chamados ao combate, o aumento de impostos e seu reflexo no preço dos alimentos, a pavimentação das ruas e a passagem do circo pela cidade. Temas mais banais também são explorados, como, novamente, a crítica às *sortistas* que atendiam em Caxias, aos namoros modernos, aos homens que procuravam prostitutas, a algumas festas e ao comportamento cotidiano de muitos conterrâneos.

O coloquialismo, com a naturalidade e espontaneidade de um relato oral, usado na coluna, era de fácil compreensão por parte da população-alvo da época. Essa constatação é

decorrente de ligeira comparação com outros textos do jornal, como algumas crônicas, que usavam vocábulos menos cotidianos.

Todavia, para a análise dos textos, recordamos autores como Bergson (1983) e Freud (2017), que afirmam que, para compreender corretamente uma informação, e despertar a comicidade, o riso, é de grande importância a contextualização de tempo e espaço do emissor, mensagem e receptor. Novamente, significa dizer que a interpretação atual torna-se uma tarefa complexa e passível de falhas, o que não diminui os esforços para identificar as teorias do humor e as categorias da comicidade propostas por Vladimir Propp nas análises dos quatro textos elencados para analisar a seção “Janelliscas”.

A escolha dessa amostragem, edições n.1, n.6, n.12 e n.28, deu-se em virtude da nossa aproximação gradual do *corpus*, decorrente da leitura de todas as publicações preservadas. Todavia, antes de analisarmos detidamente os textos elencados, acreditamos ser relevante a tabela abaixo com uma breve síntese de cada edição da “Janelliscas”. O quadro apresenta o número da edição, a nomenclatura utilizada, se “Janelliscas”, ou “As vizinhas”, a página, ou páginas, impressa, e um breve compêndio dos temas abordados em cada coluna. Tendo em vista que em todos os textos a abordagem dada pelas vizinhas faz uso de recursos humorísticos para expor a crítica a conduta de conterrâneos com relação a temas atuais do espaço e tempo em que estavam inseridos.

Tabela 2 - Edições da coluna “Janelliscas”

Edição n.1 “Janelliscas” 1ª página 11 de outubro de 1914	Texto eleito para a análise.
Edição n.2 “Janelliscas” 2ª página 18 de outubro de 1914	A Guerra e a relação/reação dos homens locais. “Eu lhe conto vizinha, são cousas de família, a senhora não tem reparado como meu velho tem andado ultimamente tão triste? Será devido a crise... Qual crise vizinha, é por causa da guerra e dos <i>afanatico</i> .”
Edição n.3 “Janelliscas” 2ª página 25 de outubro de 1914	A Guerra, a abordagem humorística que um jornal da capital Porto Alegre faz sobre o tema e os alemães. Além do respeito a pontos de vista distintos aos apoiadores dos franceses e dos alemães. “Não conheço vizinha tal jornalzinho, mas o que traz elle? Traz cousas da gente morrer de riso, faz uma troça damnadados allemães.”
Edição n.4 1º de novembro de 1914	Não há “Janelliscas” nesta edição e não encontramos nenhuma menção, nem explicação, à ausência da coluna.

<p>Edição n.5 “Janelliscas” 3ª página 8 de novembro de 1914</p>	<p>Inicia com o diálogo resgatando a promessa feita ao final da edição n.3 de ter mais <i>fitas</i> (fofocas) sobre a sociedade local. Termina a coluna com um chamado à população que compartilhe com a D. Procópia as encrencas locais. “Só acho, quando tiver dessas <i>encrencas</i> não se esqueça de contar a Procópia.”</p>
<p>Edição n.6 “Janelliscas” 2ª e 3ª páginas 15 de novembro de 1914</p>	<p>Texto eleito para a análise.</p>
<p>Edição n.7 “Janelliscas” 2ª página 22 de novembro de 1914</p>	<p>Compartilham fofocas locais e ao mesmo tempo criticam e ensinam como “fazer café para arranjar marido.” “Mas vizinha, porque è, que a senhora não usa do café ao <i>velho Machado</i>, si a senhora usasse, já tinha casado todas as suas filhas.”</p>
<p>Edição n.8 “Janelliscas” 2ª e 3ª páginas 29 de novembro de 1914</p>	<p>Dialogam sobre questões locais e explicitam a postura do “A Encrenca” de não se calar frente a críticas recebidas. “Mas, eu lhe garanto que “A Encrenca,, não fica calada, porque é jornalzinho, que não leva <i>ninguem de compadre</i>. Felismente, vizinha, temos agora “A Encrenca,, que não tem medo de <i>paura</i>, para, dizer <i>certas verdades</i>.”</p>
<p>Edição n.9</p>	<p>Esta edição do jornal não está preservada, o que, até o momento, impossibilita saber se teve ou não a coluna impressa.</p>
<p>Edição n.10 “Janelliscas” 1ª página 13 dezembro de 1914</p>	<p>Crítica ao costume de moças da sociedade frequentarem sortistas, e a conduta e ocupação destas a qual chamam de “mandigueiras” e aconselha a polícia a extinguir esse ofício. “Mais vizinha, se ellas são tão <i>sabichonas</i>, a advinham tudo, porque não advinham o numero do bilhete que tem a <i>sorte grande</i>? A senhora então não sabe, que esse <i>peçoal</i>, só advinha é o <i>cobre</i> no bolço dos <i>bobos</i>, a quem ellas não illude, é a Procópia.”</p>
<p>Edição n.11 “Janelliscas” 1ª página 20 dezembro de 1914</p>	<p>Abordam as relações e os namoros modernos. “Mais então como é, os taes namoros, modernos? Como é, é o “carro andar adeante dos bois,, no nosso tempo quem cantava era o <i>gallo</i>, e agora é a <i>gallinha!</i>”</p>
<p>Edição n.12 “Janelliscas” 1ª página 27 dezembro de 1914</p>	<p>Texto eleito para a análise.</p>
<p>Edição n.13 “Janelliscas” 2ª página 1º de janeiro de 1915</p>	<p>1ª edição de 1915. Segue com a crítica aos conterrâneos e seus gastos com os cavalinhos do circo abordados na edição anterior. Também aborda o consumo de queijos importados e de fabricação regional. “Ha, mais tempo, que podiam ter ido, porque aquillo era uma verdadeira <i>xaropada</i>, para <i>variar</i>, todas as noites eram os mesmos trabalhos. E no entretanto, levaram d’aqui bons cobres.”</p>
<p>Edição n.14</p>	<p>Esta edição do jornal não está preservada, o que, até o momento, impossibilita saber se teve ou não a coluna impressa.</p>
<p>Edição n.15</p>	<p>Uso de muitas metáforas e crítica a quem censura o jornal.</p>

<p>“Janellisces” 1ª e 2ª páginas 17 de janeiro de 1915</p>	<p>“Outra muito boa vizinha, e certa gente entende que “A Encrenca,, não deve dar certas <i>piadas</i>, porque o camarada que deu causa, è assignante. Ora essè boa, pois que não quiser ser lobo que não lhe vista a pelle, a senhora não acha?”</p>
<p>Edição n.16 “Janellisces” 2ª página 24 de janeiro de 1915</p>	<p>Crítica ao que é de fora e exaltação ao local. “E’ o que eu sempre digo ao meu velho, que prefiro comer <i>polenta</i> pura aqui, do que <i>perú</i> gordo em P.Alegre.”</p>
<p>Edição n.17 “Janellisces” 2ª página 31 de janeiro de 1915</p>	<p>Dialogam e criticam os impostos e a politicagem, a relação com a Guerra e os prejuízos à sociedade. “Mas, que vergonha, parece que não temos mais homens, antes fizessem deputados...”</p>
<p>Edição n.18 “Janellisces” 2ª página 7 de fevereiro de 1915</p>	<p>Os danos da Guerra e a possível chegada dos bondes. “Acho que será para Caxias, uma grande cousa, pois eu que conheci isso a vinte e poucos annos, pelo nome de “Campo dos Bugres,, com uma meia duzia de casinhas de taboas, e vejo agora com estrada de ferro, iluminada a luz electrica, não me surpreenderá si amanhã ver os <i>bonds</i>, a senhora não acha?”</p>
<p>Edição n.19</p>	<p>Esta edição do jornal não está preservada, o que, até o momento, impossibilita saber se teve ou não a coluna impressa.</p>
<p>Edição n.20 21 de fevereiro de 1915</p>	<p>Não há “Janellisces” nesta edição e não encontramos nenhuma menção, nem explicação, à ausência da coluna.</p>
<p>Edição n.21 “Janellisces” 2ª página 28 de fevereiro de 1915</p>	<p>Abordam a Quaresma e as festas de carnaval e destacam a agilidade e eficiência de caxias para realizar festas. “Eu sempre digo ao meu velho, que para festas, não há como Caxias, isto aqui é um verdadeiro <i>mineral</i>...”</p>
<p>Edição n.22 “Janellisces” 2ª página 7 de março de 1915</p>	<p>Dialogam sobre encrenças locais e a recolocação, dificuldade, no mercado de trabalho. “Mas vizinha, a senhora não sabe, que os empregos são para os meninos bonitos, e o seu alem de velho è feio, o que não se dá com o marido da sua criada.”</p>
<p>Edição n.23 “Janellisces” 2ª página 14 de março de 1915</p>	<p>Conversam sobre o clima, as chuvas intensas e as dificuldades de locomoção acarretadas pela falta de investimentos em infraestrutura. “Pois é, com a tal chuva, nem novidades temos, o que tem feito ella, è fazer as nossas veranistas ir furando. Sim, tem feito elles muito bem, eu si pudesse fazia o mesmo, porque aguentar caxias, com chuva é um inferno. Lá isso è verdade, as calçadas são poucas, e só là no centro, as ruas é só lama.”</p>
<p>Edição n.24 “Janellisces” 3ª página 21 de março de 1915</p>	<p>Dialogam e criticam os homens locais que procuram as prostitutas. “[...]o meu tem andado comportado. Com certeza vizinha, è porque elle não tem dinheiro, porque se tivesse, havia de fazer como o meu e outros santinhos, que conheço. [...] quanto mais velhos, mais <i>assanhados</i>.”</p>
<p>Edição n.25 “Janellisces”</p>	<p>Falam sobre o costume de frequentar os cinemas locais e criticam os cabares de Porto Alegre.</p>

<p>2ª página 28 de março de 1915</p>	<p>“Perfeitamente, mas a senhora sabe, que a rapasiada, esta acostumada com os <i>cabaret</i> de P. Alegre, de modo que, lá existe toda a liberdade, onde são cantadas, canções que já se tornaram populares, e as taes artistas que aqui estão, mettem-se a acantal-as, e no fim é aquela desgraça, surge um côro, que é um verdadeiro <i>costume</i>. Mas, em nome dos bons costumes, precisamos acabar com isso, assim pensa a Procópio.”</p>
<p>Edição n.26 “Janellises” 2ª página 4 de abril de 1915</p>	<p>Dialogam sobre as encrencas cotidianas na sociedade local e a pavimentação prometida para ruas centrais. “Então a senhora não sabe que vamos ter dentro em breve, novas calçadas, e a rua principal arborizada, transformada em “Avenida,, Mas isso será certo visinha? Tão certo, como treis e dois, são cinco.”</p>
<p>Edição n.27 “Janellises” 2ª e 3ª páginas 11 de abril de 1915</p>	<p>Abordam a temática religiosa e relacionamentos e promessas de casamentos de contrerrâneos. “Então D. Procópio, passamos a semana do jejum, a tal do bacalhau? E´ verdade visinha, no entanto, no sabbado da <i>alleluia</i>, não apareceu <i>judas</i> algum.”</p>
<p>Edição n.28 “As Visinhas” 2ª página 9 de maio de 1915</p>	<p>Texto eleito para a análise.</p>
<p>Edição n.29 “As Visinhas” 2ª página 16 de maio de 1915</p>	<p>Resgatam o tema da edição anterior e a associação do jornal comosendo uma pessoa, a Dona Encrenca, que esteve doente, vizinha e amiga da narradora/personagem dona Procópio. Além de encrencas locais com os contrerrâneos e a expectativa com mais uma edição de leilões. “Eu também D. Procópio, gosto de apreciar os namoros e os legumes dos taes leilões.”</p>
<p>Edição n.30</p>	<p>Esta edição do jornal não está preservada, o que, até o momento, impossibilita saber se teve ou não a coluna impressa.</p>
<p>Edição n.31 “As Visinhas” 2ª página 30 de maio de 1915</p>	<p>Dão continuidade aos leilões e as vestimentas usadas pela sociedade, além de dialogar/criticar impostos cobrados e retorno dado a população. “A senhora não reparou D. Procópio, como a velhada estava assanhada nos leilões? [...] Outra coisa, de onde è que veio tanto chapéu, pra <i>certa gente</i>, andar com elles nos leilões? Eu não sei, mas com certeza pegou fogo em alguma chapelaria.”</p>

Fonte: Autora do trabalho com a análise edições disponíveis do periódico analisado.

Reiteramos que a escolha para amostragem, edições n.1, n.6, n.12 e n.28, deu-se em virtude da nossa aproximação gradual do corpus, decorrente da leitura de todas as publicações preservadas. Para a melhor visualização, os textos foram transcritos, optando por manter a ortografia e destaques gráficos originais, e inserida uma coluna com números para facilitar a

identificação das linhas mencionadas. Na seção anexos, estão reproduzidas as imagens de cada página contendo os respectivos textos.

JANELLISCES edição n.1, de 11 de outubro de 1914⁷⁹

1 Bom dia vizinha. Bom dia d.Mendica, a senhora como tem passado [...] passado
 2 bem? Eu, apesar do mau tempo, da crise e dos meus 58 anos, ainda me considero
 3 forte, tanto assim, que ainda não dei o meu quinhão ao vigario.
 4 Nem eu, apesar dos pezares.
 5 Mas porque será que ao vigario sò se dá quinhão que já não presta?
 6 Eu sei là vizinha!
 7 Talvez possua elle o segredo de renoval-o em seu proveito. O certo é que quando a
 8 gente vae entrando com a péle de cara para a semelhança de um pecêgo passado,
 9 dizem logo. “Olha, aquela la já deu o seu quinhão ao vigario.”
 10 E que diabo de quinhão è esse, não me dirá vizinha? Não sei d. Aninha, seja porem
 11 o que for, o que sei é que, o meu, não dou, não dou, e não dou, ora ahi està!...
 12 O vigario que não seja tolo. Tembem quinhão assim... fosse eu o vigario, não os
 13 acceitava, nem com manteiga! E’uma coisa atè inconstitucional, vizinha! A propria
 14 biblia não autorisa semelhantes disparates. Mas, parece incrível vizinha, que,
 15 estamos aqui na janella á mais de uma hora e os padeiros ainda não trouxeram o
 16 pão.
 17 De que padaria a senhora compra vizinha, Eu na Familiarr. E, a senhora? E’ na do
 18 Fritz.
 19 Vizinha, a senhora tem reparado, como os pães andam agora tão pequenos. Ora se
 20 tenho, andam que atè é uma vergonha, elles dizem que é devido a guerra, que a
 21 farinha de trigo ficou muito cara, que não vem mais d’Argentina.
 22 [...] vizinha, elles estão fazendo pão com farinha d’aqui. Mas, o [...]

A estreia da seção “Janellisces” é concomitante à primeira edição do jornal, ocupando parte da capa, como pode ser observado no Anexo K. As três supressões no texto transcrito são em razão da impossibilidade de identificar as palavras, decorrente do estado de conservação do original preservado. Todavia, mantivemos a escolha deste como amostra, mesmo com as lacunas, em virtude de sua originalidade que mostra o estilo, o tom literário e os recursos humorísticos adotados na coluna.

A “Janellisces” faz crítica usando o humor costumbrista ao abordar assuntos do cotidiano, como nesta edição, que inicia dialogando sobre uma metáfora e seu significado e, depois, segue chamando a atenção para algo, aparentemente simples, como o tamanho do pão. No diálogo inicial entre as vizinhas, a narradora/personagem ao se apresentar, usa a metáfora “não dei o meu quinhão ao vigário”, que aparece pela primeira vez na linha 3 e é recorrente como tema de debate na parte inicial no texto. A expressão tem sentido figurado, pois, mesmo que sua origem seja de ordem religiosa, a forma como é empregada conota ordem moral,

⁷⁹ Na seção anexos (Anexo K), pode ser observada a reprodução da capa da edição n.1, com destaque gráfico no texto da seção “Janellisces”.

comportamental. Conforme Antenor de Veras Nascente⁸⁰ (1966, s/p, apud MARTINS, 1990, p.66), estudioso da Língua Portuguesa do Brasil, em seu livro *Tesouro da fraseologia brasileira*, “Não querer dar seu quinhão ao vigário significa não desistir de aventuras amorosas”.

A expressão, que tem sua atual interpretação dificultada por cair em desuso, é vista em outros textos, ainda mais antigos, como no recorte da obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de 1854, de Manuel Antônio de Almeida: “O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma coisa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma coisa era a Maria-Regalada que morava na prainha.” E também no romance *Quincas Borbas*, de 1891, de Machado de Assis: “-Talvez nos estejamos a incomodar com um simples efeito de vinhos. Olha que ele não mandou seu quinhão ao vigário, cabeça fraca, um pouco de abalo, e entornou o que tinha dentro...”.

Tendo em vista ter significado de ordem comportamental e compactuando com o conceito de Nascentes (1966), a expressão observada nos recortes da literatura clássica e na coluna estudada demonstra ter o mesmo viés, o de não se acomodar, não se conformar e se condicionar a paradigmas da idade avançada.

A comicidade, conforme as categorias de Propp (1992), está presente no texto de formas distintas. A Ridicularização das Profissões pode ser identificada, superficialmente, na referência ao vigário, espécie de sacerdote, que, como representante da igreja católica, tinha grande influência cultural e política na sociedade, e como esse poderia usufruir do suposto quinhão *velho* recebido (linha 5 e 7).

Os Instrumentos Linguísticos da Comicidade são observados, principalmente, entre as linhas 10 e 13, no uso de palavras como *Diabo*, *manteiga*, e nas repetições da linha 11. O Exagero Cômico está presente na associação da pele facial a um pêssigo velho que já estaria murchando (linha 8), e também no uso de palavras como *inconstitucional* (linha 13), ou seja, tão sério que estaria em desacordo com o conjunto de leis supremas do país, e *Bíblia* (linha 14), ao reforçar a incompatibilidade da ideia, agora, com as leis de Deus.

Na segunda parte do texto, o diálogo segue, mas fazendo uma relação direta ao contexto histórico que a sociedade estava vivendo: o início da Primeira Guerra Mundial, em julho de 1914. Mesmo com os combates bélicos distantes, na longínqua Europa, seus reflexos

⁸⁰ Antenor de Veras Nascente nasceu no Rio de Janeiro (1886 - 1972), foi um filólogo, etimólogo, dialectólogo e lexicógrafo brasileiro. Ocupou, como fundador, a Cadeira nº 3 da Academia Brasileira de Filologia.

são sentidos pela população de formas diversas, neste caso, com a redução no tamanho dos pães, sem no entanto alterar o seu valor, pois o trigo não estaria mais sendo importado da Argentina, e, sim, o produzido na região (linhas 21 e 22). O discurso de denúncia tem coerência histórica, pois a Argentina foi uma das maiores produtoras de trigo do período, no mundo, e era a responsável por grande parte do abastecimento dos grãos na Inglaterra e França, o que a levou a viver um acelerado crescimento econômico.

JANELLISCES edição n.6, de 15 de novembro de 1914⁸¹

1 D. Anninha, a senhora já soube o que aconteceu com a Clarinha, filha do velho
 2 Tiririca?
 3 Bem pelo muido ainda não, mas a Cambusia minha lavadeira, contou-me hontem
 4 muita coisinha bôa e fallou-me nisso muito por alto, si a senhora d. Procopia, sabe
 5 tudo, me conte? Pois eu lhe conto visinha, ja indagueie sei de tudo, não que eu me
 6 importe com a *vida alheia*, como voce bem sabe.
 7 Nem eu visinha, apelo para o seu testemunho, o que nos importa a nós o que vae
 8 pela casa dos outros?
 9 Perfeitamente d. Procopia, parece que somos gemeas, no nosso modo de pensar,
 10 mas conte a tal *encrenca*.
 11 A Clarinha, foi pedida em casamento, como voce sabe, pelo *seu* José, aquelle moço
 12 portuguez tanoeiro, que anda sempre com a camisa suja, e que dizem que è casado
 13 na terra delle. O velho Tiririca e a mulher eram uma loucura pelo casamento. A
 14 Clarinha ao principio não queria, por causa do namoro que tinha com o Rosca.
 15 Mas, com a teima dos paes a Clarinha deu o *sim* ao *seu* José, que foi logo
 16 enchendo-a de suspiros, de olhares e de presentes, mandando-lhe o necessario para
 17 o enxoval do casamento, que ia se realisar no sabbado que vem; mas a *bôa* da noiva
 18 que todos os dias ao escurecer antes de chegar o noivo para o pão nosso de cada dia
 19 ao *chôco* amoroso ia fazer um terço *namoristico* na janella com o Rosca, bateu com
 20 este n'um *carrinho de mão*, a linda plumagem, sem que se saiba atè agora o *galho*
 21 onde foi *pousar*.
 22 E' bem feito visinha!
 23 Os paes é que são culpados. Quem os manda facilitarem tanto com os *melros*?...
 24 E a rapariga então?!...
 25 O que ella merecia era uma sapéca de chinello eu bem sei onde...
 26 Lambisgoia do diabo!...
 27 Eu não desejo mal a ninguem. O quero é viver cá no meu cantinho sem me
 28 intrometter com a vida dos outros, coisa que eu nunca me importei nem me
 29 importo.
 30 Diz muito bem visinha, isto de intrigas e mexericos *conversas de janella*, sobre a
 31 vida alheia, não é com a
 32

Procopia.

Como visto anteriormente, por si só, as palavras e a própria língua não são risíveis; elas apenas se tornam passíveis do cômico quando refletem traços da vida de quem as usa. Isso pode ser observado nesta amostra textual, pois, desde o primeiro relancear na

⁸¹ Na seção anexos (Anexo L), pode ser observada a reprodução das páginas 2 e 3 da edição n.6, com destaque gráfico no texto da seção Janellisces.

“Janelliscas” da edição n.6, tendo como base as teorias de humor estudadas, evidenciou-se a ironia pertencente aos Instrumentos Linguísticos da Comicidade como categoria de destaque.

Recordando o conceito de Propp (1992), de que na ironia usam-se conceitos ou palavras com o intuito de gerar outra compreensão, subentender-se outro significado, distinto do expresso, ou seja, fala-se algo positivo acerca de alguém ou alguma coisa, quando, na verdade, busca-se revelar exatamente o oposto, identificamos que as recorrentes autoafirmações de D. Procópia e sua vizinha, ao dizerem que não se interessam pela vida alheia, enquadram-se nessa contradição de discurso e prática, que é, conforme o autor, onde reside sua comicidade. A veemência com que reiteram e refutam a ideia de serem maledicentes é contraditória à ação por elas praticada, o que, com a leitura periódica da coluna, percebe-se claramente.

Os redatores, neste caso responsáveis pela coluna, fazem jus ao lema *Castigat ridendo mores*, pois a ironia utilizada é para expressar a crítica aos acontecimentos cotidianos e aos costumes locais. Nessa amostra, as vizinhas dialogam sobre uma jovem que cede à pressão dos pais, supostamente rompendo um namoro com um rapaz local para noivar com o pretendido destes, um português, ao que elas incluem o boato de que seria casado (linha 12 e 13), fomentando ainda mais o aspecto maledicente do discurso. O casamento acaba não se concretizando, pois a moça teria mantido o romance, não tão escondido, como observado na linha 19, com o ex, nomeado Rosca.

A crítica voraz das vizinhas é ampla e contempla, além do noivo, que seria supostamente casado, também o ex-namorado, o Rosca, que é associado a um *melro* (linha 23), um pássaro com uma simbologia religiosa. Como visto na contextualização sobre a sociedade local, a população era em grande parte religiosa, com devoção católica, o que faz acreditar que o autor conhecesse a simbologia ao correlacionar o pássaro ao homem. A esclarecer, o *melro* é associado à escuridão, aos pecados da carne, o que mais se enquadra nesse contexto. A origem dessa relação é, de acordo com Varazze (2003), uma aventura de São Bento de Núrsia:

Certo dia um pássaro negro, chamado melro, pôs-se a voar de maneira importuna em volta de Bento, e tão próximo que o santo teria podido pegá-lo com a mão, mas fez o sinal-da-cruz e o pássaro retirou-se. Logo depois o diabo trouxe-lhe diante dos olhos do espírito uma mulher que ele vira outrora, acendendo em seu coração tal paixão que, vencido pela volúpia, estava a ponto de ir embora do deserto. Mas, pela graça divina, recobrou subitamente o controle de si, tirou a roupa e rolou com tamanha violência sobre espinheiros e sarças que havia por ali, que seu corpo ficou todo ferido e desta forma, pelas chagas da carne, ele curou as chagas do pensamento. O ardor da penitência venceu o incêndio do pecado. A partir daquele momento, nunca mais uma tentação manifestou-se em seu corpo (VARAZZE, 2003, p. 298 apud MEDEIROS, 2008, p.110).

Ao associar Rosca ao *melro*, destaca-se a crítica do ceder à tentação da carne, e de forma explícita as personagens ainda zombam do atual pretendente, que protagoniza um namoro tradicional, com uso de termos que parodiam expressões de ordem religiosa, (linha 18), momentos após a noiva despedir-se do ex à janela (linha 19). Todavia, a correção dos costumes segue, tendo como alvo a própria protagonista da história, a jovem Clarinha, à qual chegam a se referir com adjetivos pejorativos. Ao usar a expressão rapariga (linha 24), acredita-se que o objetivo era o de relacionar à moça ao conceito, ainda hoje utilizado na região centro-oeste do Brasil, de amante, distante do significado em Portugal, que é usado para se referir à moça, mulher jovem. A postura é reiterada na linha 26, novamente associando a moça a termos populares para chamá-la de fácil. A conduta moralista das vizinhas também é direcionada aos pais, desde a insistência, ou mesmo imposição ao casamento (linha 15), a criação dada por eles, que seria muito liberal e a aparente falta de punição à jovem pelo desvio moral.

A ironia que caracteriza o texto é realçada ao fim, quando, novamente, as vizinhas resgatam o discurso de que mantêm distância de fofocas e boatos. E o autor usa como recurso linguístico o trocadilho, ao condenar as conversas na janela quando as personagens a estão praticando, e em uma seção nomeada de “Janelliscas”.

JANELLISCAS edição n.12, de 27 de dezembro de 1914⁸²

- 1 Visinha, a senhora já vio povinho mais assanhado do que este de Caxias?
- 2 Olhe d. Procópia, que eu tambem moro aqui, e a senhora está me offendendo.
- 3 Cruz visinha, eu não me refiro a senhora. Então com quem é?
- 4 Ora com quem è, com aquelles que não tem dinheiro para pagar as dividas, mas vão
- 5 todas as noites aos *cavallinhos*.⁸³
- 6 A senhora ainda não foi, dizem que a companhia è muito boa?
- 7 Sim, eu fui com o meu velho e as meninas no domingo.
- 8 E gostou? Para fallar a verdade, sò gostei do trabalho das Japonezas e dos saltos do
- 9 *Toni*, quando dos taes elephantes, não gostei nada, porque são dois bichos nojentos.
- 10 Mas, quem era os taes, que não pagam as dividas e que estavam lá?
- 11 Chegue aqui que eu lhe digo no ouvido: era... Mas o tio Nato, Lino, Viale,
- 12 Mariante, padeiros e açougueiros è que estão *gemendo*.
- 13 Olha visinha, aquelle ultimo que a senhora me disse, não paga a leiteira a tres

⁸² Na seção anexos (Anexo M), pode ser observada a reprodução da capa da edição n.12, com destaque gráfico no texto da seção Janelliscas.

⁸³ As referências a Cavalinhos nos circos de antigamente pode ser com relação às apresentações equestres. No entanto, o que mais se enquadra nesse exemplo, que envolve a suposta perda de dinheiro de alguns moradores, seriam as apostas em cavalos de madeira, cada um com um número distinto, que com um mecanismo simples competiam em uma espécie de pista de madeira. Essa atração que ganhou o gosto popular popularizou-se nas festas de interior da RCI.

14 mezes.
 15 Ah, aqui tem muita gente assim, que vive no luxo, com a barriga apertada e cheias
 16 de dividas.
 17 Mais visinha, como è que todo o mundo falla em *crise*, e no entretanto todas as
 18 noites o *circo* está cheio, onde é que vão buscar dinheiro? Eu não sei como è isso, o
 19 que eu sei, é que o dinheiro que não dá cria, è o da
 20

Procopia

Na última edição de 1914, dona Procópia inicia o diálogo generalizando a sociedade caxiense, à qual se refere como *assanhada* (linha 1), ao ver da narradora/personagem sedenta por mostrar-se, por aparecer frente aos demais, gastando em diversão, quando deveriam estar pagando contas (linhas 4, 5, 16, 17, 18 e 19). E o *pano de fundo* utilizado para tecer a crítica a esse costume local foi a passagem de um circo pela cidade, que à ampla visão, no período estudado, é uma companhia, um agrupamento de pessoas que viajavam entre cidades, e mesmo países, apresentando suas habilidades artísticas variadas, muitos fazendo uso de animais para shows ou mesmo simples exposição, sempre objetivando a diversão e entretenimento dos espectadores. O circo, nos moldes antigos, não o associando a exemplos modernos que não exploram mais os animais e têm como uma grande referência atual o canadense Cirque du soleil, em sua essência fazia uso de muitas categorias elencadas neste estudo, como o exagero cômico, o malogro da vontade, o homem com aparência animal, a natureza física do homem, o fazer alguém de bobo, o alogismo, os caracteres cômicos, entre outros.

O circo é uma expressão artística que faz parte da cultura popular, todavia, é muito distinto da cultura popular local, assim, as companhias circenses representavam a estranheza social, o extremo em comparação às personagens da “Janellices”. Enquanto dona Procópia e sua vizinha conversavam tranquilas na janela, com suas famílias tradicionais e vivendo o cotidiano convencional urbano da época, os integrantes do circo eram, muitas vezes, pessoas que viam na vida nômade a fuga de sua realidade, por opção a uma vida aventureira, ou mesmo, para escapar como refugiados de seus países que podiam estar sendo assolados por guerras - no contexto da análise, a I Guerra Mundial (1914-1918).

Sobre a companhia circense mencionada na coluna, foram identificadas notícias sobre sua chegada e estadia na cidade. Como mostra a “Echos da Semana”, na edição n.10, de 13 de dezembro, “Dentre em breve, virá trabalhar nesta cidade, o conhecido <Circo Pierre>

composto de bons artistas e grande numeros de animaes.” Edição subsequente, na mesma seção, a n.11, de 20 de dezembro de 1914, tem como primeira notícia:

Na sexta-feira desta semana, tivemos o prazer de apreciar a estréia, do Circo Piere, a concurrencia e a animação foi enorme, pois é, composto de excelentes artistas, e bem inusitados animais.

Nesse genero, podemos garantir, que è a companhia mais importante que nos tem visitado, digna portanto, do auxilio do nosso publico.

Na edição n.12, mesma da transcrição anterior, há também a seguinte nota, informando a partida do circo, após sucesso na cidade, na mesma seção “Echos da Semana ”: “Continua a trabalhar nesta cidade, com boas casas o acreditado Circo Pierre, cujos trabalhos muito tem agradado ao nosso publico do qual se despede, com a função de hoje.” Todavia, além dos textos noticiosos, a passagem do circo está presente, na mesma edição, na coluna “Estão Dizendo!...” que, como visto, tem um perfil crítico através da comicidade, semelhante, em estilo e objetivo, a “Janellises”: “...que o nosso respeitável publico, por cavallinhos, dá a vida, e a prova é que todas as noites repetem a frequencia no circo, em compensação, o circo repete os trabalhos e suspende nosso arame.” E também: “... que na sexta última, houve um coisismo entre dois jovens smarts e artistas de cavallinhos, tendo sido oferecido a ellas duas pulseiras de prata dourada, com relógios, serà para ellas andarem na hora! mas que letra?...?...?....!!!...”

Nos demais jornais locais, a que se teve acesso no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, a passagem do circo é noticiada no jornal *Città di Caxias*, na edição n.97, de 21 de dezembro, em uma crônica, em italiano, que fala sobre o entusiasmo local com os *cavallinhos*, em concordância com a dona Procópia que usa essa mesma atração circense para criticar os gastos do povo (linhas 4 e 5). Acredita-se que, pela periodicidade semanal do *Città de Caxias*, deve ter circulado mais uma edição na semana seguinte, mas essa informação não pode ser confirmada, nem verificado se há mais menções ao circo, pois o exemplar do jornal não está guardado no acervo histórico. O mesmo acontece com outro jornal do mesmo período, *O Brasil*, que também não tem os exemplares de dezembro de 1914 preservados, mas apenas a primeira edição do mês, dia 6, data que o coloca mais distante da passagem da atração. Ainda sobre o Circo Pierre, são observadas inserções em jornais paulistas, como no *Correio Paulistano*, de 13 de julho de 1915:

Deverá estrear no largo de Santa Cruz o circo dirigido pelo sr. João Itter Pierre. São de seu elenco artistico a familia japonesa, Gerard, jockey; as irmãs Palacio, mlle. Lucy e os palhaços Antonio, Alexandre e Antilla.

O circo Pierre traz ainda diversos animais amestrados destacando entre elles, 2 elephants Asiaticos com peso de 12 mil kilos.

Acredita-se que a notícia veiculada no *Correio Paulistano* seja referente ao mesmo circo que passou por Caxias, não só em virtude da coincidência do nome, mas também pela referência feita por dona Procópio às japonesas (linha 8), e aos elefantes vistos (linha 9). Vale ressaltar que o Circo Pierre não foi o único a fazer apresentações na cidade. No curto período em que o *A Encrenca* circulou, outubro de 1914 a maio de 1915, são vistas menções a outras duas companhias circenses, como visto na “Echos da Semana”, edição n.6, de 15 de novembro de 1914: “Acha-se nesta cidade o conhecido “Circo Pollo,, composto de habeis artistas, o qual fez hontem a sua estreia. parabens aos *habitués*, deste gênero de diversos.” E na edição n.26, de 4 de abril, é noticiado o término da estadia de outro grupo: “Para Carlos Barbosa, seguia esta semana, o “Circo Variedades,, que aqui achava-se trabalhando.” A esses dois outros espetáculos não é dada tanta referência nas páginas do periódico.

O circo faz um contraponto interessante: reforçando as diferenças de costumes, torna-se um paradoxo da liberdade máxima, distante da vida e da visão conservadora das personagens da “Janellisces”. Com esse tema como base, as vizinhas destilam suas críticas aos frequentadores assíduos e instigam a curiosidade do leitor sobre quem seriam os devedores mencionados (linhas 11 e 12), e resgatam a ideia, contida na primeira frase, de uma sociedade que, em parte, busca viver de aparências (linhas 15 e 16).

JANELLISCES edição n.28, de 9 de maio de 1915⁸⁴

- 1 Bom dia D. Procopia, o que é feito da senhora, ha tres semanas que não ha vejo, tem
- 2 estado doente? eu, graças a Deus, não, mas tenho estado cuidando da comadre, que
- 3 teve quasi *vae, não vae*.
- 4 Qual comadre visinha?
- 5 Então a senhora não sabe, que a comadre “Encrenca,, esteve a morte? Ah, è por
- 6 isso, que faz tres Domingos, que eu não tenho visto na rua. Pudera não, pois a
- 7 coitada esteve *mali*. Mas, de que molestia, esteve attaccada ella visinha? Eu mesmo
- 8 não sei. os medicos que tiveram tratando della, diziam que a coitada estava
- 9 soffrendo de *mâl de pança*. Então estava em estado grave?
- 10 Sim, tanto que se esperava que ella comprasse uma *filha*. E, não comprou?
- 11 Felizmente não visinha, chamaram o *doutor* Spigolin, que deu um remedio para a
- 12 mãe, para curar a *filha*. Eu imagino visinha, como muita gente, não havia de ficar
- 13 contente, si a sua comadre “Encrenca,, *morresse*. Mas, porque visinha, a coitadinha,
- 14 não [...] ruim assim? E’ [...] muita gente, délla [...] gosta.
- 15 [...] tem razão, [...] d. Encrenca, [...] verdade, não [...] embora ella as vezes dê certas
- 16 alfinetadas, mais são necessárias visinhas, para quebrar a nossa burgueza
- 17 monotonia.
- 18 Estou de pleno accordo visinha, a d. “Encrenca,, tem educação bastante e o criterio
- 19 preciso, para brincar, sem ofender à que quer que seja a senhora não acha?
- 20 Ora se acho, e a prova disso, esta na estima que ella gosa no nossso meio, tanto
- 21 assim, que durante estas tres semanas que ella não tem podido sahir, todo mundo

⁸⁴ Na seção anexos (Anexo N), pode ser observada a reprodução da página 2 da edição n.28, com destaque gráfico no texto da seção Janellisces.

22 vive a perguntar. Quando é que “A Encrenca,, sahe?
 23 Já vê a senhora, que ella è querida e estimada pelo bello sexo.
 24 Agora um conselho d. Procopia, cuide bem da sua comadre, não vá deixar ella ter
 25 alguma *recolhida* e complicar-se a *zona*.
 26 Não tenha cuidado, a comadre este anno, não morre mais de morte *morrida*, porque
 27 o *doutor*. Spigolin, isso garantiu, e os seus innumero apreciadores não querem,
 28 assim pensa a sua criada,,
 29

Procopia

A edição n.28 mostra-se relevante por ser a primeira após as três semanas que o jornal ficou sem circular. Na subseção 1.3, onde é apresentado o *A Encrenca*, são transcritos os dois textos redigidos pelos responsáveis pelo jornal explicando, mesmo que de forma superficial, as razões pelas quais o periódico não foi publicado e com a promessa de dar continuidade à publicação semanal, ao menos no ano em vigor, 1915. A partir dessa edição a seção passa a ser nomeada “As Visinhas”, sem alterar seu estilo, personagens e assinatura, de maneira que se optou por seguir referenciando a coluna com o mesmo nome, “Janellises”, nas menções a seguir.

Frente ao diferencial deste número, não é estranho que a seção “Janellises” também tivesse seu conteúdo relacionado a esse período de recesso, notícia mais importante na percepção de seus redatores. No entanto, a coluna aqui analisada difere de forma significativa dos textos com caráter editorial, por mais que aborde o mesmo tema.

Da mesma forma que ocorreu na transcrição do primeiro “Janellises”, neste também há supressões de texto (acredita-se que apenas uma palavra por lacuna), em decorrência do estado de conservação do original (Anexo N), o que não compromete significativamente a compreensão textual e não altera a proposta de análise.

De forma sintética, o fato é que, em virtude de desentendimentos entre os envolvidos, foi cogitada a interrupção do jornal, todavia, após negociações internas, voltaram atrás e, após três semanas sem veicular, o periódico voltou à ativa, com a promessa que seguiria, ao menos, até o final do ano, fato que não concretizou-se. A “Janellises” brinca com o ocorrido, parodia a história, e a reconta a seu modo, transformando o jornal *A Encrenca* em uma pessoa, uma vizinha, um personagem, a comadre Encrenca (linha 5).

Dona Procópia esclarece que sua ausência por três semanas foi para cuidar da comadre que estava doente, à beira da morte, sem saber se sobreviveria (linhas 3 e 5), em associação direta às dúvidas sobre seguir ou não com o jornal. A moléstia de que a comadre estaria acometida é referida como “mål de pança” (linha 9), que os médicos não estavam conseguindo tratar, e apenas com a ajuda do “*doutor* Spigolin” (linha 11), foi possível sua salvação: ao tratar a mãe, curou a filha (linha 12).

Tendo em vista que a essência da história parodiada corresponde ao ocorrido, essa passagem suscita diversas interpretações. O que seria esse “mal de pança”? Um termo para constar apenas como explicação simplória sobre o afastamento, uma dor de barriga representando uma doença não definida, ou algo com mais simbolismo, para representar que o jornal estava sofrendo censura ou passava por problemas financeiros? Com base na pesquisa desenvolvida, não há como afirmar a que o autor pretendia se referir. Todavia, não cremos ser referente à censura, ao menos não a governamental, pois as críticas proferidas pelo periódico eram dirigidas à sociedade, raríssimas vezes ao governo ou a militares, que eram tratados com deferência e até mesmo bajulação. Poderia ser, também, com relação às finanças, pois os próprios envolvidos afirmavam que não tinham retorno com o jornal.

Dúvidas e questionamento também ocorrem com a figura do *doutor* que trata a mãe para curar a filha. Quem seria esse Spigolin? Se era uma pessoa real ou não, não há como saber, mas acreditamos que seja um nome ficcional, pois não é mencionado em nenhuma outra edição do periódico. Poderia ser o Ludovido Sartori, pai do Honorino? Ou o próprio Honorino que estava entre idas e vindas à região de Cima da Serra? A filha poderia ser o jornal, mas quem seria a mãe que teve que ser tratada para que a filha continuasse a existir? E se a filha fosse o jornal, qual o significado de que “*ella*” estaria comprando uma filha (linha 10)? Seria talvez algum interessado em comprar o periódico, ou a possibilidade de colocar em prática o *Raio X*, que, como mencionado anteriormente, poderia ser outro folhetim. O que pode ser feito, ao menos por enquanto, é apenas levantar suposições.

Dona Procópia reitera o discurso noticioso dos redatores ao afirmar que a comadre Encrenca não morreria, ao menos não nesse ano (linha 26), e novamente menciona o Spigolin como garantia dessa sequência (linha 27), instigando ainda mais a curiosidade acerca desse personagem.

A adaptação do período de recesso sofrido pelo periódico para a convalescença que acometeu a comadre dona Encrenca descrita na coluna recorda a teoria de Freud (2017) de que o humor, por gozar das dificuldades humanas, tem o efeito de diminuí-las, causando assim a aparente e momentânea diminuição dos problemas. Ao abordar com uma perspectiva mais descontraída, análoga, o ocorrido torna-se mais acessível, compreensível, e até mesmo próximo afetivamente aos leitores e apreciadores da coluna. Como informa dona Procópia, a Encrenca sabe para onde apontar sua pena pilhérica de forma educada, dosando crítica e brincadeira sem ofender (linhas 18 e 19), além de ser muito querida e estimada (linha 23), principalmente pelo público feminino.

Se Bergson (1983) afirma que o humor é decorrente de uma imitação da vida e que o riso necessita de eco, reiteramos que na seção “Janellises” a espontaneidade da oralidade no discurso coloquial das personagens possibilita a aproximação do leitor e facilita a assimilação dos conteúdos noticiados. Com apelo, principalmente irônico, a coluna suscitava o riso sobre os costumes locais, ao mesmo tempo em que instigava à reflexão a respeito de notícias do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou trazer à luz um periódico, até então inédito sob a óptica de estudos mais profundos, no âmbito da pesquisa científica: *A Encrenca*. Através da análise de conteúdo, buscou-se alcançar o objetivo geral deste estudo, que foi identificar de que forma o humor costumbrista aparece nesse veículo e em que categorias *A Encrenca* opera. O intuito foi o de analisar o discurso do jornal, que se apresentava como *crítico, humorístico e noticioso*, sob a perspectiva das teorias do humor.

Inserida no seio da sociedade caxiense, de outubro de 1914 a maio de 1915, *A Encrenca* distingue-se dos demais jornais locais, no mesmo período, justamente por explorar de forma visível o humor como recurso, para expor suas críticas aos costumes da Pérola das Colônias. Não que ele tenha sido exclusivo com esse viés pilhérico na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, como visto na pesquisa, mas é um dos poucos, até o momento, que dispõe de exemplares preservados que possibilitam a sua investigação.

Uma sociedade é constituída por indivíduos que compartilham o mesmo espaço e tempo, e o convívio harmonioso entre conterrâneos, seja atual, seja na de Caxias de 1914, requer, ou ao menos espera de seus membros, a adesão, consciente ou inconsciente, a diversas regras e comportamentos morais, sociais e psicológicos. Pensando na região da Serra Gaúcha, no início do século passado, constituída em sua maioria por imigrantes e descendentes de italianos que tinham como pilares a igreja, a família e o trabalho, não necessariamente nessa ordem, mas que, ao mesmo tempo, “apresentavam boa disposição para farsa e o humor” (RIBEIRO, 2005, p.17), não é difícil imaginar como a quebra dessas condutas tradicionais constituía um rico arsenal a ser explorado por um jornal como *A Encrenca*. Esse humor costumbrista contido nas páginas do periódico ambicionava honrar o lema *Castigat ridendo mores*, instigando o riso ao tecer críticas ao comportamento dos indivíduos da sociedade local.

Resgatando e tendo em mente as teorias de Bergson (1983) e Freud (2017), é de grande importância a contextualização de tempo e espaço do emissor, mensagem e receptor, para haver uma comunicação efetiva e, através dessa, despertar a comicidade. Frente a essa necessidade de conhecer o solo que viu florescer o jornal, buscou-se contextualizar o processo de desenvolvimento econômico e social de Caxias. Para tanto, teve-se como origem os processos que antecederam a colonização italiana em 1875, o contexto da chegada, o desenvolvimento da identidade grupal, e a industrialização da região, englobando o

desenvolvimento da imprensa. O recorte de tempo compreendido nesta etapa exploratória compreende brevemente os anos anteriores à chegada dos primeiros imigrantes em 1875 e termina em 1914, com o lançamento do periódico que se tornou nosso objeto de estudo.

Com o desenvolvimento regional e a maior participação ativa de representantes da comunidade, inclusive no cenário político, a palavra escrita, por meio dos jornais, ao possibilitar a releitura, de acordo com Ribeiro (2005), ganhava uma credibilidade maior do que a da oralidade. Todavia, em uma região que à época contava com a maior parte da população analfabeta, é compreensível a força mantida pelo discurso oral. Portanto, o estudo contempla o surgimento da imprensa local, que passa a alimentar a necessidade de informação na colônia, antes suprida por jornais oriundos da Itália ou de São Paulo. O desejo de ter *voz* fez surgir diversos periódicos na região, muitos deles efêmeros. Esses veículos, produzidos em tipografias próprias, refletiam o posicionamento e a visão de grupos, ou seus proprietários.

Vale ressaltar que, para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, as autoras Giron e Pozenato foram imprescindíveis e suas pesquisas acerca da imprensa local embasam o conhecimento aqui agrupado. Todavia, sobre o *A Encrenca*, a informação inicial disponível era superficial e poderia ser transcrita em duas ou três linhas no máximo. Surgiu, assim, a oportunidade de investigar um jornal ainda pouco conhecido no meio acadêmico. Portanto, o final do primeiro capítulo contemplou justamente o resultado exploratório da pesquisa, com o agrupamento dos fragmentos de informação compilados de fontes variadas, que possibilitaram uma maior interação com o jornal.

Tendo melhor ciência do contexto local, e com a aproximação ao objeto de estudo, a pesquisa avançou realizando um levantamento dos conceitos de humor, temática indispensável para a posterior análise do viés humorístico presente no periódico. Ao estudarmos os teóricos que discorrem sobre o assunto, constatamos que, mesmo com Platão relegando o tema a não digno de estudos sérios filosóficos, muitos outros autores debruçaram-se sobre o assunto a fim de compreender o que o motiva e os seus reflexos no homem. Todavia, nesta pesquisa, optou-se por seguir o conselho do historiador alemão Peter Gay, e não entramos no mérito das distinções aprofundadas dos entendimentos dos vocábulos humor, cômico e risível, usando as expressões distintas nos contextos que melhor se enquadraram. Esta etapa da pesquisa mostrou-se fundamental, pois permitiu a aproximação com os três grandes modelos de explicação do riso compilados por Kant, e a posterior categorização das categorias da comicidade elaborada por Propp (1992), que, juntas, forneceram aporte teórico para a análise da linguagem no jornal.

Aproximando a visão de Freud (2017), para quem o humor, ao zombar das dificuldades humanas, tem a capacidade de atenuá-las, proporcionando uma momentânea sensação de alívio no indivíduo, à de Bergson (1983), que afirmava que a comicidade é oriunda da imitação da vida, e à de Geier (2011), que ressalta que o humor efetivo requer a comunicação, percebemos que, quando agregado a algo de cunho noticioso ou crítico, temos constituída a essência da imprensa humorística, seja ela visual ou verbal.

Todavia, no levantamento histórico, rapidamente constatamos que a maior incidência do humor nos jornais nacionais era através de ilustrações, o que também está refletido na elevada quantidade de pesquisas que englobam a imprensa e o humor visual frente ao verbal. Essa realidade exigiu que a abordagem no trabalho contemplasse esse aspecto para possibilitar o avanço na pesquisa. O uso da ilustração com viés humorístico como recurso possibilitou à imprensa um alcance de informação a um público significativamente mais amplo, pois, conforme Martins (2018), mostrava-se uma alternativa de fácil e rápida compreensão, daí a facilidade em compreender sua disseminação como discurso efetivo, fato que se mantém inclusive na atualidade, onde é normal identificar um espaço às charges nos jornais.

Verificou-se que a imprensa humorística nacional, desde seus primórdios, atuava em concordância com as teorias elencadas nesta pesquisa, pois atrás da intenção de suscitar o riso havia o intuito de abordar/imitar aspectos, costumes ou acontecimentos políticos ou sociais da sociedade na qual estavam inseridos. A pesquisa procedeu com o levantamento dos primeiros e principais jornais humorísticos no Rio Grande do Sul, culminando com os exemplares na RCI, até o ano de lançamento do objeto deste estudo, *A Encrenca*, em 1914/1915.

Após a contextualização do tempo e do espaço, a compreensão das teorias do humor e sua origem na imprensa nacional, somadas ao conhecimento construído sobre o *Encrencasinha*, tornou-se possível a identificação e análise do humor no periódico. Tendo como recurso o aporte teórico utilizado no trabalho, buscamos demonstrar, através da análise de conteúdo, como as teorias do humor e categorias da comicidade abordadas, podem ser observadas nos textos do periódico. Para tanto, elegemos recortes de seções distintas que explicitam a linguagem irreverente utilizada, e as relacionamos às categorias da comicidade. Dessa forma, acreditamos que foi possível exemplificar a postura pilhérica do periódico e comprovar na prática textual o uso das recorrentes afirmações dos editores que visavam a corrigir os costumes locais fazendo graça.

Verificamos com a análise do *corpus*, em percentuais aproximados, que 25% do jornal era reservado para anúncios comerciais, outros 25%, para crônicas variadas, incluindo a de

leitores diversos, aqui também considerado o poema da capa, e, dos 50% restantes, estima-se que apenas de 10% a 15% contemplavam notícias com seriedade, o que significa dizer que cerca de 35% a 40% do periódico fazia uso de recursos humorísticos nos seus textos, percentual que pode ser ainda mais impactante se tirarmos a publicidade. Tendo em vista que muitas crônicas também apelavam à comicidade, com convicção podemos apontar que cerca de dois terços do conteúdo textual utilizava de alguma forma o humor, em maior ou menor grau. Isto é, até a 27ª edição, pois, como visto, a partir do n.28, os redatores externaram que objetivavam, a partir de então, focar no “*puro humorismo, de riso alegre e expansivo.*”

A análise de conteúdo, embasada nas teorias estudadas, comprovou que o discurso dos redatores era condizente com a linha editorial do veículo. Se olharmos sob a óptica dos três grandes modelos de riso propostos por Kant, podemos dizer que o *A Encrenca*, de modo geral, transita entre a Teoria da incongruência e a Teoria do relaxamento, não sendo identificados exemplos significativos da Teoria da superioridade.

A etapa final da pesquisa investigou detidamente quatro textos extraídos da seção “Janelliscês” que exploram essa relação de crítica e humor costumbrista no diálogo de duas personagens/vizinhas que semanalmente conversam, ou fofocam, à janela. *A Encrenca*, para fazer jus ao seu *slogan*, era contundente ao criticar, principalmente, os costumes locais e zombar dos acontecimentos na sociedade, e Dona Procópia personifica a voz conservadora, moralista e mesmo maledicente, que semanalmente contribuía para instigar as fofocas na sociedade local e, usando o recorrente termo dos redatores, encrencar a região.

A amostragem dos textos objetivou mostrar como a seção contemplava a proposta *crítico, humorístico e noticioso*, do periódico em seus textos, identificando, com base nas teorias vistas, os recursos humorísticos utilizados na construção do discurso, o posicionamento crítico das personagens frente ao que consideravam diferente, ou errado sob a suas perspectivas, e a conformidade dos temas abordados com as notícias, ou acontecimentos da semana vigente.

Verificamos, através da amostragem analisada e do jornal como um todo, esse encadeamento dos textos aos temas relevantes à região. Os reflexos da Guerra, os tributos cobrados, a passagem de companhias circenses, as festas da comunidade, as cenas da paisagem urbana e mesmo os relacionamentos, explorados sob diversos aspectos, entre outros, noticiosos ou não, sinalizam o contexto histórico do período.

A análise do *corpus* mostrou-se desafiadora em alguns momentos em virtude da distância temporal do periódico, o que torna complexa a interpretação de algumas expressões, entretanto, essa investigação provou-se até mesmo divertida. O processo investigatório que

construiu o conhecimento, até o momento, acerca do jornal, foi edificante para a jornalista, pesquisadora e autora desta dissertação. Realizar a coleta de pequenas informações que permitiram uma apropriação de conhecimento de um jornal singular esquecido resultou num sentimento gratificante único.

Reiteramos a opinião de que esta dissertação abre possibilidades e incentiva a continuidade de pesquisas sobre o *A Encrenca*, e também sobre o humorístico nos textos da imprensa na RCI. Dentre as possibilidades, elencamos o aprofundamento dos estudos do humor e sua relação com as notícias, a ironia, a linguagem, a análise de discurso, as crônicas, os textos em outras línguas como italiano, francês e as inserções de termos em alemão, polonês e a linguagem campeira. O papel da mulher sob a perspectiva do periódico e também a sua atuação nesse e a linguagem publicitária, igualmente abrem um grande leque de possibilidades à investigação. A incidência do humor textual também pode ser analisada em outros periódicos no mesmo período na região e a influência que o *Encrencasinha* possa ter nos veículos posteriores instigam a continuidade de pesquisas no futuro.

Ao final deste trabalho, acreditamos ter evidenciado como a pena pilhérica do jornal fazia uso dos recursos humorísticos em sua produção textual com foco no costumbrismo, buscando por meio do riso colocar em discussão hábitos da sociedade. Esperamos que, dada a singularidade do *A Encrenca* em seu meio, agregada à inexistência de outras pesquisas sobre o *corpus* e específicas sobre o humor escrito na imprensa local, o conhecimento produzido neste trabalho possa contribuir e incentivar novas produções acadêmicas, trazendo à luz mais informações sobre o periódico que faz parte da história local.

REFERÊNCIAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1962*. Caxias do Sul: São Miguel, 1963.

_____. *História de Caxias do Sul: Sociais*. Caxias do Sul: São Paulo, 1966.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (versão digitalizada) Disponível em books.google.com.br Acesso em 14 de abril de 2018.

ALVES, Francisco das Neves. *Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso*. In: Revista Comunicação & política. n.s. v.IX. n.3. Rio de Janeiro, 2002. p.227-244. Disponível em <http://repositorio.furg.br>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

_____.(org). *Imprensa e História no Rio Grande do Sul*. Rio Grande, RS, Furg, 2001.

_____.(org). *Imprensa gaúcha. História, historiografia e política*. Rio Grande, RS, Furg, 2000.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. *A comédia urbana: de Robert Macaire à Lanterna Mágica. Representações e práticas comparáveis na imprensa ilustrada no século XIX – entre o romantismo e o realismo*. Revista de Literatura Brasileira [12|13] ; São Paulo, p. 174-191, 2013 Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/teresa/article/view/99349/97810> Acesso em 10 de novembro de 2018.

ARENDT, João Cláudio. *Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais*. RUA [online]. 2012, no. 18, volume 2 Disponível em www.labeurb.unicamp.br/ Acesso em 29 de maio de 2016.

ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*, Trad. de Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

ARQUIVO NACIONAL - Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em www.arquivonacional.gov.br Acesso em 15 de dezembro de 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, 1892-1933) *La Divina Incenca*. 2ª ed. Reprodução integral da primeira edição de 1915. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. *O jornal A Voz da Escola: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS - 1934/1940)* - REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO- 2016 <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38094> Acesso em 25 de janeiro de 2019

BERGAMASCHI, Heloisa Délia Eberle. *A força das mulheres proprietárias: histórias de vida - 1875/1975*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1997

BERGSON, M. Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ªed., 1983.

BIBLIOTECA DIGITAL DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 22 de setembro de 2018.

BRANDALISE, Ernesto A. *Das escolas paroquiais à universidade: a Igreja em Caxias do Sul*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1988.

CAINELLI, Naivete Maria Petrochi. Depoimento em 01 de novembro de 2018. Entrevistadora Liliana Cainelli Cambruzzi Ferretti. Entrevista concedida na residência da entrevistada, Caxias do Sul, RS. Tema: Família Petrochi.

CAMBRUZZI, Aldo. Depoimento em 27 de fevereiro de 2017. Entrevistadora Liliana Cainelli Cambruzzi Ferretti. Entrevista concedida na residência do entrevistado, Bento Gonçalves, RS. Tema: Tradições italianas.

CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro. *A desautomatização da linguagem da Cocanha: entrevista satírica com Joanim Pepperoni, PhD*. REVISTA DIALOGUS, Cruz Alta, v. 6, n. 2, p. 112-121, maio/ago. 2017. Disponível em http://www.academia.edu/34351625/A_desautomatiza%C3%A7%C3%A3o_da_linguagem_da_Cocanha_entrevista_sat%C3%ADrica_com_Joanim_Pepperoni_PhD Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

CENTRO DE MEMÓRIA - Câmara Municipal de Caxias do Sul. Acervo Digital. Disponível em <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15> Acesso em 25 de março de 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CICS. CÂMARA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL: Livro de Atas ns.1, 2 e 3 da Associação dos Comerciantes de Caxias do Sul, 1901-1936. Caxias do Sul: [s.n.], 1936.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD 1875/1925- FAC-SÍMILE, 2000. Volume I

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD 1875/1925- FAC-SÍMILE, 2000. Volume II

COBEN, Ilka Stern. *Diversificação e segmentação dos Impressos*. In. LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 103- 130.

COSTA, Maria Berenice da; MOURA, Cláudia Peixoto de Moura (org.). *Memórias da Comunicação: encontros da Alcar*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

COSTA, Rovílio et alii. *As colônias Dona Isabel e Conde d'Eu*. Porto Alegre: EST /Fondazione Giovanni Agnelli, 1992.

COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Stòria e Fròtole*. Edição bilingue português e italiano. 1ª ed. Porto Alegre: EST, 2001.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis Alberto. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1979.

_____. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 2011.

COSTA, Rovílio Frei; GARDELIN, Mário. *Colônia Caxias: origens*. Caxias do Sul, RS: Edições EST, 1993.

DAMO, Luiz. *Elo de uma história: 135 anos: 1880-2015*. Caxias do Sul, RS: Ed. do Autor, 2015.

DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. Porto Alegre: EST, 1985.

DE BONI, Luís A (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE DIGITAL. Disponível em www.aulete.com.br. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. (Com a nova ortografia da língua portuguesa) 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (orgs) *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, Disponível em <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*. In. LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p . 83 - 102.

ELIAS, Valmi Carneiro. *Colônia dos peraus: a colona*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2005.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18773/manuel-de-araujo-porto-alegre> Acesso em 21 de dezembro de 2018.

ENCRENCA, A. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.1, 11 de outubro de 1914. 1-2.

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.2, 18 de outubro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.3, 25 de outubro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.4, 1 de novembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.5, 8 de novembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.6, 15 de novembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.7, 22 de novembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.8, 29 de novembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.10, 13 de dezembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.11, 20 de dezembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.12, 27 de dezembro de 1914. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.13, 01 de janeiro de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.15, 17 de janeiro de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.16, 24 de janeiro de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.17, 31 de janeiro de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.18, 7 de fevereiro de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.20, 21 de fevereiro de 1915. p.1-4.

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.21, 28 de fevereiro de 1915. 1-2.

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.22, 7 de março de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.23, 14 de março de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.24, 21 de março de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.25, 28 de março de 1915. p.1-4.

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.26, 4 de abril de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.27, 11 de abril de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.28, 8 de maio de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.29, 16 de maio de 1915. p.1-4

_____. Caxias do Sul, RS, ano 1, n.31, 30 de maio de 1915. p.1-4

ESCOBAR, José. *Costumbrismo entre Romancismo y realismo*. Glendon College, York University, 2003. Reservado todos los derechos a Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em <http://www.biblioteca.org.ar/libros/89325.pdf> Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). Obras completas Volume 7. Tradução de Fernando Costa Matos. Paulo; César de Souza. 1ªed., São Paulo, Companhia das Letras, 2017. Acesso à versão digital na íntegra disponível em <https://pt.scribd.com/document/340243990/Volume-7-O-Chiste-e-sua-Relacao-com-o-Inconsciente-Freud-Companhia-das-Letras>

FRIES, Sônia Storchi. Depoimento em 14 de outubro de 2018. Entrevistadora Liliana Cainelli Cambuzzi Ferretti. Entrevista concedida nas dependências do Arquivo Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul, RS. Tema: Família Sartori e imprensa local.

GARDELIN, Mário. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Fontes Literárias*. Caxias do Sul, RS: EST; EDUCS, 1988.

GEIER, Manfred. *Do que riem as pessoas inteligentes*. Tradução de André Delmonte e Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1977.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2001.

_____. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul, RS : EDUCS, 2004.

GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. *Caxias centenária*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. *100 anos de imprensa regional (1897-1997)*. Caxias do Sul: EducS, 2004.

_____. *Católicos x maçons: Imigrantes italianos: imprensa e lutas políticas in Imigração e Imprensa*. In. DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (orgs) *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

_____. *Identidade: cultura e memória*. Revista Métis: História & Cultura, Caxias do Sul: EducS, v. 6, n. 12, p. 137-151, jul./dez. 2007.

HEMEROTECA DIGITAL - Hemeroteca Municipal de Lisboa. Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt> Acesso em 15 de dezembro de 2018.

HENRICHS, Liliana Alberti. (org) *Histórias da imprensa em Caxias do Sul*. Caxias do Sul, RS: Museu Municipal, 1988.

HERRERO, Javier. *El naranjo romántico: esencia del costumbrismo*. HISPANIC REVIEW. Department of Romance Languages at the University of Pennsylvania. Vol. 46, n.3 (Summer 1978) pp. 343-354. Disponível em <https://hr.pennpress.org/home/> Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

IMIGRAÇÃO ITALIANA E ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS 1996, Caxias do Sul, RS. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de estudos Ítalo-brasileiros. Organizadores DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Caxias do Sul, RS: Educs, 1999.

IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

_____. (Org.). *Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS. – Caxias do Sul: EDUCS, 2001a.

_____. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares*. 2 ed. Caxias do Sul, EDUCS, 2001b.

KIRST, Marcos Fernando. *Ecos do passado*. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2016.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. *Uma história de combate e resistência*. Observatório da imprensa - Memória - 22/10/2015 na edição 873 Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/uma-historia-de-combate-e-resistencia/> Acesso em 7 de novembro de 2018.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Humor e política na Corte do Império do Brasil: os periódicos ilustrados e a elite política no século XIX*. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Disponível em www.ufrgs.br/alcar2015. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

MACHADO, Maria Abel; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história 1901-2001*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. *A gestão de documentos públicos municipais*. Métis: história & cultura, Caxias do Sul: Educs, v. 3, n. 5, p. 115-127, jan./jun. 2004.

- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de império*. In. LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p.45 - 82
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O estilo coloquial culto de Machado de Assis no Romance*. *Língua e Literatura*, v. 15, n. 18, p. 61-80,1990.
- MEDEIROS, Márcia Maria de. *A presença dos mortos na história e na literatura*. *Signótica*, v. 21, n. 1, p. 103-121, 2009. Disponível em www.revistas.ufg.br/sig/article/view/8620 Acesso em 15 de dezembro de 2018.
- MINOIS, George. *História do riso do escárnio*. tradução de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003. (versão digitalizada) Disponível em: books.google.com.br Acesso em 15 de dezembro de 2018.
- MIRANTE. Caderno do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2003.
- MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MOREL, Marco. BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MUSEU DA COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. Disponível em www.museudacomunicacao.rs.gov.br Acesso em 21 de outubro de 2017.
- NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. *A formação urbana de Caxias do Sul*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Caxias do Sul, RS: editora Maneco, 2011.
- _____. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. In: ZILLES, Urbano. 2001. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre, EDIPUCRS; Caxias do Sul, EDUCS.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- RECH, Alessandra. *Literatura de ítalo-descendentes*. In. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo, RS: Editora Méritos, 2018.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Anotações de literatura e de cultura regional*. Caxias do Sul, RS, : EducS, 2005.

SALIBA, Elias Thome. Entrevista: Elias Saliba contextualiza o humor na sociedade brasileira. Professor da USP destaca a diferença de percepção do gênero nas culturas. Atualizado em 10/04/2012. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/04/entrevista-elias-saliba-contextualiza-o-humor-na-sociedade-brasileira.html> Acesso em 15 de dezembro de 2018.

SARTORI, Pasqualina; SARTORI, Rosalina. Depoimento em 11 de março de 1981. Entrevistadores: HENRICHS, Liliana Albert; DAL BÓ, Juventino. Transcrição em 28 de setembro de 2011, por Sônia Storchi Fries. Duração 44 minutos. Entrevista concedida ao Banco de Memória, Arquivo Municipal - Caxias do Sul, RS, Tema: História de Vida, registro FG 003.

SARTORI, Tríssia Ordovás. ‘*Lá éramos servos, aqui somos senhores*’, escreveu Paolo Rossato. Jornal Pioneiro, 22 de maio de 2015. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/italianos/noticia/2015/05/la-eramos-servos-aqui-somos-senhores-escreveu-paolo-rossato-4765788.html>. Acesso em 02 de junho de 2018.

SILVA, Jandira M. M. da. CLEMENTE, Elvo. BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre : CORAG - Cia Riograndense de Artes Gráficas, 1986.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Corrige os costumes rindo: Humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1890)*. Tese de doutorado da Universidade Federal de Pernambuco. 2004. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7428> Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

SLAVUTZKY, Abrão. *Humor é coisa séria*. Porto Alegre: Arquipélago, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TERRA DA COCANHA. Disponível em <http://aterradacocanha.blogspot.com/> Acesso em 2 de fevereiro de 2019.

TINHORÃO, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil: Um Panorama da Linguagem Cômica*. São Paulo: Hedra, 2000.

VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2007.

ANEXOS

ANEXO A - Capa *O Caxiense*

Reprodução da primeira edição do jornal *O Caxiense*, de 15 de outubro de 1897.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24213&p=0>,

Acesso em 01 de junho de 2018.



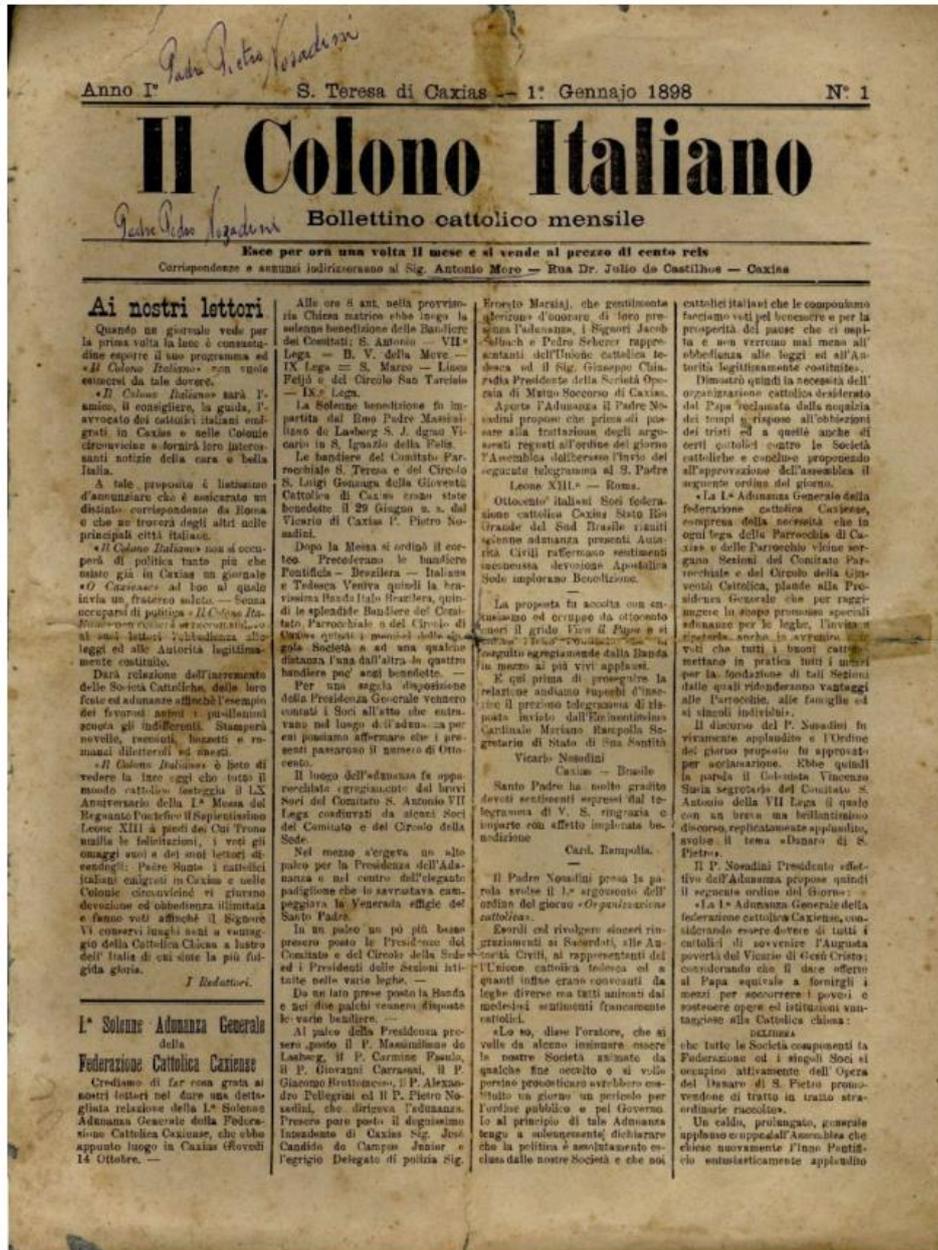
ANEXOS B - Capa Il Colono Italiano

Reprodução da primeira edição do jornal Il Colono Italiano, de 1º de janeiro de 1898.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/Documentos/3642,

Acesso em 01 de junho de 2018.



ANEXOS C - Capas O Cosmopolita (Com e sem o artigo O)

À esquerda, reprodução da primeira edição do jornal *O Cosmopolita*, de 8 de agosto de 1902.

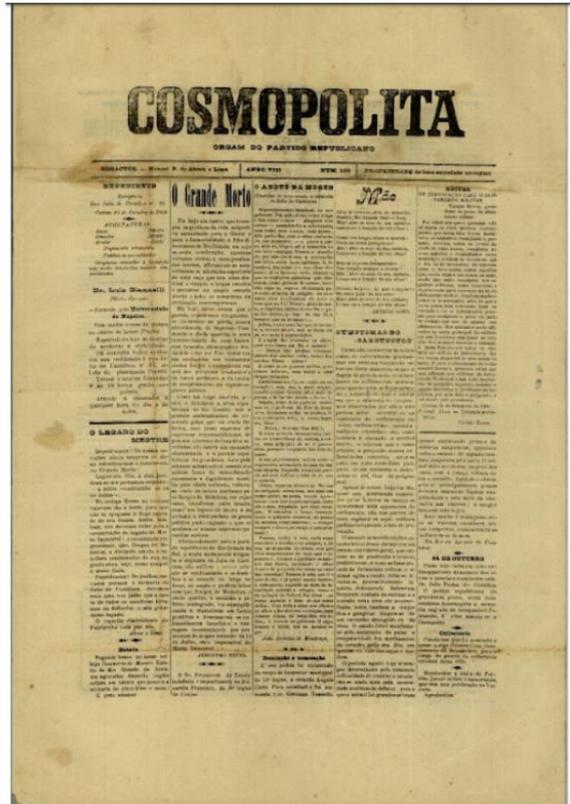
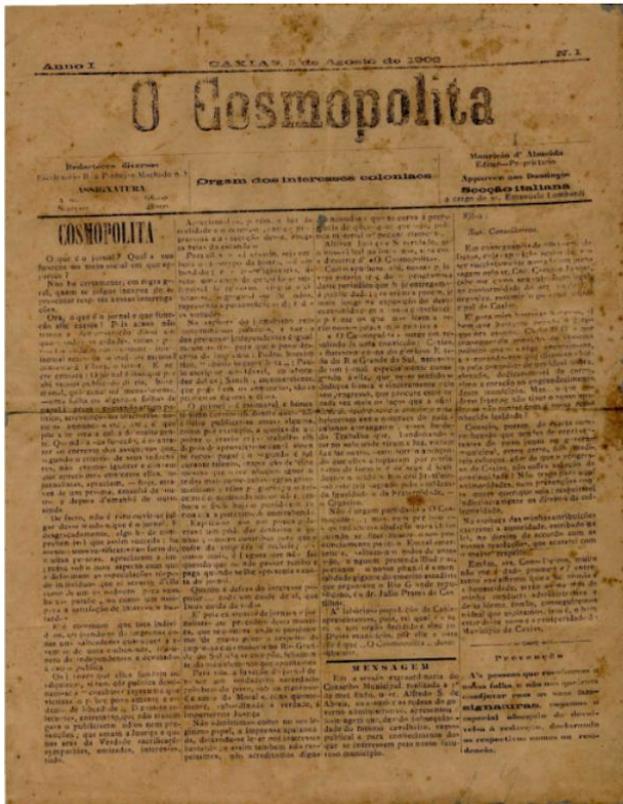
Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25710&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.

À direita, reprodução da última edição do jornal *Cosmopolita*, de 24 de outubro de 1908, sem o artigo O.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25839&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.



ANEXO D - Capa Gazeta Colonial

Reprodução da edição 30 de junho de 1906 do Jornal *Gazeta Colonial*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25846&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.



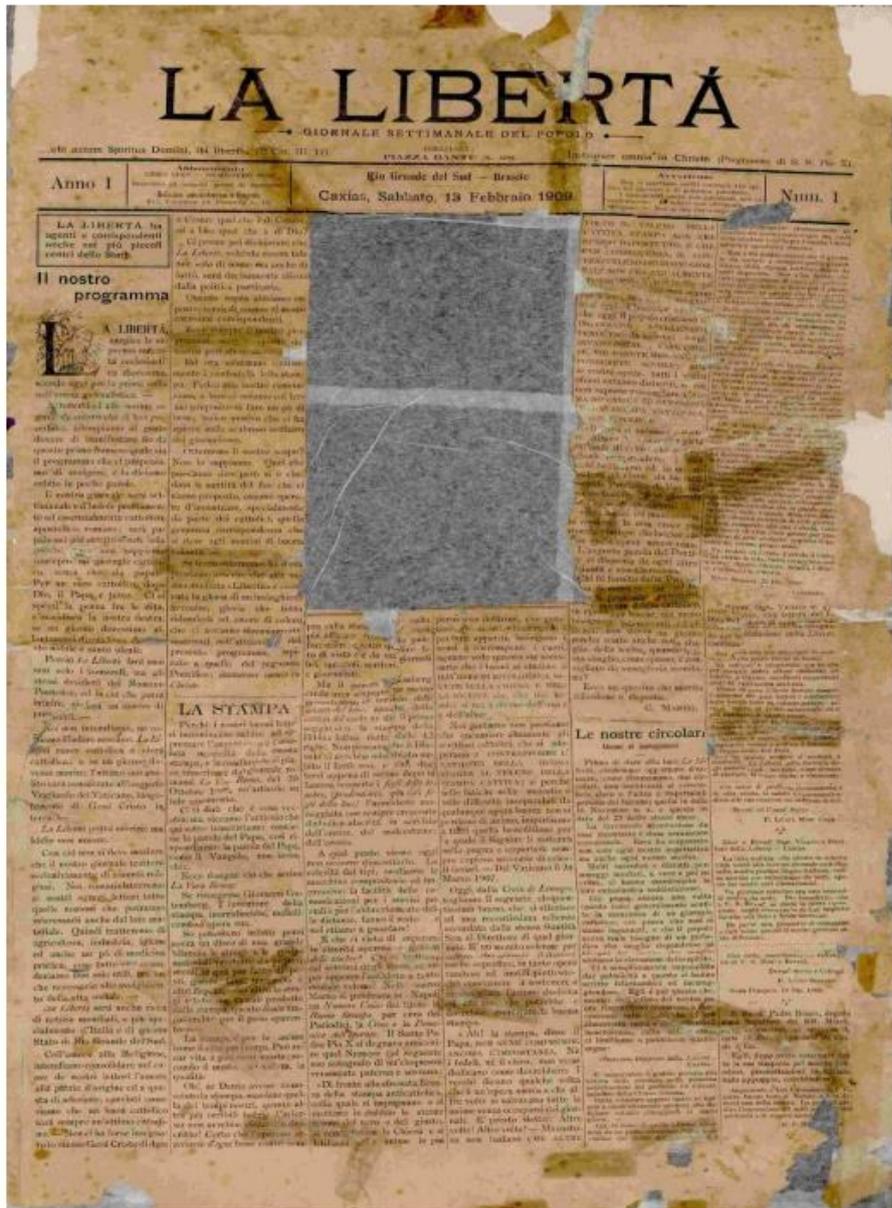
ANEXO E - Capa *La Libertá*

Reprodução da primeira edição de 13 de fevereiro de 1909 do jornal *La Libertá*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=65426&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.



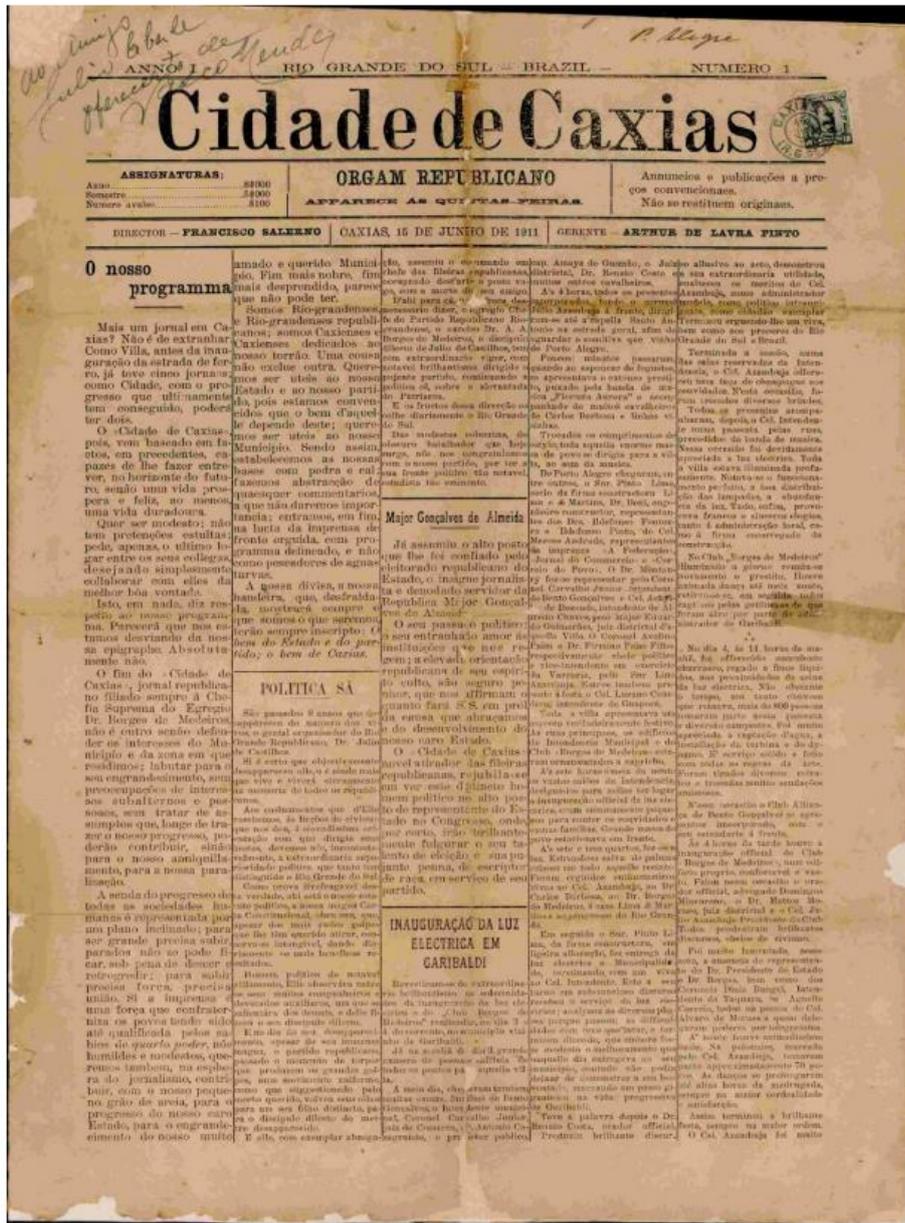
ANEXO F - Capa Cidade de Caxias

Reprodução da primeira edição de 15 de junho de 1911 do jornal *Cidade de Caxias*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=63108&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.



ANEXO G - Capa Città di Caxias

Reprodução da primeira edição de 1º de janeiro de 1913 do jornal *Città di Caxias*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Disponível em

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=63378&p=0>, Acesso em 01 de junho de 2018.



IL NOSTRO PROGRAMMA

Il nostro programma è di... (text continues in columns)

Una festa nacional

Il nostro scopo è... (text continues in columns)

La Direzione

Il nostro scopo è... (text continues in columns)

Provvedimento necessario nelle cooperative

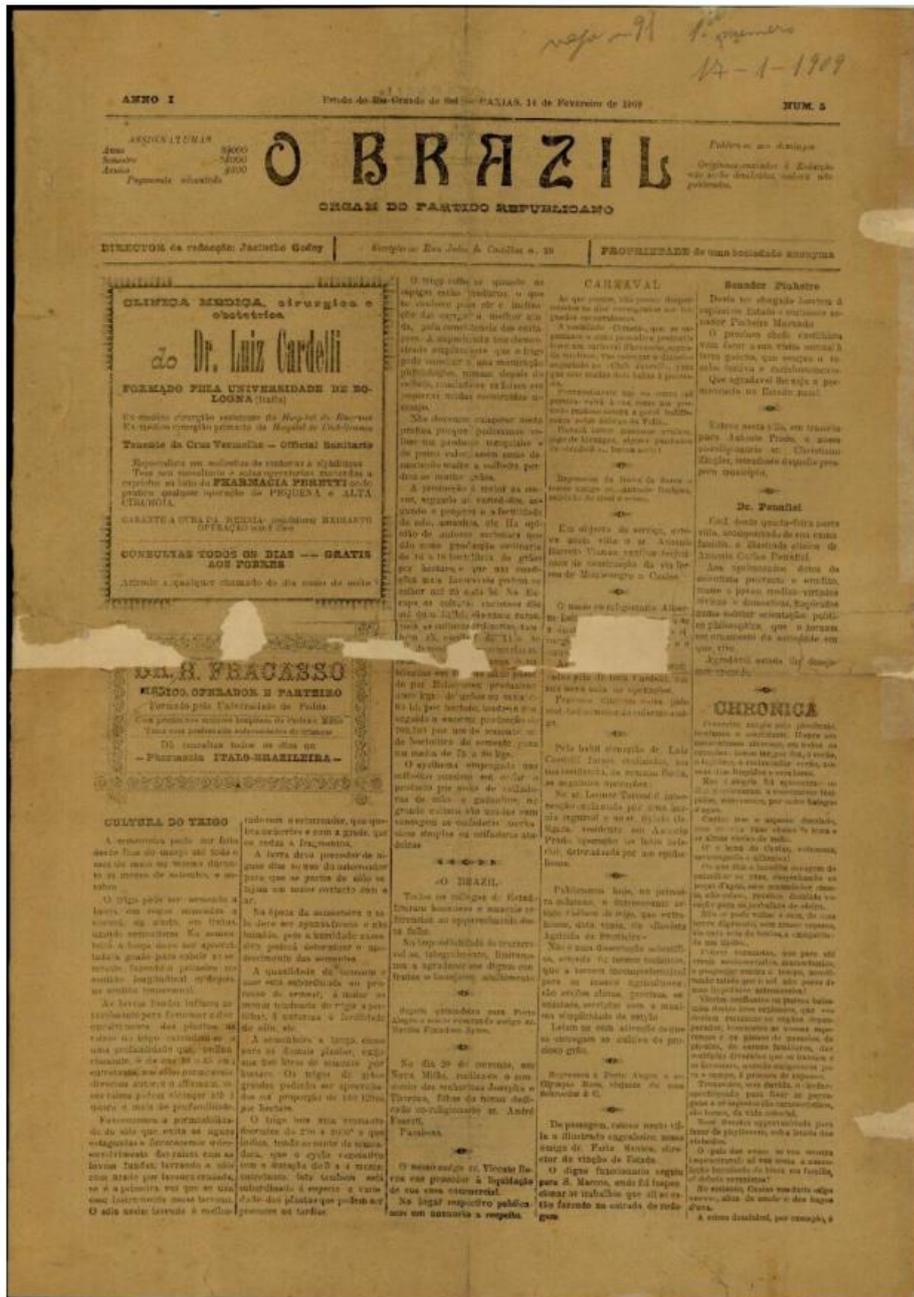
Il nostro scopo è... (text continues in columns)

La compagnia della mela

Non sapete, ma per tempo... (text continues in columns)

ANEXO H - Capa O Brazil

Reprodução da quinta edição de 14 de fevereiro de 1909 do jornal *O Brazil*.
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
 Disponível em
<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25363&p=0>, Acesso em
 01 de junho de 2018.



ANEXO I – Capa *O Pirralho*

Reprodução da capa e sobrecapa da primeira edição de 12 de agosto de 1911 do jornal *O Pirralho*.

Fonte: Biblioteca Nacional.

Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br>

Acesso em 15 de dezembro de 2018.



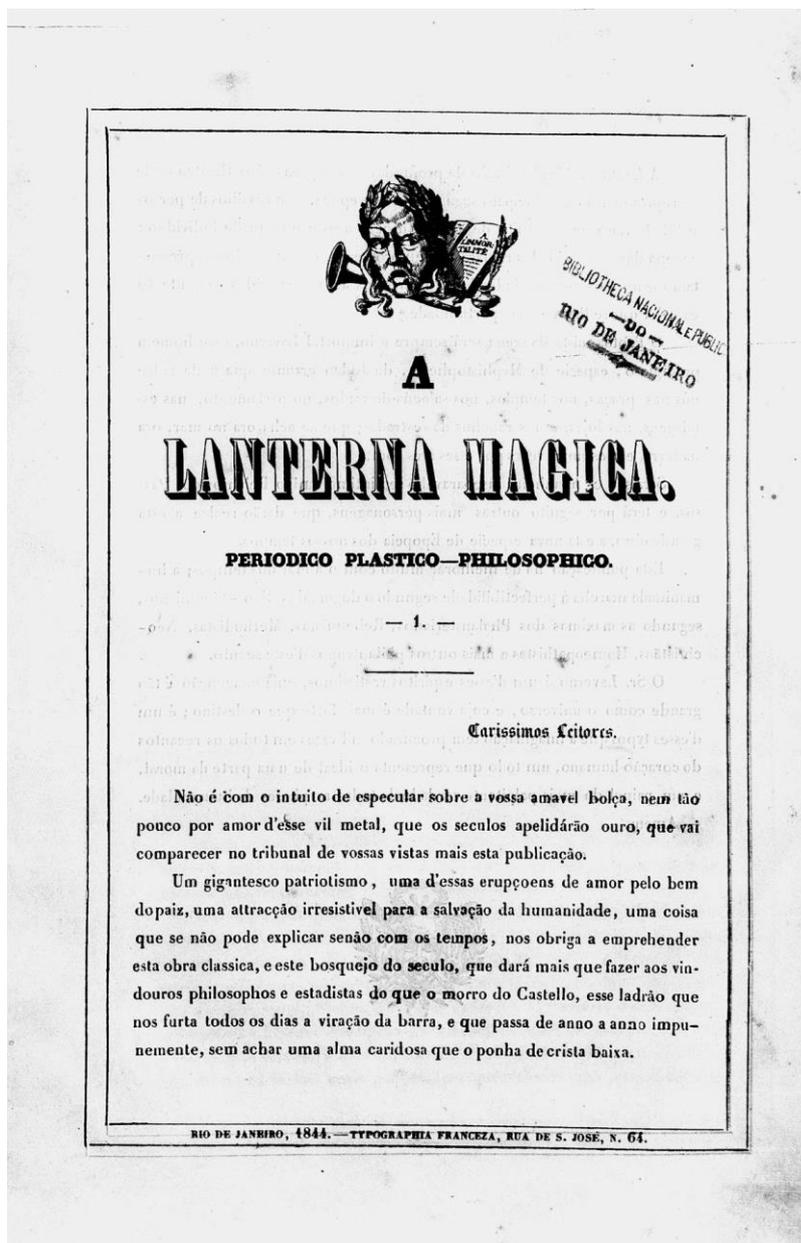
ANEXO J - Capa A *Lanterna Mágica*

Reprodução da capa da primeira edição do jornal *A Lanterna Mágica*: Periodico Plastico-Philosophico (RJ) - Ano 1844\Edição 00001

Fonte: Biblioteca Nacional

Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br>

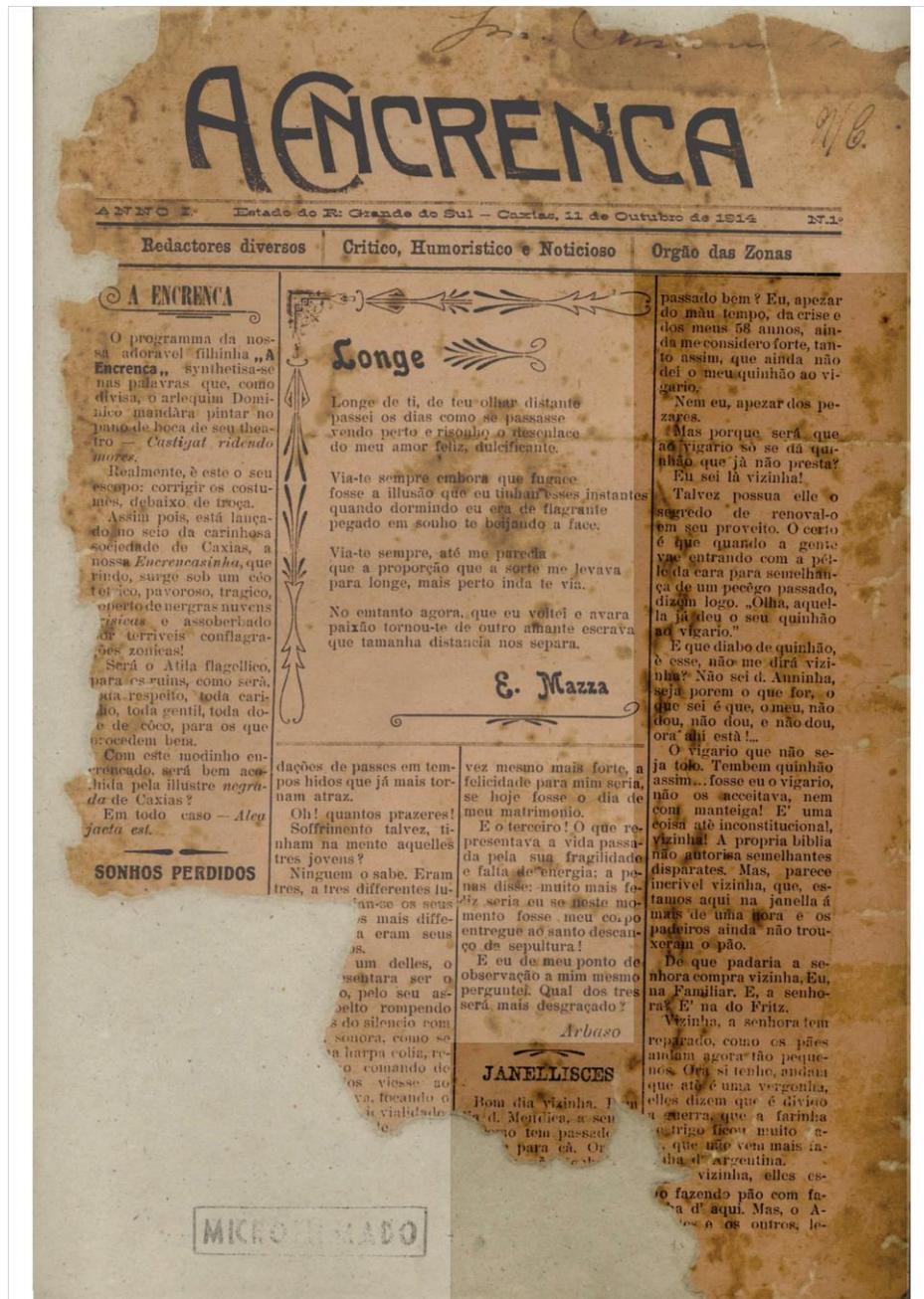
Acesso em 10 de novembro de 2018.



ANEXO K - *Janellises* - Edição n.1

Detalhe. Reprodução da capa da edição n.1, de 11 de outubro de 1914, com destaque gráfico ao texto da seção *Janellises*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



ANEXO M - Janellisses - Edição n.12

Detalhe. Reprodução da capa da edição n.12, de 27 de dezembro de 1914, com destaque gráfico ao texto da seção Janellisses.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



A CRESCENÇA

ANNO I - Estado do Rio Grande do Sul - Caxias, 27 de Dezembro de 1914 N. 12

Redactores diversos Critico, Humoristico e Noticioso Orgão das Zonas

NATAL

O pequeno Carlos permanecia pensativo na cama; perto d'elle, á mão, uma pilha de brinquedos, livros, imagens; entretanto não brincava, não lê; conserva os olhos pertinazmente fixos sobre um quadro, que está em frente ao leito: é o nascimento do menino Jesus; S. José e a Santa Virgem contemplando o caro Filho e as duas cabeças aproximadas parecem confundir-se ao longe.

Carlos suspira tão ruidosamente que faz sobresaltar-se a irruazinha que, á força de calcular a boneca, acabou por adormecer.

— Dize, Nial, mamãe te chama seu anjinho; o que dirias si fosses um anjo de verdade?

— Não posso ser um anjo de verdade por que não tenho asas, e depois não quero deixar mamãe.

— Não se trata de partires, nem de tires asas; não sabes isso, no catholicismo nos explicam que os anjos eram os mensageiros do bom Deus, são elles que cumprem as ordens d'Veia, e então, como tenho de escrever uma carta para entregar ao bom Deus e não posso me levantar, é preciso que tu m'a leves; somente as meninas fazem muito e eu quero fazer uma surpresa a mamãe.

— Eu te prometto que nada direi a ninguém, nem mesmo á minha boneca, e irei directinha levar a tua carta.

Carlos fita a irmã com ar desconfiado, mas os 4 annos da pequenina a animam um pouco; ella não poderá fazer indiscipliões, pois não sabe ler.

— Vae á minha mesa, acharás uma pilha de papel pautado, um envelope e um lapis, traze-me e prevenirás si ouvires alguem entrar.

Nial, orgulhosa de uma missão de confiança, traz bem depressa os objectos pedidos e olha com admiração para o irmão, que vas escrever ao bom Deus.

— É bonito ter sete annos, suspirou ella.

— Tu es terás tambem, si fores gentil e não fores tagarela como uma piga.

Nial senta-se com ar pensativo, reflectindo que o silencio d'ella uma grande vantagem.

— Esperamos que os seus redactores, saibam

tenho coragem de brincar, é melhor mandal-os aos pobres-zinhos. Mas, ha dois mezes, papae se zangou com mamãe. Ficou muito triste, viu-o enxugar uma grande lagrima; então se voltou contra mim, dizendo: 'Sempre essas peccadellas nas pernas, nunca se está tranquillo aqui.'

Desde essa época, mamãe chora sempre, está pallida, em nada mais pensa; assim o carinho ficou 3 dias sem ter horas frias.

Vede, meu bom Jesus! isso não pode continuar assim; estou muito doente, não posso deixar a cama e ir buscar papae.

Olhando vosso retrato vi que S. José e a Santa Virgem cuidavam de vos bem gentilmente, então pensei que quando uma criança está de cama doente, os paes devem estar unidos perto d'ella.

Fazei, ó meu Jesuszinho, que mamãe e papae voluam perto de casa leito de mãos dadas.

Pensarei no vosso berço, ó meu querido seahorzinho, e não restareis.

Vosso filhinho
Carlos.

CHRONIQUEIRA

Finalmente a nossa municipalidade, já mandou collocar uns portões na Praça Dante, a bem de franqueal-a ao publico.

Está pois, a nossa população de parabens, especialmente as nossas gentis leitoras, de quem fomos gostosamente adovogados, pelas columnas do nosso modesto periodico, o qual está sempre inteiramente, ao dispor do bello sexo.

Pois bem está aberta a Praça vejamos agora como responderá o nosso publico, o trabalho, dispendio e gosto, da nossa municipalidade.

Sim, porque, a dificuldade não está somente na organização de um jardim para recreio publico, e sim na conservação do mesmo.

Esperamos que os seus redactores, saibam

conserval-o não arrancando as flores nem pisando sobre a grama dos cantileiros.

Quanto a criançada, permita-nos que tenhamos a franqueza de dizer: que a de Caxias, é impossivel, possui o instinto bem caracterizado da destruição.

Portanto urge que, a municipalidade a cuide e ensinando-a ser respeitadora, isso se quizer possuir o jardim da Praça Dante.

Esperamos que a Praça no verão esteja aberta até as 10 horas da noite e no inverno até as 9 devidamente policiada, e depois feixada, a bem de evitar a pratica de certos actos e abusos, que redundaria na desmoralisação de tão util e proveitoso local.

Sin-d-i-K.

JANELLISSES

Visinha, a senhora já vio povinho mais assanhado, do que este de Caxias?

Olhe d. Procopia, que eu tambem moro aqui, e a senhora está me offendendo.

Cruz visinha, eu não me refiro a senhora. Então com quem é?

Ora com quem é, com aquelles que não tem dinheiro para pagar as dividas, mais vão todas as noites aos cavallinhos.

A senhora ainda não foi, dizem que a companhia é muito boa?

Sim, eu fui com o meu velho e as meunhas no domingo.

E gostou? Para fallar a verdade, só gostei do trabalho das Japonezas e dos saltos do Toni, quando dos taes elephants, não gostei nada, porque são dois bichos nojentos.

Mas, quem era os taes, que não pagam as dividas e que estavam lá?

Chegue aqui que eu lhe digo no ouvido: éra... Mas o tio Nato, Lino, Viale, Mariante, padeiros e açougueiros é que estão ganendo.

Olha visinha, aquelle ultimo que a senhora me disse, não paga a leiteira a tres mezes.

Ah, aqui tem muita gente assim, que vive no luxo, com a barriga apertada e cheias de dividas.

Mais visinha, como é que todo o mundo falla em crise, e no entretanto todas as noites o circo está cheio, onde é que vão buscar dinheiro? Eu não sei como é isso, o que eu sei, é que o dinheiro que não dá cria, é o da

Procopia.

ANEDOTAS (Caxienses)

Pergunta o Carlos Balem, fiscal da intendencia, ao Aducto: devesse cobrar o imposto dos cavallinhos?

Responde o Aducto: Os cachorinhos não pagam imposto, eu tenho ordem de cobrar dos grandes, para se botar o numero na colleira.

Entra o Octaviano, na Estação Telegraphica, encontrando lá o amigo Sebrão, diz-lhe: O que é isto Sebrão, você cada vez ingrossa mais.

Responde o Sebrão: Você está enganado, n'arragato não ingrossa ninguém, isto é bom para vocês.

Ao que o Octaviano retruca: Eu fallo sobre a tua gordura.

Ah! isto é o

responde o Se

ANEXO N - *Janellises* - Edição n.28

Detalhe. Reprodução da página 2 da edição n.28, de 9 de maio de 1915, com destaque gráfico ao texto da seção *Janellises*.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A ENCRENCA

o aquilhão de escorpião.
E este homem, austero presidente de uma «Sociedade» cognominada *das Carolinas*, que floresceu num dos mais pittorescos arrabaldes de Caxias, é que vai viver na intimidade silenciosa do lar!

Ah! si o tempo na sua terrível faina de transformação, não dissolvesse o nosso governo do povo pelo povo, condemnámo-nos à pena máxima: Fornecer a roupa lavada e o jantar durante um anno e semanalmente as entradas do Coliseu.

Feliz

—→ AS VISINHAS ←—

Bom dia D. Procopia, o que é feito da senhora, ha tres semanas que não ha vejo, tem estado doente? Eu, graças a Deus, não, mais tenho estado cuidando da comadre, que teve quasi *vue, não vai.*

Qual comadre visinha? Então a senhora não sabe, que a comadre «Encrenca, ceteve a morte? Ah, è por isso, que faz tres Domingos, que eu não tenho visto na rua. Pudera não, pois a coitada esteve *mal.* Mas, de que molestia, esteve atacada ella visinha? Eu mesmo não sei, os medicos que tiveram tratando della, diziam que a coitada estava soffrendo de *mal de pança.* Então estava em estado grave?

Sim, tanto que se esperava que ella comprasse uma *filha.* E, não comprou? Felizmente não visinha, chamaram o *doutor Spigolin*, que deu um remédio para a *mãe*, para curar a *filha.* Eu imaginio visinha, como muita gente, não havia de ficar contente, si a sua comadre «Encrenca, *morresse.* Mas, porque a coitada, não ficou assim? E' muita gente, del'osta.

—Não tem razão, d. Encrenca, certaste, não to embora

ella as vezes dê certas alfinetadas, mais são necessarias visinhas, para quobrar a nossa burguezia monotonia.

Estou de pleno accordo visinha, d. «Encrenca», tem educação bastante e o criterio preciso, para brincar, sem ofender à que quer que seja, a senhora não acha?

Ora si acho, e a prova disso, esta na estima que ella gosa no nosso meio, tanto assim, que durante estas tres semanas que ella não tem podido sahir, todo mundo vive a perguntar. Quando é que «A Encrenca, sahe? Já vê a senhora, que ella è querida e estimada especialmente pelo bello sexo.

Agora um conselho d. Procopia, cuide bem da sua comadre, não vá deixar ella ter alguma *recahida* e complicar se a *zona.*

Não tenha cuidado, a comadre este anno, não morre mais de morte *morrida*, porque o *doutor Spigolin*, isso garantio, e os seus innumerables apreciadores não querem, assim pensa a sua criadada.

Procopia

—→ AINDA ←—

Meia noite... Recanto do salão estival... A orchestra começa um tango.

—Ah um tango!... A doçura desta musica... Venha... vamos dançar o tango...

Não è verdade que eu sou um lindo par?... e issim, com o vestido bem collante, de uma cor que as luzes apalizam... Venha... leve-me n'um sonho, ao rythmo dormimento dos violinos... quero viver uns minutos de tristeza e de alegria... diga-me palavras lentas, que façam chorar e rir... Venha... o tango è maravilhoso!

—Mas, a minha amiga não è catholica?... Bem sabe que Igreja prohibiu o tango aos fieis.

—Que importa!... E' a moda!... è a exasperação

da moda... Quando o tango cahir em dezuzo, eu voltarei a Deus, como a ovelha desgarrada... Com tudo, agora, não posso, è mais forte do que eu essa melodia languida, envenenante... Venha... vamos dançar o tango... O tango è o systema nervoso da mulher de hoje... eu sou do meu tempo!... E foram dançar o tango...

Paçoça

—→ ANEDOTAS ←—
(Caxienses)

Uma manhã destas, achava-se na porta do seu confortavel «Salão Paris», um dos seus proprietario, o nobre amigo Costa, quando se para na sua frente, um *serrano*, e lhe pergunta: O moço, o senhor tem *arame?*

Ao que responde o Costa, antes tivesse meu amigo, porque então, não precisava fazer barbas, desde a manhã a noite.

Pergunta-lhe então o *serrano*: O senhor não sabe me dizer onde tem?

Responde o Costa, ali no Banco Pelotense e no da Provincia, tem muito.

Pergunta-lhe então o *serrano*, não sabe me dizer, a quanto è, que elles vendem o rolo?

O Costa dá o desespero e manda o *serrano*, comprar um *bôde.*

O mentiroso

—→ JOGOS DE PRENDAS ←—

Os jogos de prendas nunca perdem a voga. Todos os brinquedos passam; sô elles não passam da moda. Os nossos avôs se divertiram no seu tempo com esses jogos interessantes e innocentes, que ainda hão de divertir os nossos netos.

O que forma a parte mais curiosa dos jogos de prendas são as penitencias. Quanto mais variadas e curiosas são as penitencias, tanto melhor fica o brinquedo; por isso è conveniente saber muitas differentes.

A esmola

O penitente, se è homem, se ajoelha deante de uma moça e suspira lastimosamente como um poltre que espera esmola

A moça pergunta: —Que quer você? pão? um nickell!

Elle responde: Um boijo.

A moça diz: —Deus o favoreça, irmão!

Elle levanta-se e vai repetir a pergunta a outra moça, até que encontre uma bastante caridosa, para lhe dar o que lhe pede, apresentando-lhe a mão ou o pé.

Se a penitente è uma moça, faz a mesma coisa deante dos rapazes.

O imprevisto

Se o penitente è um poeta, pode-se dar-lhe como penitencia fazer uma composição poetica dando-se as rimas. Para esse fim se escolhem as palavras mais extravagantes e sem relação uma com a outra, para que sala uma estrofe que cause riso. Ex: as rimas *estilo, senhora, grilo, nanora*, ou outras igualmente extravagantes.

Declaração de amor

O penitente se ajoelha aos pés da moça (ou se è moça, aos pés do rapaz) e faz sua declaração de amor.

Quanto mais exaltada for, mais applaudida será.

Fazer de mudo

O penitente a quem tocar «fazer de mudo» deve obedecer, sem uma palavra, todas as ordens que os outros lhe forem dando por signaes.

Papagaio

O penitente pergunta: —Se eu fosse papagaio, que faria de mim a senhora?

—Eu lhe ensinaria a dizer: «Papagaio real, por Portugal! El-rey vae à caça! Dê cá o (pê meu louro.)

A' medida que a pessoa fór dizendo, o papagaio deve ir repetindo.

O pedaço de papel

—Se eu fosse papel, que faria Senhora (ou senhor) de mim?